

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Luiz Felipe Sausen de Freitas

**A IDENTIDADE MISSIONEIRA NA ÁREA DOS SETE POVOS DAS
MISSÕES JESUÍTICO-GUARANI**

Santa Maria, RS
2016

Luiz Felipe Sausen de Freitas

**A IDENTIDADE MISSIONEIRA NA ÁREA DOS SETE POVOS DAS MISSÕES
JESUÍTICO-GUARANI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo), Área de Concentração Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Vera Maria Favila Miorin

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Freitas, Luiz Felipe Sausen de
A identidade missioneira na área dos sete povos das
Missões Jesuítico-Guarani / Luiz Felipe Sausen de
Freitas.- 2016.
153 p.; 30 cm

Orientadora: Vera Maria Favila Miorin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2016

1. Missões 2. Identidade Missioneira 3. Pertencimento
ao Lugar I. Miorin, Vera Maria Favila II. Título.

© 2016

Todos os direitos autorais reservados a Luiz Felipe Sausen de Freitas. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: felipe_sausen@yahoo.com.br

Luiz Felipe Sausen de Freitas

**A IDENTIDADE MISSIONEIRA NA ÁREA DOS SETE POVOS DAS MISSÕES
JESUÍTICO-GUARANI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo), Área de Concentração Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**.

Aprovado em junho de 2016:

Vera Maria Favila Miorin, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Gilda Maria Cabral Benaduce, Dr^a. (.....)

José Adolfo Iriam Sturza, Dr. (.....)

Santa Maria, RS
2016

*À Iara, Carlos,
Geracilda, Castelar, Altanira, Lourenço,
Andressa, Guilherme e Helena
por sempre estarem próximos
e torcerem por mim.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora Dra. Vera Maria Favila Miorin, pelo acompanhamento e auxílio em todo período de pesquisa, fundamental para meu crescimento acadêmico. À UFSM por toda estrutura que disponibiliza à realização de seus alunos da graduação e pós-graduação, assim como ao PPGGEO, que mantém proximidade com seu quadro discente, procurando prestar o devido auxílio.

A todos os professores do curso de Geografia da UFSM, em especial aos professores: Dr. Eduardo Schiavone Cardoso e Dra. Gilda Maria Cabral Benaduce, pelas contribuições significativas a esta pesquisa; bem como ao professor Dr. José Adolfo Iriam Sturza, por seu aceite em fazer parte da banca de defesa desta dissertação. À Iolanda, colega de curso e de orientação, pelo acompanhamento acadêmico e pela amizade criada no período. Aos colegas que, pela afinidade, tornaram os dias mais leves, em especial ao Daniel, “premiado”, e ao Anderson, bem como aos demais amigos que, em conversas auxiliaram no andamento da investigação do então projeto de pesquisa.

À Leonice, pelas sugestões em momentos difíceis e à Suzana, conterrânea que trouxe importantes contribuições. Ao Edipo, pelo significativo auxílio em etapas do desenvolvimento da investigação. À Taiane, por sua amizade e amparos à pesquisa. Aos missionários que se colocaram à disposição e muito contribuíram com suas informações para as análises e resultados deste trabalho.

Ao professor Olavo José Bortolotto pelo cuidado e dedicação durante a correção da estrutura da língua portuguesa brasileira apresentada nesta dissertação.

Em especial agradeço aos meus familiares, motivo maior de todo o meu crescimento: meus pais pelo acompanhamento, carinho e preocupações e a Andressa e Guilherme, pelos auxílios espontâneos, amizade e amparo sempre próximos; à Helena, por tornar mais felizes os dias da família; aos meus avós pelos incentivos e inúmeros auxílios em toda trajetória de vida; ao Menotti, presença constante em nossos dias, fazendo os mesmos mais alegres. Aos demais familiares, pela descontração proporcionada e por todo apoio na trajetória acadêmica e de vida.

Aos conterrâneos, amigos de infância, que sempre estiveram torcendo a meu favor.

RESUMO

A IDENTIDADE MISSIONEIRA NA ÁREA DOS SETE POVOS DAS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANI

AUTOR: Luiz Felipe Sausen de Freitas
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Vera Maria Favila Miorin

De acordo com alguns estudos, sabe-se que a Região Missioneira do Rio Grande do Sul, a partir de determinado período, incentivou a população que ali estava estabelecida a cultuar o passado missioneiro e, de certo modo, se sentir pertencente ao lugar que outrora foi palco de uma grande história. A partir dos subsídios de pesquisas anteriores que caracterizaram a identidade missioneira, sobretudo sua construção, este estudo aborda o fenômeno através do viés geográfico, propiciado pela interpretação geográfica da corrente humanista e, sobretudo cultural, de valorização das relações entre pessoas e o lugar. Diante de uma abordagem fenomenológica, procurou-se ressaltar a percepção das pessoas sobre o local, se fez a análise identitária dando ênfase as relações de pertencimento dos indivíduos perante a região de vida e a todo seu contexto histórico como elemento diferenciador. O estudo ao valorizar as percepções a respeito do lugar identificou um missioneiro cheio de orgulho da história do lugar e de seus personagens históricos valorizados no cotidiano. Mesmo aqueles que são induzidos a se sentirem missioneiros. Percebeu-se na população a nostalgia e o sentimento missioneiro se evidenciando no contato com pessoas de outras regiões, bem como quando o nativo acaba se distanciando de suas origens para morar em outro lugar. Acredita-se que o contato direto com uma paisagem impregnada de símbolos que remetem ao passado missioneiro, induz os nativos a se sentirem parte de uma história que é ressaltada por aspectos positivos. Os municípios locais fazem uso da temática histórica no presente, ressaltando o passado, cada um a sua maneira, destacando peculiaridades que os diferenciam, inclusive no contexto regional. Em relação aos municípios percebe-se um evidente enraizamento missioneiro, porém a motivação a tal sentimento, mesmo apresentando semelhanças, possui sempre algumas diferenças entre os municípios locais, motivadas acima de tudo pelo modo com que os mesmos fazem uso do contexto histórico. A identidade que se verifica nas Missões, se destaca pelo forte uso da diferença, onde elementos simbólicos que aludem a história local são ressaltados. Heranças do passado são significativamente valorizadas e são presentes nos discursos, porém a identidade e o pertencimento missioneiro ligam-se ao senso comum. As vivências e o tempo de fixação em um mesmo lugar denotam certo enraizamento das pessoas, que justificam o sentimento de pertencimento por toda uma experiência de vida nesta porção do espaço.

Palavras-chave: Missões. Identidade Missioneira. Pertencimento ao Lugar.

BSTRACT

MISSIONARY IDENTITY IN THE SETE POVOS DAS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANI AREA

AUTOR: LUIZ FELIPE SAUSEN DE FREITAS
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a VERA MARIA FAVILA MIORIN

According to some studies, it is known that the Região Missioneira of Rio Grande do Sul, from determined period on, encouraged the population there was established to worship the missionary past and, somehow, feel belonging to the place, which once was a great history scene. From previous research subsidies that characterized the missionary identity, particularly its construction, this study addresses the phenomenon through a geographic bias, made possible by a geography humanist current and, all above cultural, the relationship between people and place appreciation. Facing a phenomenological approach, emphasizing the place people's perception, it became an identity analysis, emphasizing the people belonging relations to the region and its historical context, being a differentiator. In the present study, which valued the place perceptions, it was noticed above all, a missionary full of place, history and historical characters pride, valuing it day to day. Even induced to feel missionary, was realized a kind of nostalgia in the population, where the missionary feeling is evident with the other regions people contact, being very afforded when native moves away from its origins to live in another place. Direct contact with impregnated symbols landscape that remind the missionary past, induces the natives to feel part of a highlighted positive aspects history. Local counties use the historical question in the present, all highlighting the past, each in their own way, highlighting peculiarities that differentiate them, including at the regional context. Respect to residents, it's noticed a very clear missionary rooting, but the motivation to such a feeling, even having similarities, always has some local counties differences, motivated, about everything, by the way they make use of historical context. The identity that exists in the Missões, stands out for its strong differences use, highlighting symbolic elements alluding to local history. Past legacies are greatly valued and present in the speech, but the identity and missionary belonging are closely linked to common sense. The experiences and the same place fixture time, denote certain people rooting, justifying the belonging feeling of a lifetime experience at that place portion.

Keywords: Missões. Missionary Identity. Belonging Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa de localização da área de estudo	20
Figura 2 –	Primeira fase missioneira no Rio Grande do Sul	23
Figura 3 –	Técnica “Bola de Neve”: cadeia de informantes	68
Figura 4 –	Cruz Missioneira, Trevo de acesso a Entre-Ijuís, RS	72
Figura 5 –	Sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, RS	75
Figura 6 –	Hotel em construção nas margens da BR 285	76
Figura 7 –	Coleção infantil reino Grande do Sul, Mapa do Reino Imaginário	77
Figura 8 –	Pórtico de acesso ao Município de São Miguel das Missões, RS	79
Figura 9 –	Cruz Missioneira na Catedral, São Borja, RS.....	139
Figura 10 –	Cruz Missioneira no Cais do Porto, São Borja, RS.....	139
Figura 11 –	Pórtico de acesso a cidade de São Borja, RS	140
Figura 12 –	Ruínas do Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir	141
Figura 13 –	Brasão Municipal de São Luiz Gonzaga.....	141
Figura 14 –	Placa em homenagem a Sepé Tiaraju.....	142
Figura 15 –	Monumento em homenagem a Sepé Tiaraju.....	142
Figura 16 –	Banner alusivo a Capital Estadual da Musica Missioneira.....	143
Figura 17 –	Cruz Missioneira, Trevo de Acesso a São Luiz Gonzaga.....	144
Figura 18 –	Lixeira Pública na Praça da Matriz, São Luiz Gonzaga	144
Figura 19 –	Monumento à Família Guarani, Santo Ângelo, RS.....	145
Figura 20 –	Catedral Angelopolitana de Santo Ângelo, RS	145
Figura 21 –	Cruz Missioneira da Praça Pinheiro Machado.....	146
Figura 22 –	Túnel dos 30 Povos da Praça Pinheiro Machado, Santo Ângelo, RS	146
Figura 23 –	Espaço Infantil da Praça Pinheiro Machado, Santo Ângelo, RS.....	147
Figura 24 –	Cartaz promocional do turismo regional da FUNMISSÕES e AMM ...	147
Figura 25 –	Banner do Oitavo Canto Missioneiro	148
Figura 26 –	Passo do Padre, município de São Nicolau, RS.....	149
Figura 27 –	Pórtico em construção, São Nicolau, RS.....	149
Figura 28 –	Sítio Arqueológico da Redução de São Nicolau, RS	150
Figura 29 –	Logomarca do Município de São Nicolau, RS	150
Figura 30 –	Brasão do CTG O Grito de Sepé, Entre-Ijuís, RS.....	151
Figura 31 –	Escudo do Esporte Clube Sepé Tiaraju, Entre-Ijuís, RS.....	151
Figura 32 –	Sítio Arqueológico de São João Batista, Entre-Ijuís, RS	151
Figura 33 –	Interior do Ponto de Memória Missioneira, São Miguel das Missões, RS.....	152
Figura 34 –	Brasão do Município de São Miguel das Missões, RS	152
Figura 35 –	Pórtico de acesso a São Miguel das Missões, RS	153
Figura 36 –	Folder alusivo ao roteiro Iguassu-Missões, RS	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 CAPITULO – SUBSÍDIOS DA FENOMENOLOGIA AO ENTENDIMENTO E SIGNIFICADO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO MUNDO-VIVIDO.....	29
1.1 IDENTIDADE COMO FENÔMENO DA SUBJETIVIDADE	29
1.2 SENTIMENTO DE RELAÇÕES PROFUNDAS COM AS TRADIÇÕES HERDADAS.....	33
1.3 IDENTIDADE NO ESPAÇO-VIVIDO, TERRITÓRIO E LUGAR.....	35
1.4 IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO	41
1.5 IDENTIDADE E SEUS SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO	44
1.6 IDENTIDADE E PASSADO	48
2 CAPITULO – CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO À INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.....	53
2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA PROCESSUAL DO CONHECIMENTO SUBJETIVO.....	60
3 CAPITULO – IDENTIDADE DA REGIÃO MISSIONEIRA E SUAS PRINCIPAIS REPRESENTAÇÕES SIMBOLOGICAS.....	71
4 CAPITULO – REGIÃO MISSIONEIRA E SUA IDENTIDADE: RESULTADOS.....	83
4.1 ENTREVISTAS COM INDIVÍDUOS QUALIFICADOS: TÉCNICA “BOLA DE NEVE”	83
4.2 ENTREVISTAS ALEATÓRIAS NA REGIÃO MISSIONEIRA	97
4.2.1 Município de São Borja	98
4.2.2 Município de São Luiz Gonzaga	102
4.2.3 Município de Santo Ângelo.....	106
4.2.4 Município de São Nicolau	110
4.2.5 Município de Entre-Ijuís	113
4.2.6 Município de São Miguel das Missões.....	116
5 CONSIDERAÇÕES GERAIS	121
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICES.....	135
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM INFORMANTES QUALIFICADOS	137
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS ALEATÓRIAS COM A POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS.....	138
APÊNDICE C – ALBUM FOTOGRÁFICO DOS SÍMBOLOS MISSIONEIROS POR MUNICÍPIOS	139

INTRODUÇÃO

Ao assumir a terminologia Identidade Missioneira como elemento principal da pesquisa, é necessário ter em mente o passado histórico para relacionar suas contribuições com os acontecimentos atuais da região Missioneira, pois se estará sempre focalizando os termos identidade e pertencimento com relação não apenas ao lugar que confere e permite entender uma história diferenciada, mas também as relações do passado com o presente, as quais são úteis na medida em que se analisam diferentes elementos constituintes deste processo.

Como abordar o termo Identidade Missioneira, sem relacionar resquícios de seu passado, tais como, a Ancestralidade Guarani e o Legado Jesuítico que propiciaram inúmeras contribuições e, de certo modo, deram origem ao missioneiro atual e a toda a altivez percebida, hoje, na população local. O pertencimento da população, mesmo entre os novos elementos étnicos, como é o caso dos imigrantes de origem europeia vindos para o sul do Brasil e fixados nas Missões, é de notória identificação com a história do lugar, sendo este um dos fatos a ser analisado na pesquisa.

Isto consente que se entendam as relações das pessoas com os lugares e que estes laços afetuosos ocorram de diferentes modos, variando conforme o local analisado. No caso missioneiro, a identificação pode se manifestar de diversas formas, seja desde o simples apego à terra até a identificação da população local com a história missioneira envolvendo como sua a própria narrativa. O imaginário popular ganha contornos imensos na medida em que se depara e revive a história, a qual receberá sempre um caráter avultado, coberto de glórias e de heróis.

O papel do Estado no incentivo à formação desta identidade deve ser ressaltado, para se apreender como a identidade ocorre. Como os símbolos, as paisagens, a música local, o turismo e a própria história são assimilados pelos missioneiros? Para alcançar respostas é necessário interagir com o mundo vivido, saber da população da Região Missioneira, se este sentimento de pertencimento existe, como se manifesta, como se propaga, para se compreender como se produz e se reproduz o fenômeno de pertencimento, analisando o que o torna vivo e aferindo como os símbolos missioneiros atuam em sua difusão.

O problema principal da pesquisa é verificar a questão identitária no âmbito do pertencimento, destacando como ela se manifesta entre os missioneiros. Alguns

elementos podem ser difusores de todo o contexto e, sendo assim, precisam ser analisados em profundidade, para se entender como agem no imaginário local. Variáveis como a música, turismo, símbolos, representações sociais e costumes locais devem ser analisados para dar respostas referentes às questões identitárias locais.

As discussões a respeito de identidades nacionais, regionais ou locais têm recebido atenção nas análises geográficas, principalmente quando se trata de apreciações a respeito de relações de pertencimento abordadas, geralmente, em teses e dissertações. A Identidade Missioneira no Rio Grande do Sul é explorada segundo diferentes enfoques, os quais buscam entender a difusão deste pertencimento como um fenômeno. Não se pode deixar de revisitar as fontes que colaboram com conteúdos teóricos e metodológicos, emprestam riqueza ao desenvolvimento do trabalho investigativo e colaboram para o conjunto das Ciências.

O objetivo geral da pesquisa consistiu na apreensão do fenômeno identitário que ocorre na Região Missioneira. Portanto a investigação procurou enfatizar a questão do pertencimento e do apego ao lugar, como sentimentos demonstrados pela população em geral. Assim, foram analisados os elementos que caracterizam a formação dos laços de pertencimento que ligam os sujeitos aos lugares. A formação do conhecimento sobre o fenômeno identitário foi investigada do ponto de vista teórico e, para tanto, exigiu-se a leitura e releitura em obras e veículos de informação, como a *internet*. A literatura existente ordenou a atenção ao enfoque do estudo, permitindo construir o entendimento, explicitar suas relações processuais e tecer considerações sobre os fenômenos de pertencimento e identidade na Região Missioneira.

Como objetivos específicos da pesquisa, adentrando-se no objetivo geral, destacam-se os elementos que constroem a identidade aliando teoria e prática por meio dos sujeitos locais. Mesmo que o pertencimento não possa ser mensurado, foram traçados paralelos comparativos entre diferentes municípios que compõem a Região Missioneira com vistas à análise do conteúdo discursivo. Em outro momento foi necessário verificar o direcionamento identitário que faz alusão ao contexto histórico missioneiro, o quanto os nativos locais, os Guarani, talvez descendentes dos que habitavam as reduções, são incluídos nas políticas identitárias dos elementos difusores e na altivez averiguada pelo restante da população.

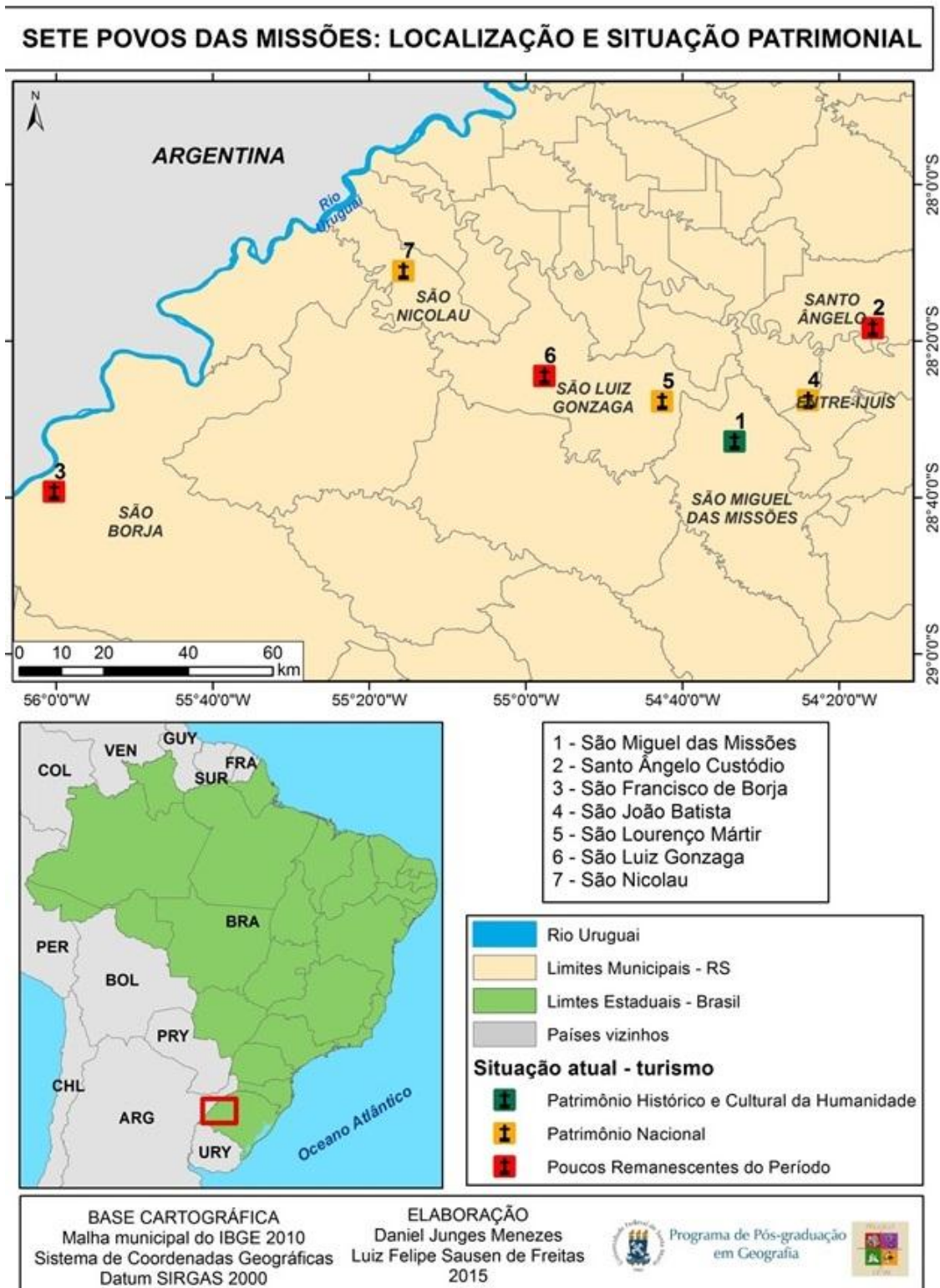
O fenômeno de identidade analisado na presente dissertação traz direcionamentos ao contexto histórico referente à introdução de reduções jesuíticas no espaço platino, tendo como um dos objetivos catequizar o contingente de nativos que existia no local, sobretudo o grande grupo Guarani e que, na atualidade, o seu passado histórico, vem recebendo alta valorização através do respeito aos símbolos e personagens que marcaram a história regional. Portanto, é necessário explorar, mesmo que sucintamente, tal conjuntura para que esta história não seja excluída dos estudos acadêmicos.

A área de pesquisa selecionada obedeceu a critérios específicos ao entender que nas últimas décadas vem ocorrendo o despertar de uma possível identidade missioneira em determinado território do Rio Grande do Sul e que seis municípios possuem base histórica totalmente relacionada com a fundação de reduções jesuíticas na margem esquerda do rio Uruguai, sobretudo aqueles da segunda-fase de fixação de reduções jesuíticas guarani na espacialidade Sul-rio-grandense, os conhecidos “Sete Povos das Missões”.

Os povoados missioneiros se estabeleceram no passado, onde hoje se encontram seis municípios locais, a saber: Na área do povoado de São Francisco de Borja surgiu o município de São Borja; São Nicolau também foi um povoado missioneiro, localizado onde hoje é o município de mesmo nome; do povoado de São Luiz Gonzaga se desenvolveu o município homônimo; do povoado denominado São Lourenço Mártir, se tem apenas vestígios no interior do município de São Luiz Gonzaga; a redução de São Miguel Arcanjo ensejou o município de São Miguel das Missões, possuidor do patrimônio histórico missioneiro em melhor estado de conservação; o povoado de São João Batista tem suas ruínas preservadas no interior do atual município de Entre-Ijuís; e o último dos Sete Povos, Santo Ângelo Custódio, como o nome diz, tinha sua redução localizada onde hoje é o centro urbano do município de Santo Ângelo.

Tais municípios, devido às peculiaridades de possuírem suas origens a partir do contexto reducional, utilizam a história missioneira em suas paisagens urbanas de maneira mais significativa que outros municípios. O uso do simbolismo direcionado ao contexto histórico induz a relações de pertencimento e, portanto, tais municípios foram selecionados na investigação sobre pertencimento dos sujeitos a lugares impregnados de signos alusivos ao passado regional. Deste modo a área de estudo é apresentada a seguir (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo



Contudo, ressalta-se que o fenômeno de identidade analisado neste trabalho de dissertação tem suas bases relacionadas com o contexto histórico que ocorreu na Região com a introdução de Reduções Jesuíticas no espaço platino espanhol e português da América do Sul, apresentando como um dos objetivos, catequizar o grande contingente de povos nativos existentes, sobretudo o grande grupo Guarani. Atualmente, na Região, ocorre uma valorização do passado histórico, através do respeito a símbolos e personagens que ocuparam esta espacialidade.

Enfatiza-se que a área de pesquisa do presente trabalho corresponde aos municípios, sedes dos velhos povoados missionários, da segunda fase Jesuítica Guarani, ou seja: São Borja, São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Miguel das Missões, Entre-Ijuís e Santo Ângelo. Tal escolha deve-se ao fato de que estes municípios fazem uso do passado em suas relações com o presente. As referências herdadas do período, como as ruínas das antigas reduções povoadas pelos Guarani, oferecem destaque maior à pesquisa, sobretudo pela relevância dos monumentos que permitem promover a vocação turística. Alguns destes monumentos são tombados como Patrimônios Nacionais como é o caso dos Sítios de São Lourenço Mártir, São João Batista e São Nicolau, além é claro de São Miguel Arcanjo tombado como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

Entendendo como necessário referenciar a presença histórica dos Jesuítas na espacialidade Sul-rio-grandense anterior à formação dos Sete Povos das Missões considerada como a segunda fase do período Jesuítico Guarani, quando ocorreu a formação de aldeamentos¹ pelos jesuítas constituindo números significativos de reduções², as quais se localizavam próximas a expressivas bacias hidrográficas que percorrem o território Sul-rio-grandense desaguardo para leste e oeste, como os rios Ijuí e Ibicuí, afluentes do Rio Uruguai e que separa a República Federativa do Brasil da República da Argentina e se constitui em um dos formadores do Rio da Prata. Também junto à bacia hidrográfica do rio Jacuí que, após receber inúmeros rios secundários e formar o Estuário do Guaíba, deságua na Lagoa dos Patos e, através desta, alcança o Oceano Atlântico. De acordo com estudos realizados por pesquisadores sobre o povoamento histórico do estado do Rio Grande do Sul, as

¹ Local onde viviam as famílias de um determinado grupo nativo formando uma comunidade.

² A reunião de aldeias formava uma redução sob a orientação dos padres Jesuítas, por exemplo, a Redução de São Miguel Arcanjo que chegou a reunir mais de mil nativos, entre homens, mulheres e crianças.

bacias hidrográficas foram importantes na introdução de Missões Jesuíticas tanto na primeira como na segunda fase dos aldeamentos ao proporcionarem condições de alcançar novas terras.

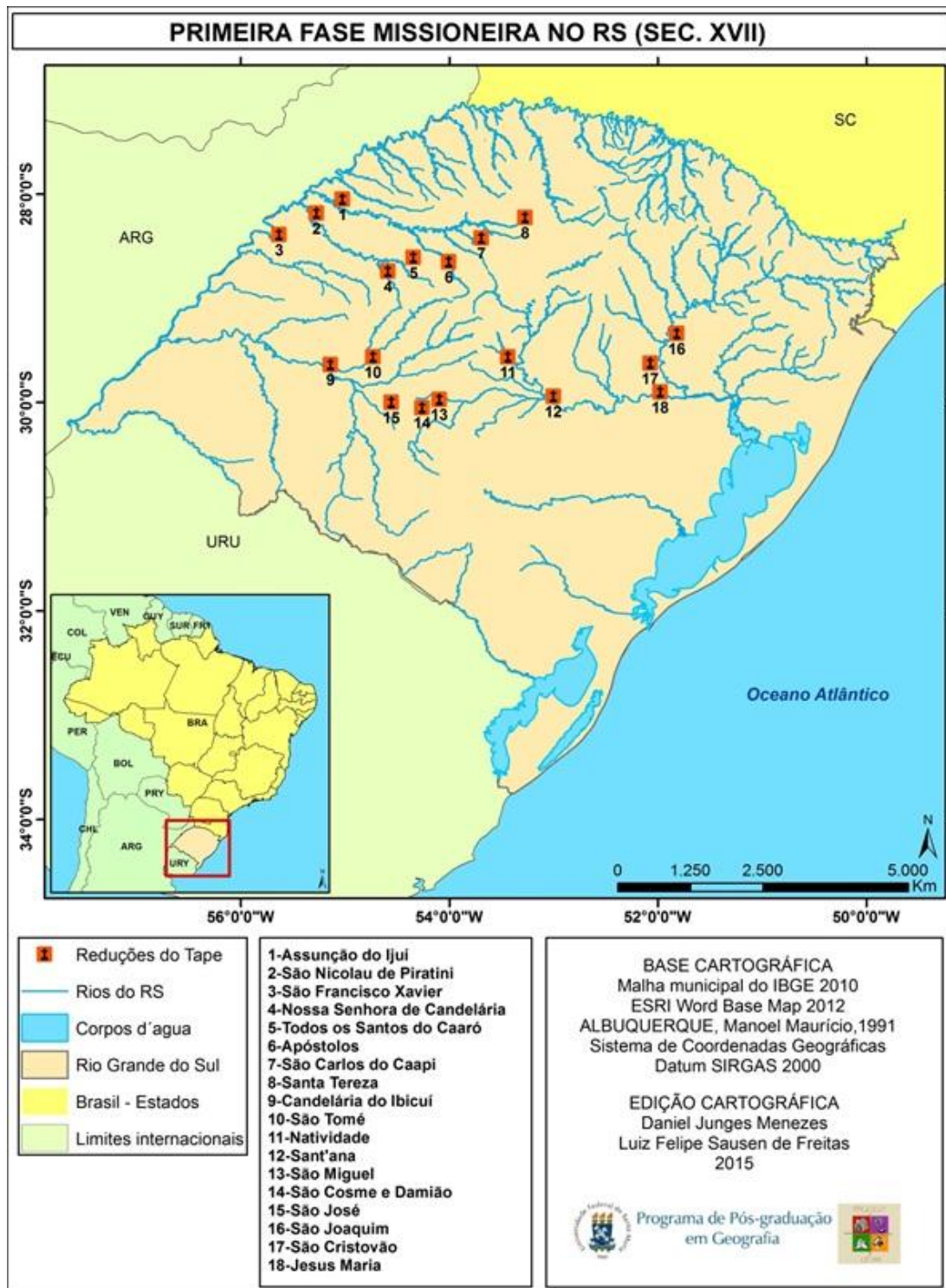
Segundo Flores (1986), a facilidade de penetração por meio dos rios marcou o registro de duas fases missioneiras no atual estado do Rio Grande do Sul: a “Primeira Fase Missioneira” se extinguiu quando invasões bandeirantes trouxeram pânico às reduções devido à tentativa de levar os nativos para São Paulo e introduzi-los, como escravos, no trabalho junto aos engenhos paulistas. Devido às incursões bandeirantes, os povoados foram destruídos e abandonados, os grupos aldeados, se viram obrigados a transmigrar para a margem direita do rio Uruguai. As reduções deste período deixaram poucos vestígios, visto que eram construções rudimentares, diferente das da segunda fase missioneira gaúcha, que atestam seu período através das ruínas das igrejas e dos antigos povoados (*pueblos*).

Os Jesuítas deram início à fundação de Reduções em 1610, aproveitando-se da conjuntura conferida no momento, período de relações amistosas entre portugueses e espanhóis proporcionado pela União Ibérica (1580-1640) e que favorecia a introdução de reduções no território platino, como ressalta Brasil (2005).

As tropas presentes no território eram súditas do mesmo rei, sendo um momento pacífico para tais práticas. Após a fundação de reduções na margem direita do Rio Uruguai, os Jesuítas passaram para a outra margem, onde foram fundadas diversas reduções a partir da chegada do Padre Roque Gonzales ao atual Rio Grande do Sul em 1626. A dimensão espacial ocupada pelas reduções da primeira fase missioneira gaúcha mostra a relação direta da ocupação humana com as mais significativas bacias hidrográficas existentes no território gaúcho, como se pode perceber na Figura 2.

A conjuntura proporcionada pela União Ibérica permitindo o avanço na fixação das reduções, também auxiliou o desmantelamento das mesmas. Os bandeirantes, fixados na Capitania de São Vicente entenderam como propício o período para se adentrarem nas reduções com o intuito de levar os nativos como escravos para os engenhos paulistas. Além de causarem alvoroço aos nativos reduzidos, os bandeirantes, ao penetrarem no interior do Continente, faziam a colonização portuguesa avançar para além dos territórios propostos pelo Tratado de Tordesilhas, como afirma Golin (2014).

Figura 2 – Primeira fase missioneira no Rio Grande do Sul



Fonte: Flores (1986).

Não bastando o avanço protagonizado pelas bandeiras paulistas, logo após o fim da União Ibérica, Portugal foi ainda mais adiante, fundando, em 1680, a Colônia do Sacramento, a qual teve caráter estratégico e geopolítico visando à expansão das fronteiras lusitanas. Contrapondo-se ao constante avanço português, novas reduções voltaram a se estabelecer na margem esquerda do Rio Uruguai, com a fixação de sete povoados orientais, introduzidos a partir da fixação da redução de São Francisco de Borja em 1682.

O couro, o chifre e o sebo, contrabandeados pelos portugueses, provinham principalmente da Vacaria do Mar, formada pelo gado abandonado quando do fim da primeira fase missioneira, visto que os grupos nativos tiveram que transmigrar para a outra margem do Rio Uruguai, deixando para trás tais animais. O gado acabou se criando de forma selvagem devido às boas condições de pastagens e ótimas aguadas existentes ao sul do Rio Grande do Sul, como enfatiza Porto (1954). Logo, a Vacaria do Mar era uma riqueza a ser explorada, que foi percebida ligeiramente por Portugal, ao fundar a Colônia do Sacramento, que, pela proximidade da grande Vacaria, acabava facilitando o acesso.

Visando explorar o gado e, também, em caráter estratégico de expansão territorial ocorrido principalmente pelo Tratado Provisional de 1681 que favorecia Portugal no domínio sobre a Colônia, os espanhóis se viram obrigados a novamente ocupar a margem esquerda do Rio Uruguai, com a fundação de novas reduções, como enfatiza Espírito Santo (2006). A volta das reduções no espaço geográfico do Rio Grande do Sul constituiu o que se conhece por “segunda fase missioneira” no Estado, período do esplendor dos chamados “Sete Povos das Missões”.

Mesmo com a introdução das reduções na margem esquerda do rio Uruguai, os espanhóis ainda se sentiam prejudicados com a fixação portuguesa nas proximidades do rio da Prata. Belloto (1983) revela que o Tratado de Madri se forja nesse contexto, tendo como proposta principal a troca da Colônia de Sacramento, pertencente a Portugal, com os Sete Povos das Missões, pertencentes à Espanha. Golin (2014) relata a contrariedade inicial de grande parte dos Jesuítas diante da proposta. O grande contingente populacional Guarani nas reduções, também se opôs às condições do Tratado, visto que não queriam ceder suas terras aos luso-brasileiros, seus inimigos desde as invasões bandeirantes que massacraram seus antepassados. As negativas nos acordos entre as partes quando das demarcações

propostas pelo novo tratado, desencadearam a Guerra Guaranítica, que opôs nativos missioneiros aos exércitos ibéricos.

A Guerra Guaranítica teve como episódio marcante a morte do líder Guarani, alferes do povo São Miguel, Sepé Tiaraju, em sete de fevereiro de 1756, nas margens da Sanga da Bica, atual município gaúcho de São Gabriel, conforme informação de Golin (2014). O período marcou a decadência das Missões, principalmente após a expulsão dos jesuítas, momento em que o povo Guarani ficou à mercê de escravistas. O Tratado de Madri ainda teve como desdobramento a formulação do Tratado de Santo Ildefonso, que voltava a alterar as fronteiras locais, no ano de 1777. O marco principal no novo tratado era a fixação da Colônia do Sacramento em domínio espanhol, assim como os Sete Povos Missioneiros.

Portugal saiu prejudicado pelas consequências da Guerra Guaranítica, sobretudo por perder territórios com o Tratado de Santo Ildefonso. Porém, a Região Missioneira voltaria aos domínios territoriais portugueses em 1801, no episódio que ficou conhecido como Conquista das Missões, como ressalta Flores (1986). O autor comenta que tal conquista se deu por desbravadores ou até desertores portugueses fixados no território, com destaque maior a José Borges do Canto, o qual, como líder, aproveitou-se da desagregação dos povoados com a expulsão jesuítica, para reincorporá-los aos domínios de Portugal, sem intervenção da Coroa, que gratificou seus antigos desertores com a doação de sesmarias na zona missioneira.

Da história Jesuítica-Guarani aqui resumida forjou-se a Região Missioneira do Rio Grande do Sul, fixada no entorno das antigas reduções orientais, também conhecidas como Sete Povos das Missões. Os antigos povoados missioneiros estariam atualmente inseridos em seis municípios gaúchos, uma vez que dois antigos povoados estavam inseridos em áreas que atualmente pertencem ao município de São Luiz Gonzaga.

Muitos desses municípios preservam ruínas das antigas reduções, com destaque para a de São Miguel Arcanjo, em melhor estado de conservação se comparada às demais. De acordo com Pesavento (2015) tais ruínas atuam no imaginário das pessoas, pois possibilitam visão e leitura de outros tempos, onde o sentimento se envolve com a mente.

Na sequência do trabalho de dissertação os estudos realizados foram divididos em capítulos que abordam temáticas necessárias a alcançar os objetivos propostos.

No primeiro capítulo busca-se explorar o termo identidade, para melhor entendimento e uso dentro da ciência geográfica e do que o trabalho propõe. Dessa forma, se faz análise de geógrafos, assim como de autores de outras áreas que auxiliam no entendimento do termo. Devido à complexidade do contexto identitário, preferiu-se dividir o capítulo em subitens, de forma a melhor explorar a questão. Do mesmo modo, buscou-se relacionar a expressão com o conhecimento empírico que se verificava na área de estudo.

No segundo capítulo são apresentadas as contribuições da geografia cultural e humanística, sobretudo pelo enfoque fenomenológico do estudo. Neste sentido, se recorre à gênese cultural da ciência Geográfica, para refletir sobre o modo que esta ciência tem tratado as relações humanas para com seus espaços de vida. A análise cultural se faz importante diante do que o trabalho propõe. O contexto humanista está atrelado ao cultural, na medida em que se parte de uma abordagem fenomenológica, oriunda de pensadores humanistas. A abordagem cultural da Geografia traz a reflexão sobre o uso de conceitos norteadores como espaço, região, território, paisagem e lugar. A este último, se fixa um viés mais humanista, relacionado com a afetividade e o sentimento de pertencimento das pessoas em relação aos seus lugares de vida.

A importância da fenomenologia deve ser considerada ao direcionar o estudo para questões que envolvem o espaço-vivido e as relações de proximidade das pessoas com o lugar, principalmente quando estes aportes se tornam fundamentais para a compreensão e entendimento. A percepção das pessoas a respeito do lugar e o sentimento de apego precisam ser levados em conta, bem como as questões que a fenomenologia aborda com maestria, principalmente como Merleau-Ponty (1971) e Tuan (1980). O mundo-vivido e a questão experiencial dos sujeitos com relação a um espaço dinâmico, dotado de significados, no caso o lugar, são ressaltados também por Buttimer (1982), que valoriza tais questões com o uso intenso da fenomenologia.

Igualmente no referido, faz-se menção aos procedimentos teórico-metodológicos aplicados na investigação e a descrição dos procedimentos e técnicas utilizadas buscando alcançar os resultados apresentados nas Considerações Finais. Adianta-se que, na aplicação dos procedimentos e técnicas, buscou-se caracterizar a valorização dos sujeitos, os quais podem ser diferenciados segundo dois grupos de entrevistas facilitando a percepção dos indivíduos sobre o

fenômeno identitário, bem como a percepção pessoal do autor a respeito do uso do contexto missioneiro nos municípios pesquisados.

No quarto capítulo procura-se ressaltar possíveis elementos difusores da identidade verificada localmente, assim como explorar o papel de símbolos missioneiros. Neste capítulo recorre-se a bibliografias anteriores que, de certo modo, analisaram a identidade missioneira servindo de referência à interpretação dos resultados obtidos, análise da questão no âmbito do pertencimento Missioneiro.

Fazendo relação com as propostas metodológicas e o referencial teórico usado no presente estudo, o capítulo cinco busca analisar os resultados proporcionados pelo contato direto do autor com os sujeitos. Dois grupos de análise foram gerados na pesquisa, visto que ocorreram dois tipos de entrevistas, um primeiro grupo obedecendo a certa intencionalidade e o segundo de caráter aleatório, onde pessoas responderam sobre o sentimento missioneiro em espaços públicos. Também é abordada a observação direta do autor a respeito das peculiaridades municipais no que diz respeito à identidade missioneira.

1 CAPÍTULO – SUBSÍDIOS DA FENOMENOLOGIA AO ENTENDIMENTO E SIGNIFICADO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO MUNDO-VIVIDO

Utilizando-se de subsídios procura-se alcançar o entendimento de identidade e de pertencimento, fenômenos subjetivos e observados nos habitantes da Região Missioneira. Para tanto, apoia-se nos estudos de variada gama de autores que investigam a fenomenologia no contexto do mundo-vivido.

No contexto do mundo-vivido o fenômeno intersubjetividade possui relevância tanto no sentido de herança cultural quanto no sentido de interação social, auxiliando a integração das dimensões individuais e coletivas da experiência humana tornando a identidade um dos seus fenômenos. Por sua vez, a identidade contém um senso de conduta dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. A importância do conceito de lugar é caracterizada na identidade, como sendo a localização, o local, detentor de significados, que se diferencia para o homem, ou seja, seu lugar de parada, o local como espaço de vida, onde ele atende a suas necessidades, estabelecendo assim ligações relevantes por serem plenas de significados ao permitirem que os indivíduos (homens, sujeitos da vida humana) e o lugar (lugar de apego, espaço de vida) se entrelacem e constituam o mundo-vivido de um grupo humano, de lealdade extremada oriunda da história, do meio simbólico, da arte, da geografia, da educação e da política. Tais elementos caracterizam o apego emocional aos objetos físicos, bem como os símbolos, a música, os versos e as prosas que, acima de tudo, arrebatam para si a identidade do lugar.

1.1 IDENTIDADE COMO FENÔMENO DA SUBJETIVIDADE

Ao fazer referência à identidade missioneira, faz-se necessário expandir a investigação para aprofundar o entendimento sobre como ocorrem as Identidades. Indaga-se a respeito de sua existência, para tentar entender como ocorre este fenômeno e qual sua complexidade. Hall (2006) descreve um suporte de referências de grande magnitude, abordando as identidades atuais de maneira contundente. Alves (2012) informa sobre o sentido da palavra, a qual vem do grego *Tautóles* e do latim *identitas*, referindo-se ao caráter do que é idêntico. Tal conceito evoluiu, sendo

hoje denominado como um conjunto de características que distinguem as pessoas ou lugares, uns dos outros.

Em sua obra “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, Stuart Hall (2006) desenvolve um estudo a respeito do tema, aludindo, inicialmente, que velhas identidades estão em declínio, especialmente pelo surgimento de novas identidades, que se verificam atualmente devido à notória fragmentação do indivíduo moderno. O autor comenta que as identidades modernas estão passando por um processo de “descentração”, se tornando assim, cada vez mais repartidas. Para o autor, tal fato ocorre devido às intensas transformações da sociedade, as quais fragmentam as paisagens culturais, segundo suas classes, gêneros, sexualidades, etnias, raças e nacionalidades, que anteriormente se caracterizavam por suas sólidas localizações enquanto indivíduos. Tal fato levaria a consequente perda identitária, resultante do processo de ausência de centro, ao que o autor chama de “descentração”.

Para Hall (2006) muitas vezes a identidade surge da interação pessoal com a sociedade, porém há uma crise nesse sentido, devido às grandes alterações sociais que são cada vez mais evidentes. A questão do sujeito vivido, o qual sempre possuiu uma identidade única e estável, também tem se fragmentado, pelo fato de muitas vezes possuir diversas identidades, algumas contraditórias, andando em direções opostas, não ressaltando uma identidade como a mais evidente.

Deste modo, existem dificuldades maiores no processo de identificação, visto que, o sujeito atual, tem grande tendência a não possuir uma identidade fixa e de caráter permanente. A forte mobilidade que é percebida nas identidades atuais acaba transformando-as continuamente, pois as mesmas, segundo o autor, estão intimamente ligadas aos sistemas culturais circundantes.

Atualmente, as mudanças repentinas e em caráter contínuo que ocorrem no planeta, exercem um peso significativo sobre as identidades culturais. As alterações são profundas nesse sentido, onde se pode inferir a diferença de sociedades atuais e de sociedades tradicionais, aquelas que possuem um passado sempre enaltecido, com a valorização de símbolos que acabam perpetuando suas experiências para as próximas gerações.

Hall (2006) menciona o contexto da globalização como primordial nestas mudanças. Para o autor, existe forte interconexão entre diferentes áreas do globo, atingindo todo o planeta e, de certa maneira, modificando os processos identitários,

ao unir um todo neste contexto, originando novas formas individuais, com novas concepções sobre o sujeito em sua individualidade e consequente identidade.

As contribuições de Hall são de grande importância. Ao tratar de identidade o autor esclarece o que pensa na seguinte passagem: “Identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38). Em sequência o autor argumenta que as identidades nacionais compõem as principais fontes de identidade cultural, descrevendo que tais identidades não são coisas que nascem com o indivíduo, sendo elas formadas e transformadas no interior das representações, pois as nações nada mais são do que comunidades simbólicas com o poder de gerar sentimento de identidade e lealdade.

O pensamento de Hall (2006) traz a ideia de nação como comunidade imaginada, a qual insere identidades através de cinco aspectos fundamentais: (i) o primeiro deles são as narrativas acerca da própria nação (em sentido amplo de estado, gente, povo, habitante, país, pátria, terra, torrão) que se inserem no contexto, como as histórias, imagens, cenários, e também seus triunfos e perdas; (ii) o segundo aspecto considerado pelo autor é a ênfase dada às origens nacionais, onde se incentiva a continuidade das tradições; (iii) o terceiro aspecto diz respeito à invenção das tradições, nas quais se buscam atribuir valores e normas para a população por meio da repetição, dando continuidade a um passado histórico que se adeque ao contexto; (iv) o quarto aspecto fundamental é o fato de que uma nação para possuir uma identidade, precisa de um mito fundador, ou seja, o mesmo aspecto pode estar atrelado também a invenção, assim como as tradições; (v) o quinto e último aspecto diz respeito à identidade ligada à ideia de povo puro, original, formado por apenas uma etnia, desencadeando, muitas vezes, no preconceito a outros povos.

Para Castells (1999), que tem posicionamento contrário à ideia de comunidades imaginadas, algumas contradições entre teorias sociais e as experiências na prática contemporânea são resultantes do fato de o nacionalismo, assim como as nações, possuir vida própria, livre das condições impostas pelo Estado, mesmo estando inseridos em seus ideários culturais e políticos.

O quarto aspecto citado por Hall, é também comentado por Silva (2014) que ressalta que nas identidades nacionais, o uso do mito fundador é normal, onde tais identidades ocorrem pelo que foi proposto por Benedict Anderson como

“comunidades imaginadas”. De acordo com a análise de Silva (2014), tal fato ocorre com a intenção primeira de unir grupos de origens distintas em torno de uma história que possa os unir, onde se acabam criando laços imaginários de grupos que não possuíam nenhuma relação comum.

Silva (2014) afirma que o mito fundador normalmente remete a um momento crucial do passado, dando ênfase a alguns acontecimentos, os quais quase sempre se destacam por heroísmos, caráter épico ou pela grandeza do ocorrido, inaugurando as bases de uma suposta identidade nacional. Ressalta-se, assim, que pouco importa se os fatos contados são verdadeiros ou não. Na verdade, importam os seus resultados, visto que as narrativas fundadoras servem para identificar o seu povo, ligando os sentimentos e as afetividades com a sua história.

Por sua vez, Claval (2007) também ressalta a importância do mito fundador na institucionalização do espaço, afirmando que os ritos estabelecidos por diferentes sociedades fazem alusão ao rito de fundação, permitindo o reestabelecimento das condições originais no momento em que as práticas cotidianas fazem esquecer-las. De acordo com o autor, raízes antigas, históricas, míticas, ancestrais e étnicas acabam conferindo aos povos, o seu direito territorial, principalmente por o julgarem sagrado.

O caso das Missões se acomoda, de certa maneira, no que fora explorado acerca de comunidades imaginadas nas palavras de Silva (2014) quando o autor remete à iniciação de tais comunidades, forjadas com o intuito de unir pessoas de grupos e origens distintas, de maneira a ligá-las a algo maior, introduzindo nos distintos indivíduos, um sentimento comum que pode passar a relacioná-los. É o caso do “se sentir missionário”, que mesmo não sendo uma identidade nacional, pode ser vista de forma semelhante, visto que, a Região simboliza cada vez mais no presente, a importância do passado histórico das Missões. Findado o período Jesuítico-Guarani, os portugueses se estabeleceram na Região que, mais tarde, foi povoada por imigrantes europeus, com destaque para alemães, poloneses e italianos. Tais povos, que não foram personagens da história regional que se enaltece atualmente, hoje se assumem como missionários, onde são incentivados a viver a história regional, evidenciada em sua simbologia, a qual está identificada pelos elementos vinculados ao período histórico missionário, ainda que o mesmo tenha ocorrido num passado distante.

1.2 SENTIMENTO DE RELAÇÕES PROFUNDAS COM AS TRADIÇÕES HERDADAS

O personagem lendário reverenciado na área missioneira é Sepé Tiaraju, líder do povo Guarani que vivia nas missões jesuíticas. Este personagem é constantemente homenageado devido à sua bravura e capacidade de liderança, segundo os relatos da literatura local, configurando-se como um ícone histórico que ocupa lugar central na história missioneira. Porém, para Golin (2014) o nativo descendente dos Guarani é marginalizado na prática, sendo inclusive excluído do contexto identitário, que é tomado por outros grupos. O autor comenta que ocorre uma apropriação identitária por parte de imigrantes (alemães, poloneses e italianos), pois os únicos que verdadeiramente podem ser chamados de missioneiros são os descendentes dos Guaranis aldeados nas reduções.

No entanto, deve-se ter em mente que, nesta área o “se sentir missioneiro” vai além da apropriação por parte dos imigrantes. Isto se explica devido ao fato que as pessoas estabelecem vínculos com o lugar de origem, onde, em muitos casos, as ligações pessoais para com o lugar acabam sendo incentivadas. Sentimentos de pertença são introduzidos a partir do momento em que se vive e se conhece a história local, a qual é lembrada constantemente, independente de seus antepassados terem feito parte da gloriosa história ou não, os laços de pertença acabam se estabelecendo quase que automaticamente no presente.

Esses argumentos históricos remetem a Hall (2006) que desconstrói o que chama de “cultura nacional”, ressaltando a identidade através da diferença e, deixando perceber através de sua afirmação, que uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica, pois ela é também uma estrutura de poder cultural. Neste sentido, o autor comenta que em cada conquista, os povos conquistados foram totalmente envolvidos e dominados, tendo suas culturas, línguas e tradições diminuídas e ficando a mercê de uma cultura unificadora e de caráter hegemônico. Assim, o autor destaca que as nações modernas são oriundas de hibridismo cultural, pois não são compostas por um único povo.

Ao se observar uma possível identidade missioneira no Rio Grande do Sul, deve-se ter em mente o hibridismo cultural que ali se insere. A região, que era inicialmente habitada por grandes contingentes de nativos (indígenas), sobretudo os

Guarani, logo foi palco do contato entre nativos e padres da Companhia de Jesus. O território, por sua vez, também estabeleceu contatos com portugueses e espanhóis, no período das intensas disputas territoriais entre as Coroas Ibéricas. Ao findar o Período Missioneiro, a área ficou sob o domínio de Portugal, que logo tentou povoá-la e que ainda era habitada pelos Guaranis, apesar de seu contingente populacional se apresentar descontínuo e muito reduzido. Os portugueses inicialmente povoaram a Região Missioneira, que mais tarde veio a ser intensamente ocupada por imigrantes europeus provenientes principalmente de países como Alemanha, Itália e Polônia.

Nas décadas de 1970 e 1980, a área conheceu um período de “volta às origens” ou de ressurgimento de seu passado colonial, atribuindo-se novo sentido para o imaginário social missioneiro, como enfatiza Pommer (2008) em seu trabalho acerca da identidade missioneira. Os povos que não tiveram relação com tal história foram induzidos a reviver o mesmo passado, que foi retomado e introduzido no que a autora caracteriza como “Missioneirismo”.

Neste caso, chama a atenção à presença de certo hibridismo com relação à identidade que se busca analisar. Silva (2014), afirma que o hibridismo tem sido costumeiramente analisado com relação ao processo de produção de identidades nacionais, raciais e étnicas, sendo que em uma perspectiva teórica cultural contemporânea, torna-se uma espécie de mistura entre diferentes nacionalidades, etnias e raças que acabam falseando as identidades fundamentadas por separação, divisão ou segregação. Estas identidades formadas em meio a certo hibridismo são, para o autor, novos tipos de identidades, as quais embora não possuindo caráter de uma identidade original, guardam traços da mesma, porém formando outra. Por sua vez, García Canclini (2000) contribui nesse sentido, afirmando que ter uma identidade se dá em primeiro lugar por ter um bairro ou cidade, onde tudo venha a ser compartilhado pelos seus habitantes, tornando o lugar autêntico, onde a identidade é enfatizada através de rituais cotidianos.

As mudanças verificadas na questão de identidade são para Hall, oriundas do processo de globalização. O autor situa algumas possíveis consequências do fenômeno, dentre elas, uma é ressaltada e merece importância: As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização (HALL, 2006). O autor considera que a globalização contém o que ele denomina de compressão espaço-tempo, onde a aceleração que

se verifica nos processos globais acaba gerando coordenadas básicas de todos os sistemas de representações.

Deste modo, o lugar passa a ganhar cada vez mais importância, tornando-se ponto de práticas sociais específicas que moldam os indivíduos e que de certa maneira os formam, fazendo com que suas identidades estejam estreitamente ligadas. No entender de Hall (2006), os lugares permanecem fixos e os indivíduos lançam neles suas raízes. Entretanto, o espaço pode ser “cruzado” subitamente. Logo a diferença entre lugar e espaço se torna evidente, sendo que o segundo é aquele com o qual os indivíduos não mantêm relações diretas e não gera identificação.

Em Rodrigues (2013) percebe-se que na produção de uma identidade regional, a memória exerce função relevante. De acordo com o autor, se a revolução técnico-científica-informacional faz com que os sujeitos percam suas referências em meio às infinitas possibilidades oriundas do progresso tecnológico, a memória ainda atua, agindo no sentido de aproximar os indivíduos com o passado, preservando as tradições e referências e, assim, permitindo que os indivíduos se posicionem no mundo. Rodrigues (2013) enfatiza que: “tanto identidade quanto memória possui um lugar” e que os indivíduos em seus lugares de vida vão criando vínculos na medida em que modelam os lugares, assumindo-os como seus, uma vez que neles transcorre a vida social dos grupos e de suas famílias. O autor procura reforçar a importância destes sentimentos identitários ao considerar que o apego ao lugar (identidade e memória) consolida a terminologia “espaço local”.

1.3 IDENTIDADE NO ESPAÇO-VIVIDO, TERRITÓRIO E LUGAR

De acordo com Lowenthal (1985), a curiosidade geográfica é mais consciente e consistente que a curiosidade do gênero humano, possuindo caráter universal e teórico, com destaque a investigações corriqueiras acerca da origem das coisas. Na geografia humana o discurso está centrado principalmente no conhecimento e intento a respeito do ser humano e de seu meio, onde qualquer pessoa que verifique o mundo ao seu redor, vem a ser, de algum modo, “geógrafo”. Para o autor, desde que a personalidade é formada, principalmente na infância, a pessoa é determinada, simultaneamente, tanto pelo que era quando criança, como também pelo que está experienciando no momento.

Tuan (1983) em sua obra: Espaço e Lugar, da significativa importância à questão experiencial. O autor infere que as categorias perceptivas das pessoas, quando adultas, são muitas vezes carregadas de emoções oriundas das primeiras experiências da infância pessoal. Porém, neste sentido, o autor evidencia que o horizonte geográfico da criança se expande quando ela cresce e aonde a mesma terá seu conhecimento inicial fixado na pequena comunidade local, atingindo posteriormente a cidade e o bairro, podendo atingir mais tardiamente interesse regional, nacional e estrangeiro. Logo, percebe-se que o lugar passa a possuir profundo significado para o adulto com o contínuo acréscimo adquirido ao longo de suas experiências.

Transformações também ocorrem quando o ser humano estabelece contato direto com a literatura, tornando as coisas mais claras, o que não faz com que o mesmo rompa com seu passado. Lowenthal (1985) enfatiza que muitas vezes o indivíduo quando criança é prisioneiro das histórias adultas e as carrega consigo, logo, o meio ambiente tem sua imagem construída como resultado daquilo que é passado e por quem possui a imagem em mente e a transfere. O autor ainda ressalta que tudo o que o indivíduo sabe sobre determinado lugar é, em parte, memória daquilo que costumava refletir sobre tal. Neste sentido, Lowenthal (1985, p. 141) enfatiza que: cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória.

Para Tuan (1983) experiência é um termo que denota as mais distintas formas com as quais as pessoas conhecem e constroem suas realidades, variando desde sentidos como olfato, paladar e tato, até a percepção visual e a maneira indireta de simbolização. Ainda sobre experiência o autor revela que a mesma se dá no aprendizado oriundo das vivências individuais, onde através das realidades vividas ocorre a criação de sentimentos e pensamentos.

Em Tuan (1983) o espaço pode resultar da experiência de várias formas: como a localização relativa de objetos ou lugares; as distâncias que separam os lugares e também em caráter mais abstrato; pela área definida de uma rede de lugares. O autor ainda afirma que o lugar apenas atinge realidade concreta quando a experiência individual do mesmo é tida em sua totalidade, sendo composta por todos os sentidos e levando em conta também a mente ativa e reflexiva. Portanto, conhecer intimamente o lugar tem grande valor, ocorrendo principalmente quando a pessoa morou muito tempo no mesmo e sente, em outros lugares, a falta das

realidades do que conheceu com mais intimidade. O vínculo aproximado com o lugar tende a ocorrer pela questão experiencial, onde gostar do lugar atribui um sentimento inicial de pertencimento, que pode ser externado de acordo com as peculiaridades locais a partir de contato com outros grupos.

Por sua vez, é possível encontrar em Frémont (1980) a ideia de regiões enraizadas. Ao trabalhar com civilizações campestres o autor reforçou o relacionamento entre o homem e o lugar, apresentando a ideia de que os lugares pertencem ao homem e os homens aos lugares, gerando assim um modelo de região. O autor deixa claro essa relação nas seguintes palavras:

As grandes civilizações campestres (Mediterrâneo, Europa, Ásia das Monções, África das savanas) projectam no espaço os seus valores próprios, concedendo uma importância muito grande à duração (a família, a história), à renovação da vida (a mãe, o solo), a delimitação do património (a casa, o finage e terroir). A terra incarna tudo isso. Daqui resulta uma organização do espaço assente no enraizamento, quer dizer, na ligação dos homens com a terra, da casa à região. Esta, à sua escala, exprime estes valores (FRÉMONT, 1980, p. 178).

Claval (2007) também aborda o termo “enraizamento”, onde ressalta que tal é ao mesmo tempo sociológico, sendo mais comum no campo do que na cidade. Mesmo assim, segundo o autor, o bairro onde se habita é carregado nesse sentido, sendo um nicho familiar, onde a arquitetura e a ocupação acabam atribuindo-lhe determinadas especificidades sociológicas. Com isso, Claval (2007) infere ainda que as referências visuais identificáveis no horizonte tornam-se essências e passam a ter valor simbólico.

Em consequência destas ideias de apego ao lugar e de sentimentos entre o homem e sua paisagem de vida, retorna-se a Tuan (1980) para buscar seu conceito de relacionamento afetivo entre os indivíduos e seu meio ambiente de vida, ao que o autor denomina de topofilia, que vem a ser a relação de sentimento confortante para com o lugar e o apego a ele. Segundo este geógrafo chinês, o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, porém ele fornece o estímulo sensorial que, ao agir com a imagem percebida, dá forma às alegrias individuais e às ideias. Tais estímulos sensoriais seriam potencialmente infinitos conforme o autor, sendo aquilo que ao qual se decide prestar atenção, valorizar ou amar, acaba sendo um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam sobre as pessoas em determinado período.

Sobre o meio ambiente de atração permanente, Tuan (1980) revela o exemplo do Sudão, que é monótono e miserável para o estrangeiro, porém cita estudos que enfatizam que é difícil persuadir o nativo que se encontra no local, de que existam lugares melhores para se viver. Para o autor, o homem constrói o referencial afetivo com o lugar e tais referenciais são desenvolvidos ao longo da vida, a partir da convivência.

Valorizando a relação identidade e lugar, Sasaki (2010) enfatiza que é no seio da geografia humanista que tais conceitos se associam e que o lugar é considerado como a base da existência humana, se relacionando às experiências diretas e profundas com o mundo, se apresentando repleto de significados. Para a autora o espaço-vivido se relaciona diretamente com a dimensão da experiência humana dos lugares, verificando assim o modo como o sujeito percebe o objeto. Neste sentido, são valorizados conceitos de paisagem, lugar e região, dando ênfase a existência individual dos sujeitos e seus sentimentos de pertencimento para com o espaço.

De acordo com Bonnemaïson (2012) existe certa correspondência entre uma sociedade e uma paisagem, visto que a mesma tende a estar carregada de afetividade, exprimindo assim uma relação cultural. Já Denis Cosgrove (2012) ressalta a paisagem como uma unidade visual, sendo uma maneira de “ver” e harmonizar o mundo através de uma “cena”.

Em Saquet e Briskievicz (2009) observa-se que eles relacionam identidade com território, o qual é, para eles, envolvido ao mesmo tempo, mesmo que haja diferentes graus de intensidade, por uma dimensão simbólica e cultural que se constitui através de uma identidade atribuída pelos grupos sociais do espaço de vida dos indivíduos e possui uma dimensão concreta, de caráter político-disciplinar, de controle do espaço como alternativa à dominação de indivíduos.

De acordo com Claval (2007) a imagem a partir da qual se constroem sentimentos identitários, está normalmente baseada na hipótese de uma descendência comum, ou de uma história assumida coletivamente, ou até mesmo, de um espaço onde seus membros assumem elos quase místicos. Para o autor, a territorialidade é normalmente relacionada a esse tipo de identidade.

Segundo Heidrich (2013) os vínculos sociais estabelecidos com os territórios, são resultados de um processo histórico, onde determinado grupo vivencia as relações com o espaço que ocupa. Para o autor, ao permanecer em uma área por longo tempo, entendendo e participando de sua história, os indivíduos acabam por

construir experiências que unem os sujeitos ao coletivo e a seus respectivos espaços de vivências. Percebe-se, assim, que as pessoas adquirem pertencimento, passando a acreditar em uma origem comum que as faz viverem e se inserirem socialmente no território em questão.

Para Heidrich (2013), a identidade cultural contribui para a construção do sentimento de pertencimento, pois para o mesmo, falar a mesma língua, compartilhar dos mesmos valores, ideias e hábitos, constitui-se em modos de se vincular a uma identidade, sendo um recurso de diferenciação em relação aos outros. O mesmo ocorre de maneira diferenciada nas sociedades modernas, onde a formação histórica não é baseada na etnia de um povo, podendo se gerar múltiplas identificações, de acordo com a diversidade das experiências e condições socioeconômicas e culturais. Castro (2012) ressalta que o território deve se direcionar também à espacialização identitária de um povo, abarcando sua própria história, passado-presente-futuro, onde no caso indígena, precisa-se respeitar seus mitos de origem e suas visões acerca do futuro, atribuindo referenciais valorativos que os integrem como grupo, como semelhantes para diferenciá-los dos demais.

Para Claval (2007) os sentimentos identitários muitas vezes possuem consequências geográficas contraditórias, beneficiando anseios de territorialidade através de espaços culturais homogêneos, porém certas vezes possibilitam indivíduos ou grupos a manterem especificidades quando estão unidos. Logo, de acordo com o autor, o fato de tentar preservar a identidade não impede o contato mais aproximado com membros externos, porém ocorre a introdução de limites, onde se proíbe a aceitação daquilo que ameaça os valores centrais adotados por tal identidade.

Conforme Heidrich (2013) pode-se inclusive pertencer a uma territorialidade indígena e brasileira, pois a rigor, tais não se caracterizam por territorialidades e identidades auto excludentes, mesmo que expressem conflitos advindos das condições materiais ou imateriais de suas relações. Conforme Claval (2007) as estratégias elaboradas para situações multiculturais nem sempre visam a integração individual ou a proteção das identidades locais, pois muitas vezes, o fato de se propor novidades a partir de uma identidade original tem o intuito de se construir uma nova sociedade que futuramente poderá ser constituída. O autor ainda ressalta que a identidade cultural pode sobreviver às ameaças do tempo, porém dificilmente

escapa da história, onde o peso das comunicações é tamanho que os povos acabam compartilhando muitos traços.

O lugar acaba assumindo certa personalidade, a qual estará presente na vida dos sujeitos, favorecendo as relações dos mesmos no decorrer do tempo. O lugar passa a traduzir lembranças de vida, as quais podem ser assumidas coletivamente. Muitos autores diferenciam então Lugar e Espaço, entre eles, destaca-se Tuan (1980). O lugar passa a ser visto, de acordo com os estudos do geógrafo chinês, como espaço fechado e humanizado, cheio de significados para os indivíduos, já o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que adquire tais significados. Sasaki (2010) dá ênfase à questão, afirmando que a diferença entre os conceitos se verifica da mesma forma que entre “casa” e “lar”, onde o último ganha ares de apego, se adequando ao conceito de lugar.

Sasaki comenta a relação de identidade e lugar, com as seguintes palavras:

[...] a identidade de lugar é configurada através de uma combinação de observação e contato com o lugar, o qual representa um centro de significados. Pode-se inferir, ainda, que há relação entre lugar e o tempo, uma vez que dificilmente o senso de lugar pode ser adquirido pelo simples fato de se passar por ele uma só vez (SASAKI, 2010, p. 117).

Tuan (1983) que considera o lugar aquele espaço que se torna cheio de definições e significados, afirma também que os lugares íntimos, são aqueles com os quais o indivíduo encontra carinho, onde suas necessidades fundamentais são consideradas, merecendo atenção, porém sem espalhafato. O autor considera o lugar como uma “pausa no movimento”, onde no comparativo que traz, incluindo homem e animais, afirma que ambos descansam em uma localidade porque ela atende a determinadas necessidades biológicas. Ao trazer a ideia de “pausa no movimento”, Tuan ressalta que a “pausa” acaba permitindo que um lugar se torne um centro de reconhecido valor, dotado de sentimentos, em especial no caso do ser humano. Com isso, o autor enfatiza que a afeição duradoura com o lar, é normalmente resultado de experiências íntimas e aconchegantes.

Ao ser descrito como forte fonte de significados, de vivências, o lugar conseqüentemente está ligado a outros elementos. Tuan (1983) afirma nesse sentido: Na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares perdem significado, de maneira que sua irritação é mais permanência que conforto. Logo, percebe-se que o lugar é envolto de sentimentos pelas ligações que ali se criaram, normalmente

estabelecidos através de relações humanas particulares, onde o mesmo pode perder o seu valor, com o fim desses laços de pertencimento que acabam inserindo ou excluindo o indivíduo no lugar em questão. Sobre a relação pessoal com lugares íntimos, Tuan enfatiza que:

Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravado no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas (TUAN, 1983, p. 156).

Também importante é a relação de pertencimento com o lugar, quando Tuan (1983) enfatiza o apego à cidade natal, como lugar íntimo: A cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no entanto nos ofendemos se um estranho a critica. Não importa sua feiura; não importava quando éramos criança, subíamos nas árvores, pedalávamos nossas bicicletas em seus asfaltos rachados e nadávamos em sua lagoa.

1.4 IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO

Hall (2006) considera relevante o enfraquecimento das formas nacionais de identidades culturais, as quais são apagadas por uma identidade de caráter global, que se sobrepõem àquela de caráter nacional. Porém destaca, que o mesmo vem ocorrendo com as identidades locais, regionais e comunitárias, as quais têm ganhado importância e se tornado mais expressiva na atual contextualização. Sobre este aspecto, o autor afirma:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2006, p. 75).

Aliado ao impacto que ocorre de maneira global, um novo interesse pelo local passa a ocorrer, pois a globalização, em sua estratégia de criação de novos nichos de mercado, acaba por explorar a diferença entre os lugares, como enfatiza Hall (2006). Desta maneira, a globalização caminha paralelamente com um aumento

considerável das identidades locais, mesmo que isso ainda esteja dentro da lógica de compressão espaço-tempo anteriormente citada por Hall.

Sobre o assunto, Kathryn Woodward (2014) contribui significativamente, com as seguintes palavras: A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que fortalece e reafirma algumas identidades nacionais e locais, podendo também levar ao surgimento de novas posições de identidade.

Do mesmo modo Sasaki (2010) afirma que o temor da perda de identidade gerado pela uniformização mundial, faz com que se busque de certa maneira, meios para perpetuação cultural dos lugares, o que acaba desencadeando duas possibilidades: a primeira, se referindo à completa rejeição à globalização em alguns locais, ou à proteção identitária, onde se busca maior valorização cultural, se adaptando dessa maneira ao contexto unificador expressado pela globalização. A proteção de certa identidade e a luta contra a fragmentação se evidenciam nesse sentido, gerando algumas consequências, como fica claro na seguinte abordagem:

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido, "ordenado [...] por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heroicos e destinos dramáticos localizados em terras prometidas, cheias de paisagens e locais sagrados [...] DANIELS (1993 apud WOODWARD, 2014, p. 24).

O contexto de uma identidade missioneira pode ser facilmente analisado nesse sentido, pois conforme Brum (2006), muitas representações do passado têm sido acionadas no presente, com o intuito de diferenciar a região histórica das áreas em seu entorno, produzindo imaginários de pertencimento, induzindo a população local a viver coletivamente a mesma história, através de elementos simbólicos inseridos na paisagem. Sasaki (2010) complementa que as identidades são dinâmicas e construídas socialmente, assumindo assim, um sentido para com o indivíduo, através da linguagem e de símbolos representativos.

Completa-se o pensamento de Brum (2006) através da contribuição de Woodward, que afirma o seguinte: As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão

social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença (WOODWARD, 2012, p. 40).

Considera-se relevante a abordagem de Silva (2014) sobre identidade e diferença. O autor afirma que em um primeiro momento parece ser simples definir “identidade”, sendo a mesma pautada apenas por aquilo que de fato se é; “sou negro”, “sou brasileiro”, “sou jovem”. Assim tal conceito é concebido apenas por aquilo que a pessoa é, só tendo como referência a si própria, sendo a mesma, autocontida e autossuficiente. Entretanto o autor ressalta a dependência existente entre identidade e diferença, pois quando se fala que “somos brasileiros”, é porque existem “não brasileiros”, um fator que marca a diferenciação. Em um mundo homogêneo, de uma identidade unificada, as afirmações identitárias não fariam sentido algum, como se faz entender o autor. Também é marcante na relação conceitual que se dá ao caráter de que ao assumir muitas vezes uma identidade, ela ocorre pelo fato de negar outra, fazendo com os que os conceitos estejam unidos.

É fortemente marcante o quanto as relações de poder se inserem no contexto de identidade, principalmente pelo sentido da diferenciação, a qual também se insere na análise. Para Silva (2014) tanto a identidade quanto a diferença, são frutos das relações sociais, onde as definições linguísticas e discursivas estão sujeitas a vetores de força e pautadas pelas relações de poder. Dessa forma, os dois conceitos aqui evidenciados, não são meramente definidos, mas sim impostos. Para o autor, o poder de definir a identidade e de marcar a diferença, jamais pode ser separado das relações mais amplas de poder.

Por sua vez, Silva (2014) deixa bem claro o que pensa a respeito de tais conceitos, afirmando que:

[...] identidade e a marcação da diferença implica, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõe e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (SILVA, 2014, p. 82).

Claval (2007) contribui nesse sentido ao ressaltar que a tomada de posse em certo espaço povoado vem a exprimir-se pela delimitação de fronteiras e pela consequente introdução de marcas que exprimem e orientam a uma identidade

comum, com evidência a cruzeiros, monumentos e arquiteturas tipificadas, para evidenciar de certa forma a proclamação pertinente ao que se quer. Para o autor a tomada de posse se insere em uma lógica simbólica que acaba sendo assumida em caráter coletivo.

A marcação dos lugares, explorada pelo autor, pode ser analisada no caso missionário, onde cada vez mais, percebe-se o uso de símbolos que aludem à origem missionária dos municípios. Bonnemaïson (2012, p. 292) fala em “geossímbolos”, onde determinado “lugar, itinerário, extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assumem uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

A identidade missionária se ancora nesse viés simbólico, onde a paisagem está impregnada de símbolos, estes presentes no dia-dia das pessoas. As representações sociais fazem uso do contexto missionário e direcionam suas ações de modo a induzir a uma identidade coletiva. O contexto identitário possui relações aproximadas com as representações sociais, cabendo sua análise, na sequência.

1.5 IDENTIDADE E SEUS SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO

De acordo com Silva (2014), os sistemas de representação possuem grande importância quando se fala em identidade e sua relação com a diferença. Para o autor, tanto identidade quanto diferença dependem da representação, pois é por meio dela que ambas ganham sentido, de certo modo, passa a existir, pois representar significa na situação analisada, afirmar: “essa é a identidade” ou “a identidade é isso”. Logo, nesse sentido, percebe-se a força dos sistemas de poder, pois são eles que têm a capacidade de representar, ou seja, o poder pode definir e determinar o direcionamento identitário desejado. Em sua exposição, o autor também comenta que questionar a identidade é, de certa maneira, questionar seus meios de representação.

Da mesma maneira a cultura está totalmente atrelada ao poder, é o que diz Cosgrove (2012). Para o autor, um grupo dominante tende a atribuir sua experiência de mundo, onde as convicções de tal grupo, tidas como verdadeiras, são impostas, com o objetivo de validar determinada cultura perante as pessoas.

Lefebvre (2006) enfatiza com segurança a existência de um espaço produzido, marcado por um caráter visual cada vez mais evidenciado, sendo

fabricado com direcionamento ao visível, às pessoas e às coisas, os espaços e aqueles que acabam sendo envolvidos. Para o autor, a visualização é um traço dominante, que mascara a repetição, fazendo com que os indivíduos comprem a partir da imagem produzida.

Conforme Jodelet (2001) sempre que o indivíduo necessita entender o mundo que o cerca, é necessário para o mesmo, ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificando problemas ali dispostos, onde, para isso, é que são atribuídas representações. Para a autora, da mesma forma que ante as coisas, pessoas ou eventos, não somos munidos exclusivamente de automatismos, da mesma maneira, não somos excluídos totalmente em um vazio social, pois compartilhamos o mundo com outros, onde neles nos apoiamos, muitas vezes convergindo, outras tantas divergindo.

Sendo assim, para Jodelet (2001) as representações são sociais e possuem grande relevância na vida cotidiana, pois as mesmas acabam guiando cada ser, nomeando e definindo um conjunto dos mais variados aspectos da realidade do indivíduo, de maneira que o mesmo possa interpretá-los e, se necessário for, defendê-los de acordo com as tomadas de posições. Claval (2007) contribui com a análise afirmando que os grupos humanos exercem papel importante na exploração espacial ao inserirem sistemas de representação que induzem ao pensar, logo, a prática de batizar lugares, muito vezes acaba reproduzindo o objeto de discurso, visto que a imposição de marcas simbólicas faz delas uma categoria social.

Segundo Rodrigues (2013) a memória é elemento importante da identidade, sendo ambas indissociáveis, construídas através de um universo de significados atrelados a uma realidade e a uma vida em sociedade. O autor ainda afirma que se produzem representações de lugares, onde aos mesmos são atribuídos sentidos históricos de existência e pertencimento, que acabam por legitimar as ações políticas no âmbito social. Analisando a questão, com direcionamento ao Estado do Tocantins (Brasil), Rodrigues ressalta que a produção simbólica não é inocente, que por trás do que se vê, existem agentes produtores, que estão politicamente imbuídos em validar um discurso visando alcançar os mais variados objetivos.

Jodelet caracteriza as representações sociais com as seguintes palavras:

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a

assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 2001, p. 5).

Jodelet (2001) ainda contribui afirmando que as representações sociais possuem em seu objeto uma relação de “simbolização”, tomando seu lugar de interpretação e conseqüentemente atribuindo-lhe significações. Tais significações, por sua vez, resultam de uma atividade que torna a representação uma “construção” do sujeito. Esta atividade pode remeter a processos cognitivos, com o sujeito sendo considerado do ponto de vista epistêmico ou até mesmo a mecanismos intrapsíquicos (projeções fantasmáticas, investimentos pulsionais, identitários, motivações etc.), onde o sujeito é considerado do ponto de vista psicológico. O que chama atenção, é que o estudo das representações sociais tem o intuito de integrar em sua análise processual, o pertencimento e as participações sociais e culturais do sujeito.

Conforme Lefebvre (2006) o espaço social reúne tudo aquilo que há no espaço, tudo o que é produzido, seja pela sociedade ou pela natureza, seja por cooperação ou por relações conflituosas, tudo está presente: seres vivos, coisas, objetos, obras, signos e símbolos. O autor ainda ressalta que o espaço social resulta na reunião atual ou possível de um ponto, em torno do próprio ponto. O espaço urbano ganha relevância no contexto, pois o mesmo é ponto de encontro, reúne os indivíduos, seus atos e seus símbolos. O espaço, principalmente o social, é, conforme Lefebvre (2006), obra e produto, na medida em que o mesmo é uma realização do “ser social”.

Segundo Corrêa (2007), é por meio das formas simbólicas que a cidade expressa determinada cultura, realizando, de acordo com os objetivos dominantes, o seu papel de transformação cultural. Para o autor, as formas simbólicas foram se alterando com o passar do tempo, estando as mesmas, na atualidade, fortemente remetidas a bens e serviços com algum significado de ordem emocional ou intelectual, caracterizadas como instrumentos de comunicação. Muitos municípios missionários valorizam o simbólico em suas construções urbanas, São Miguel das Missões destaca-se neste sentido, com algumas construções comerciais que de certa forma fazem alusão ao período reducional. Para Corrêa (2007), quando se (re) significa a paisagem urbana, a mesma adquire valor simbólico, transformando-se em um tipo particular de mercadoria, manifestando assim, de um lado, o papel de

representar a realidade social e, de outro, viabilizando a circulação do capital, se notabilizando pelo caráter eminentemente político.

García Canclini (2000) enfatiza que aqueles que nascem em meio à terra, inseridos em uma determinada paisagem, possuem identidade inquestionável dada ao seu apego. Porém, na opinião do autor, existe a memória do que foi perdido e reconquistado, dentre os quais são celebrados e protegidos os símbolos que marcam o passado e, com isto, a identidade tem sua continuidade em monumentos e museus, que reúnem o possível, a fim de lembrar a história que outrora ali se viveu. Os monumentos, que evidenciam heróis, acontecimentos importantes ou símbolos históricos, são normalmente introduzidos num território público, sendo fontes de lembranças, de direcionamento coletivo de algo que já não existe mais, porém, de certa maneira aludem à origem e à essência, conservando o modelo de identidade em sua versão mais autêntica. Saquet e Briskievicz (2009), ao estudarem a questão, ressaltam:

Os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta. Os vários conflitos pela defesa de fronteira, por exemplo, demonstram que as referências espaciais permanecem relevantes para a definição ou fortalecimento de identidades. A própria memória (coletiva) de um grupo social precisa de uma referência territorial (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 6).

Segundo Lowenthal (1998) o hábito abarca todos resíduos mentais de atitudes e pensamentos do passado, sejam ou não lembrados conscientemente. Para o autor, a recordação envolve a consciência de um passado ou das condições de existências. Nesse sentido, o autor relata a importância de “mementos”, que são recordações de grande valor, relíquias, onde tudo que é familiar e tem forte ligação com o passado pode ser ressaltado com o intuito de evocar recordações. Em especial, destacam-se os *souvenirs*, que agem fazendo lembrar o passado próprio ou até mesmo um passado mais abrangente, onde novas lembranças também acabam sendo induzidas constantemente, em substituição a algumas antigas, mostrando um fluxo contínuo nesse sentido.

Percebe-se diante dos estudos de Corrêa (2007), que a paisagem constitui parte de um conjunto compartilhado de ideias, memórias e sentimentos, que acabam unindo a população em torno de algo comum. O autor ainda ressalta que sentimentos e simbolismos impactam sobre o futuro, podendo assim revelar a

dimensão identitária presente na paisagem urbana, oriunda de forte enfoque social e político. Com isso, de acordo com Lefebvre (2006) percebe-se que o espaço social se manifesta pela sua polivalência, possuindo uma “realidade” que é ao mesmo tempo forma e material. O autor ainda ressalta o espaço social como um produto que de certo modo se utiliza, se consome e é também meio de produção, de acordo com suas redes de trocas, fluxos de matéria-prima e energia que acabam recortando o espaço e que são por ele produzidos.

1.6 IDENTIDADE E PASSADO

De acordo com Álvaro Luiz Heidrich, (2013) uma vida plena de sentido, é reconhecida naturalmente em comunidades pequenas e tradicionais, que precisam se reelaborar diante das complexidades apresentadas pelo mundo moderno, sendo seu sentido normalmente permeado pelos discursos de instituições dominantes, assim como de meios comunicativos produtores de ideias e mensagens. Segundo o autor, para a composição do vivido, o diálogo acaba sendo indispensável, pois as relações sociais também são afetadas, onde aquilo que não faz parte da compreensão de um indivíduo, pode se tornar presente no pensamento de outros sujeitos. A identidade e o espaço público, os quais estabelecem feições elementares do viver coletivo, tem seus sentidos pautados pelos meios de comunicação. O autor ainda ressalta que tal mundo é completamente geográfico, onde nossa formação está totalmente relacionada com a história enquanto tempo, com os conflitos, com as estruturas, as características e os seus usos, além dos intercâmbios e dos significados, ou seja, todos os elementos agindo conforme a compreensão experiencial (HEIDRICH, 2013, p. 54).

Hall (2014) também faz referência ao termo “identificação”, o qual é construído a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que acabam sendo repartidas com outros grupos, direcionados a um mesmo ideal. Tal caráter se forma, segundo o autor, pelo fechamento, o qual constitui a base solidária e fiel do grupo analisado. O autor esclarece seu pensamento acerca de identificação nas seguintes palavras:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco”- uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está

sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais que um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2014, p. 106).

Percebe-se, diante do exposto por Hall (2006), que o fenômeno identitário é dependente de diversas variáveis que, muitas vezes, podem agir em conjunto. O discurso direciona a identidade para a direção que anteriormente talvez tenha sido provocada pelo fechamento e a marcação de fronteiras, em alguns casos, principalmente no contexto dos laços nacionalistas, mas também pela marcação simbólica, que também enfatiza a diferença, produzindo formas de pertencimento e de ligação afetiva para com o lugar.

Para Manuel Castells (1999) as identidades se constroem a partir de elementos fornecidos pela história, pela geografia, pela biologia e demais instituições produtivas e reprodutivas contidas na memória coletiva das regiões e lugares, anexando-se as fantasias e os “causos”, contados e revelados pela população do lugar e somados estes a alguns conhecimentos históricos e religiosos. Segundo o autor, os grupos sociais que compõem as sociedades destes lugares organizam suas memórias históricas, culturais e até mesmo sua estrutura social, utilizando-se desses relatos e construindo, assim, sua cultura, a qual se constitui na base da sua estrutura social, que atravessa o tempo, identificando o seu espaço. Sasaki (2010) afirma que a busca humana pela identidade deve ser considerada como um processo contínuo de definir, reinventar e inventar sua própria história como se o passado nostálgico pudesse ser compatível em concordância com o presente que se verifica.

Sobre a relação de identidades com o passado histórico, Hall (2014, p.108), por sua vez, fornece a seguinte contribuição:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma” e “como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2014, p. 108).

A obra de Lowenthal (1998) fornece subsídios importantes nesse sentido:

Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos selves anteriores, por mais diferente que tenhamos nos tornado. “Como apenas a memória permite conhecer a sequência de percepções”, argumenta Hume, deve ser considerada como a fonte de identidade pessoal. Não tivéssemos memória, nunca teríamos tido nenhuma noção dessa cadeia de causas e efeitos que constituem nosso *self* ou pessoa (BUCKHOLT apud LOWENTHAL, p. 83).

Claval (2007) em seus estudos determina três formas de identidade e níveis de fechamento com relação às culturas locais. A primeira, diz respeito à vontade de se conformar aos usos de um grupo; a segunda, pautada na ideia de uma origem comum e a terceira; direcionada para a construção da pessoa baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida ao redor dos valores centrais da cultura. Chama a atenção, a segunda forma identitária relacionada aos níveis de fechamento proposto por Claval, pois nele, a imagem, a partir da qual é construído o sentimento de identidade, tem maior parte do tempo outros fundamentos, baseando-se na ideia de uma descendência comum, de uma história assumida em caráter coletivo, ou de um espaço onde o grande grupo, assume ligações quase místicas.

Facilmente se percebe que a cultura está fortemente atrelada ao conceito de lugar, na medida em que se evidencia o sentimento de pertencimento se direcionando a um espaço vivido. Roberto Lobato Corrêa (2007) entende cultura como uma maneira de se analisar o significado dos saberes, técnicas e crenças de determinado grupo, os quais acabam sendo traduzidos em representações e práticas que orientam e dão sentido à vida do grupo.

De acordo com Cosgrove *apud* Corrêa (2007) toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação. Callai (2004) contribui nessa compreensão ao entender o lugar como centro de sentimentos e identidades, sendo um espaço arquitetado como resultado das vivências de diferentes pessoas, de grupos que nele habitam, das formas como trabalham, como produzem e de que forma usufruem do mesmo. A autora também defende que identidade e pertencimento tenham estreitas relações com o território, que é o lugar de vida, que responde a estímulos externos, de caráter global, de acordo com a capacidade de organização das

peças e dos grupos que ali habitam, onde, neste sentido, fica fácil afirmar, que cada lugar possui uma identidade, com marcas que caracterizam.

De acordo com Corrêa (2007) a toponímia traz consigo aspectos culturais de relativa abrangência, os quais se expressam devido à significativa apropriação do espaço por determinado grupo cultural, se tornando poderoso elemento identitário. Para o autor, o poder da toponímia é tão grande, que articula linguagem, política territorial e identidade. No espaço urbano são visíveis as relações identitárias advindas da toponímia, traduzindo-se em significados os nomes de bairros e logradouros. A toponímia dos lugares é destacada por Claval (2007) que considera que os nomes dos lugares se caracterizam por exprimirem a memorização coletiva de uma mudança escalar na percepção espacial.

Relacionando Identidade e Cultura, Castells expõe seu pensamento a respeito do tema:

No que diz respeito a atores sociais entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 1999, p. 22).

As identidades que constituem fontes de significados individuais, onde o indivíduo constrói seu pertencimento, que também pode ser construído por instituições dominantes que se assumem somente quando os atores envolvidos adotam a condição passada pela instituição dominadora. O que acontece na Região Missioneira, não deixa de se verificar desta forma, pois como o processo uniformizador proposto pela mundialização econômica, a região tentou se diferenciar das áreas vizinhas, porém tal papel que lhe foi imposto provinha de organizações administrativas que exerciam o poder na região, com o intuito de vender suas dimensões simbólicas, fazendo com que os habitantes da região se relacionassem com o mesmo passado histórico, independente de suas origens, visto que a região foi significativamente povoada por imigrantes, que também foram incentivados a se inserirem nesse passado missioneiro.

Castells (1999) ao se referir à relação identitária formadora de símbolos que não são casos advindos de instituições dominantes, coloca que:

[...] Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção de identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder [...] (CASTELLS, 1999, p. 23).

Percebe-se, assim, que a identidade pode estar claramente à mercê de interesses, podendo ser alterada conforme objetivos maiores, daqueles que detêm o poder, os quais, muitas vezes, participam ativamente da formação de novas identidades bem como de novos símbolos, ao valorizarem determinadas marcas na paisagem. Desta forma é possível inferir algumas vantagens que poderão ser usufruídas por quem direcionou a formação de novos elementos identitários perante os sujeitos.

2 CAPÍTULO – CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO À INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Analisa-se a contribuição da fenomenologia em Geografia Humana lançando mão do aporte metodológico processual adequado ao alcance do entendimento para a análise e interpretação sobre as relações homem-espço de vida que permitem o entendimento do espaço-vivido.

A ciência geográfica possibilita o aprofundamento em questões que envolvem relações mais aproximadas das pessoas para com o lugar que habitam. Nesse sentido, a geografia cultural contribui significativamente. Diante dos estudos de Corrêa e Rosendahl (2012) percebe-se que a trajetória desta escola geográfica, se deu por dois caminhos, o primeiro pela chamada Escola de Berkeley, com grande influência do geógrafo americano Carl Sauer, e o segundo, da conhecida Nova Geografia Cultural. A análise cultural se diferenciava nas duas escolas, onde a primeira trazia uma abordagem de crenças, hábitos e costumes, de manifestações essencialmente materiais, e a segunda, ressaltava os significados criados e recriados pelos grupos sociais nas mais variadas esferas de vida em suas especificidades ligadas ao espaço.

De acordo com Sakaki (2010) Carl Sauer através de seus estudos sobre morfologia da paisagem, introduz a fenomenologia em suas discussões geográficas. Para a autora, o intuito principal de Sauer era traduzir significados em busca da percepção e da visão cultural a respeito do conceito de paisagem. Nesse sentido, o conceito de lugar ganha relevância, pois o geógrafo americano o desvincula de uma posição estritamente geográfica, rompendo assim com os pressupostos positivistas verificados no período. Paisagem, por sua vez, também demanda atenção diferenciada, principalmente no viés cultural. Bonnemaïson (2012) resalta a paisagem como sendo o reflexo de uma sociedade, agindo como uma espécie de apoio aos indivíduos, principalmente por possibilitar se pensar na diferença com relação a outras paisagens e outras sociedades.

Através das contribuições de Claval (2007) sobre Geografia Cultural, percebe-se que em um contexto inicial, a geografia humana ocupa-se de questões culturais, introduzidas numa ótica reducionista, onde se enfatizam técnicas e utensílios nas

transformações das paisagens. Os geógrafos americanos aderem aos impactos culturais com relação a componentes vivos, sejam eles, animais ou vegetais, da paisagem. O estudo francês, através de La Blache, prioriza os gêneros de vida, onde é dado valor relevante a componentes sociais e ideológicos, os quais se mostram mais sensíveis aos ensinamentos etnográficos e folclóricos.

Em seus estudos sobre a gênese da Geografia Cultural, Claval (2007) traz um enfoque do que entende por cultura: [...] “A cultura é mais complexa do que se imaginava: ela varia no tempo, e algumas de suas manifestações diferem de uma parte a outra em áreas que se teria a tendência de perceber como homogêneas, porque aqueles que as habitam tem o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade” (CLAVAL, 2007, p. 42).

Nesse sentido, aliando o que se propõe cultural e humanisticamente, nota-se que a cultura está fortemente atrelada ao conceito de lugar, na medida em que o autor destaca o sentimento de pertencimento, se direcionando a um espaço vivido. Callai (2004) contribui nessa compreensão ao entender o lugar como centro de sentimentos e identidades, sendo um espaço arquitetado como resultado das vivências de diferentes pessoas, de grupos que nele habitam, das formas como trabalham, como produzem e de que forma usufruem do mesmo. A autora também defende que identidade e pertencimento tenham estreitas relações com o território, que é o lugar de vida, que responde a estímulos externos, de caráter global, de acordo com a capacidade de organização das pessoas e dos grupos que ali habitam, onde, nesse sentido, fica fácil afirmar, que cada lugar possui uma identidade, com marcas que o caracterizam.

Para Bonnemaïson (2012, p. 288) o território marca um tipo de relação afetiva e cultural com uma terra, antes de ser o reflexo de apropriação ou de exclusão do estrangeiro. O autor, ao propiciar uma abordagem essencialmente cultural, ressalta que toda cultura se encarna além de um discurso, em uma forma de territorialidade, que se caracteriza pela expressão de um comportamento vivido. Na análise do território, a partir de Bonnemaïson, percebe-se o mesmo dividido em espaço social, aquele da organização e produção espacial e o cultural, que o autor classifica como aquele que é vivenciado.

O contexto de um emergente mercado mundial unificado é destacado por Sasaki (2010) que afirma que não existe uma única globalização, mas sim várias, as quais influenciam a configuração de identidades humanas, seja em caráter local ou

global. Para a autora, o que ocorre é um movimento oposto a uniformização mundial, com a tentativa de impor determinadas diferenças, com o intuito de garantir a segurança de um patrimônio material e imaterial de comunidades locais.

Nos anos 1970 existia o temor pelo desaparecimento do que se estudava pelo viés humanístico-cultural, sobretudo pelas transformações que se verificavam em caráter mundial e pela ascensão forte de uma geografia quantitativa que priorizava a técnica. Tal temor é superado, principalmente pela renovação que vem a se impor na geografia cultural do período, onde ocorre um efeito contrário ao que se previa pela uniformização mundial. Nesse sentido, os lugares se caracterizam por estarem infinitamente carregados de sentimentos para aqueles que os habitam e os frequentam.

O momento de valorização humanista é ressaltado pela emergente análise fenomenológica, que opta por descrever o mundo da maneira como as pessoas realizam suas experiências cotidianas. A abordagem humanista a partir de Tuan (1980) se torna praticamente uma corrente, em que se valorizam o sentido dos lugares, a importância do vivido, o peso das representações religiosas, tornando assim, indispensável uma pesquisa de grande complexidade dos fatos culturais.

Fica bem claro, a importância que o lugar exerce nas discussões de geografia humana e também cultural, aonde o conceito de identidade vem sempre associado a lugar, principalmente na dimensão do espaço vivido, relacionando-se com a dimensão da experiência do homem para com os lugares, ou seja, o modo como o sujeito se relaciona com o objeto, conforme ressalta Sasaki (2010). Através dos estudos de Holzer (1992) percebe-se o lugar, como conceito que ficou evidenciado como a base filosófica da fenomenologia, sendo a abordagem espacial que melhor representava os anseios fenomenológicos, sendo usados por autores renomados, como Tuan, Buttimer e Relph, sendo os dois primeiros, grandes contribuintes na formação de uma identidade própria para a geografia humanista.

Inicialmente, é válido destacar que os aportes fenomenológicos não são constantemente usados nas análises geográficas em geral, contudo as investigações na área da Geografia humanística, na qual os pesquisadores seguem um direcionamento acercando-se das relações dos indivíduos com seus espaços de vida, buscam seu melhor entendimento utilizando-se deste aporte metodológico em vez de outros usualmente aderidos e tidos como tradicionais.

A Geografia humanística dá abertura à fenomenologia devido à sua necessidade na busca de soluções para distintas problematizações que se apresentam em sua área de pesquisa. Por sua vez, o contexto fenomenológico permite à geografia humana trabalhar novos modos de relacionar o homem e o espaço, assim como o sujeito e o objeto na pesquisa, principalmente através de seu enfoque de ver e sentir o espaço-vivido, enfatizando as emoções e valores advindos dos indivíduos para com o lugar, os quais são geradores de sentimentos de pertencimento, que induzem a identificações dos sujeitos para com seus espaços de vida.

De acordo com Marandola Jr.(2013) a Geografia humanística buscou, em caráter inicial, a renovação da ciência procurando uma aproximação das humanidades, como alternativa externa ao que se apresentava no Neopositivismo e suas tendências quantitativas que marcaram o período da segunda metade do século XX da ciência Geográfica. Na busca de uma renovação epistemológica ocorreu um direcionamento significativo para outras áreas da Ciência, sobretudo para a introdução da Filosofia nos estudos geográficos, devido à evidência assumida por muitos geógrafos de que a Geografia estava deixando de ser uma ciência de estudo do homem e espaço como natureza que permite o desenrolar da vida humana. Com isso, incorporou-se o método fenomenológico à ciência Geográfica por ter capacidade de atender aos anseios das análises e interpretações sobre o mundo-vivido, de acordo com as concepções Husserliana ou a ideia de habitar, presente na fenomenologia existencial de Heidegger. Os conceitos fenomenológicos induziam os geógrafos a repensarem as noções acerca da essência do lugar, o qual exerce papel relevante nesta renovação, com destaque para as obras de Relph e Tuan.

Interpretando Tuan, no que se refere ao entendimento sobre o espaço-vivido, a fenomenologia utiliza-se do caráter existencial dos sujeitos, não dando demasiada atenção a valores numéricos, principalmente quando a pesquisa é direcionada para a percepção, tendo, neste viés, relevante importância os estudos sobre paisagem e o papel humano sobre a mesma. Ao lançar mão da abordagem metodológica de Tuan, enfatizam-se os sujeitos, sempre inserindo a percepção dos mesmos e suas ações para com os objetos, que são, na fenomenologia, determinados pelos próprios sujeitos.

Acrescenta-se que devido ao fato de estudar o mundo vivido, trabalha-se também com conceitos-chaves da Geografia, tais como: espaço, paisagem e lugar, onde os mesmos sempre estão atrelados ao vivido. De acordo com Tuan (1985) a geografia humanística procura um entendimento do mundo humano com vistas ao estudo das relações pessoais do homem com a natureza e, também, da conduta geográfica e dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Destaca-se, neste caso, a importância do conceito de lugar, o qual é caracterizado nas suas palavras, como sendo uma localização carregada de significados, que se diferencia para o homem como sendo seu lugar de parada, onde o mesmo atende a suas necessidades, criando, assim, ligações relevantes, cheias de significados que estabelecem laços de sentimentos que o transformam em lugar. Estes, por sua vez, podem se apresentar com variação em tamanho, indo desde um objeto de um lar até o estado-nação. Os lugares pequenos são aqueles que se revelam através de experiências diretas, de sentido íntimo. Já as grandes regiões possuem, além da experiência direta, a capacidade de serem transformadas em lugar através de uma relação de apego, de lealdade extremada oriunda do meio simbólico da arte, da educação e da política.

A transformação de espaço em lugar é para Tuan (1985) um objeto de investigação da geografia humanista, pois a mesma pode recorrer a interesses distintamente humanísticos, como a questão experiencial, a característica do apego emocional aos objetos físicos e os papéis dos conceitos e símbolos na concepção da identidade do lugar. Seguindo as observações de Marandola Jr., e Tuan, com referência ao seu entendimento sobre o mundo-vivido, nas concepções do método fenomenológico, sinaliza-se o entendimento do sujeito oferecendo caminhos para a compreensão das experiências humanas, articuladas sempre em torno das vivências, indo na direção contrária de outros métodos que visam o estabelecimento de modelos e teoria.

Na fenomenologia, o espaço é dotado de grande dinamismo devido estar relacionado com a questão experiencial dos sujeitos, que carregam individualmente determinada subjetividade. Conforme enfatiza Marandola Jr. (2013), com o atributo do método fenomenológico, a ciência Geográfica elevou seu interesse pela ideia de paisagem, tentando entender a relação homem/meio a partir da percepção geográfica e da construção de valores e atitudes num contexto histórico e cultural, onde se destacaram estudos de Meining e Lowenthal.

Segundo Anne Buttimer, em sua obra “Apreendendo o dinamismo do mundo vivido”, (1982) o geógrafo humanístico, alinhado com os pensamentos dos cientistas e filósofos, não pode dar-se ao luxo de ignorar qualquer coisa que possa lançar luz nas complexidades das relações humanas com o espaço-vivido. A autora traz o exemplo de habitar, que considera um significado que vai além de morar, cultivar ou organizar o espaço, significando viver de um modo que se esteja inserido e ajustado aos ritmos que a natureza impõe, onde a vida pessoal está amparada na história humana e direcionada para um futuro, no qual, a construção de um lar vem a ser o símbolo de um diálogo diário com o meio ecológico e social do indivíduo (BUTTNER, 1982, p. 166).

De acordo com Maurice Merleau-Ponty (1971), um dos principais expoentes da fenomenologia, toda a percepção exterior é totalmente relacionada à percepção do corpo do indivíduo, assim como toda percepção de tal corpo vem a se explicitar na linguagem da percepção exterior. Assim, o autor infere que se percebe o mundo de acordo com o nosso corpo, sendo o mesmo um sujeito da percepção. Igualmente importantes são as considerações de Merleau-Ponty (1971) acerca de espaço, o qual para o autor não vem a ser o meio onde se dispõem as coisas, mas o meio em que as posições das coisas se tornam possíveis, sendo pensado como força universal de suas conexões.

Para Merleau-Ponty (1971), a fenomenologia é caracterizada da seguinte forma:

[...] A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspense, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia segundo a qual o mundo está sempre “aí” antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um “status filosófico” [...] (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 5).

Percebe-se, diante desta proposta conceitual, que o método fenomenológico busca verificar a essência dos fenômenos, principalmente acerca do sujeito, estabelecendo sempre uma relação direta com o espaço-vivido. De acordo com Buttimer (1982), os fenomenologistas têm alcançado resultados exitosos ao conseguirem expor consideráveis críticas ao reducionismo, à racionalidade e à

separação de “sujeitos” e “objetos” nas pesquisas empíricas. Segundo a autora, [...] “os existencialistas apregoam o argumento da libertação da experiência vivida, apelando por descrições mais concretas do espaço e do tempo, e de seus significados na vida humana diária”. Percebe-se, assim, a valorização do vivido, o qual para os entusiastas do rigor científico surge como um obstáculo para a ciência objetiva, como enfatiza Buttimer em sua obra citada anteriormente.

De acordo com Buttimer (1982) o método fenomenológico tem Edmund Husserl como seu mentor e principal expoente, porém, segundo a autora na visão de Husserl, os fenomenologistas trazem consigo o argumento de que os procedimentos científicos convencionais nunca são autoconscientes, visto que os mesmos têm origem em suas atitudes naturalistas, que observam, classificam e também explicam os fenômenos no interior da estrutura de postulados. Para a autora, o caráter fenomenológico, demanda uma volta à evidência, retornando aos próprios fatos, a maneira como são produzidos, além de averiguar os próprios atos conscientes. Segundo a autora, no modo científico de conhecimento, um indivíduo pode se tornar tão envolvido em seus objetos de pesquisa, que corre o risco de negligenciar-se a si mesmo, além de correr o risco de excluir as perspectivas inseridas no estudo de tais objetos.

Buttimer (1982) ressalta que as contribuições de Husserl são significativas para o método fenomenológico. Entre tais contribuições destaca-se o “princípio da redução”, o qual faz com que o conhecer retorne a si próprio e aos dados aos quais julga como evidentes. Sendo assim, a condução do método fenomenológico na pesquisa é iniciada demonstrando a inadequação de todas as teorias naturalistas do conhecimento, tentando examinar o conhecimento para esclarecer a “essência da cognição”.

No contexto do mundo vivido se constroem as experiências e este tema também é abordado pelo método fenomenológico. Não se podem desconhecer as contribuições de Merleau-Ponty, ao determinar aos fenomenologistas que reconhecessem a experiência vivida bem mais do que a compreensão cognitiva, pois exploram a grande variedade de bases pré-conscientes, orgânicas e sensoriais, que precedem o conhecimento intelectual. Uma das dificuldades apontadas pela autora é a considerável dificuldade em relacionar a noção de “mundo vivido” com a linguagem geográfica, pois o “mundo” ao qual se olha fenomenologicamente é aquele em que os sujeitos criam seus projetos e suas vivências, diferente do mundo

geográfico focalizado pela ótica de espaço. Sendo assim, a fenomenologia se insere na questão, sendo um caminho propício para explorar alguns condicionantes e forças unificadoras da experiência humana no mundo.

2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA PROCESSUAL DO CONHECIMENTO SUBJETIVO

Na fenomenologia ensejada como método, os sujeitos possuem papel relevante, pois são eles que ocupam o espaço central e agem sobre os objetos. O direcionamento fenomenológico verificado para as ciências humanas acontece pelo enfoque dado à percepção dos sujeitos, onde a subjetividade acaba sendo evidenciada.

Seguindo o pensamento de Anne Buttimer (1982), de acordo com o olhar fenomenológico, o espaço é um conjunto dinâmico e contínuo, onde o sujeito experimenta o viver, articulando-se na busca de um significado, sendo a dimensão do vivido pautada pelo modo como as coisas e as pessoas são percebidas. Duas maneiras principais de se conhecer a experiência são destacadas pela autora; uma direcionada à experiência pessoal e a outra considerada a partir do comportamento exterior do espaço, diferenciando assim, os modos subjetivos e objetivos de conhecimento. Conforme a autora, a fenomenologia tem o intuito principal de tentar transcender ambas, propondo um conhecimento das duas, mas não se identificando diretamente com nenhuma.

Nesse sentido, Anne Buttimer esclarece a questão nas seguintes palavras:

Seu critério inicial é a criação de um clima que o torna psicologicamente seguro para a outra pessoa, evento ou fenômeno, revelar sua estrutura interna de referência: ambiciona encontrar, mais do que dominar, o objeto a ser conhecido. Enquanto o modo subjetivo concentra-se na experiência individual única, e o modo objetivo procura a generalização e preposições testáveis acerca da experiência humana agregada, o modo “intersubjetivo” ou modo fenomenológico esforçar-se-ia para elucidar um diálogo entre pessoas individuais e a “subjetividade” do seu mundo. As generalizações (o “modo da terceira pessoa”) deveriam derivar de um relacionamento mais básico entre os atores (primeira e segundas pessoas) dentro do drama do mundo vivido (BUTTIMER, 1982, p. 175).

Desse modo, percebe-se o direcionamento à experiência direta, em detrimento a outros modelos pré-estabelecidos, em geral, pela mente humana, baseando-se numa espécie de retorno às experiências vividas, pois os primeiros

dados perceptivos são oriundos de contatos diretos entre o corpo e o mundo. Com relação à percepção, a autora afirma que Merleau-Ponty sugere a abordagem de dados pre cognitivos da experiência, definidos pelo comportamento do pesquisador em relação a eles, identificando isto como um estudo perceptivo, que se acha em um mundo já padronizado, ou em vias processuais de tornar-se.

Anne Buttimer indica três caminhos de pesquisas que se destacam na fenomenologia:

Primeiro, o espaço foi construído como um mosaico de lugares especiais, cada qual estampado pela vontade, valor e memória humana. Segundo, estudos do espaço social investigaram a experiência do mundo que é filtrada através de sistemas de referência social e redes de integração. Terceiro, o espaço foi estudado em termos de processos ecológicos e organização funcional, seu caráter objetivamente mensurável, mais como contexto do que expressão humana. Nestes três caminhos principais, os geógrafos têm lutado com tensões entre modos de conhecimentos subjetivo e objetivo, entre perspectivas individuais e coletivas e entre facetas temporal e espacial da experiência (BUTTIMER, 1982, p. 177).

Para Buttimer (1985), o espaço tem sido observado a partir de suas populações, dando-se ênfase às características demográficas particulares, advindas de uma sociedade que interage em rede. Com isso, as fronteiras e experiências relacionadas ao espaço são consideradas com vistas a concordar com uma sociedade ampla, mais do que com uma área particular. A autora ainda ressalta, partindo dos pressupostos, que a concepção subjacente é de um homem móvel, advindo de um lugar-transcendente, no qual os horizontes são inseridos de acordo com seus “mundos sociais”. Enfoca-se, deste modo, que os indivíduos são oriundos de um mundo intersubjetivo, no qual se aprende a linguagem e os estilos comportamentais da sociedade que capacitam os indivíduos a se engajarem no “mundo diário”.

Com relação à intersubjetividade abordada pelo método fenomenológico e a inserção de novos grupos, normalmente estrangeiros, Buttimer (1985) ressalta que além de reconhecer, também é importante transladar símbolos de outros grupos com o intuito de apreender o sentido motivacional de suas ações. De tal modo, a intersubjetividade vem a sugerir a situação legada de partes circundantes aos lugares de vivências diárias. A mesma também pode ser entendida como uma ação em movimento, na qual os sujeitos sempre continuam criando seus “mundos sociais”. A autora observa que a mensagem chave da fenomenologia para os pesquisadores do espaço-social, é a de que muitas experiências sociais são aceitas

como dadas, sendo reforçadas através da língua e da retina, raramente precisando passar por exame ou ser alterada. Deste modo, a autora assume a posição de que o pesquisador pode reivindicar, justificadamente, uma focalização humana e ambiental, sem ter que seguir um caráter determinístico, mas respeitando as relações mútuas.

A respeito do mundo vivido Buttimer (1985) informa que o mesmo, na perspectiva geográfica, é considerado como a essência primeira da experiência humana e o comportamento no espaço e no tempo são observados da mesma forma que os movimentos superficiais dos *icebergs*, onde as profundidades são sentidas apenas vagamente. Para a autora, quando se fala de experiências individuais e coletivas, os padrões visíveis de tal movimento e a atividade consciente podem ser esclarecidos através da exploração, do dinamismo e dos conflitos das bases subjacentes. Com isso, o método fenomenológico instiga cada sujeito a examinar as experiências pessoais, se sobrepondo como sujeito ao objeto da pesquisa.

Por relacionar o indivíduo com o espaço vivido, este método pode se inserir na investigação geográfica principalmente por enfatizar o contexto espacial. A Geografia se evidencia no processo, pois no espaço vivido estão presentes, além do contexto espacial, as interações sociais e, sobretudo, culturais advindas da experiência humana ao inserir o sujeito como centro da cena. Deste modo, o método traz, por obrigação, uma investigação por parte do pesquisador, de grande intimidade com os indivíduos, mantendo assim, significativa proximidade no intuito de chegar aos objetivos propostos na pesquisa.

Destaca-se, também, o papel do trabalho de campo como parte importante na elaboração dos trabalhos geográficos devido à sua relevância nas investigações fenomenológicas, pois não haveria forma de se trabalhar com o mundo-vivido sem exercer tal etapa. No trabalho de campo, faz-se necessário interpretar as questões a partir do que é apresentado pelos sujeitos, analisando sempre os valores advindos dos indivíduos presentes na pesquisa. Considera-se que a mensagem principal, passada pelo método fenomenológico, se direciona ao sentido mais apurado de autoconhecimento e identidade, criando uma espécie de desejo pela “unidade” experiencial, além de uma transcendência de categorias a serem priorizadas na pesquisa e indo sempre em direção ao espaço-vivido.

Mantendo o pensamento focado na direção do espaço-vivido, a fenomenologia tornou-se a metodologia usada na presente pesquisa, sobretudo por dar validade e valor aos sujeitos para além de seus mundos vividos, o que foi possível de atingir através de práticas e procedimentos que valorizam significativamente o papel dos sujeitos no fenômeno investigado. Por meio das pesquisas bibliográficas e de campo buscou-se as respostas acerca da identidade missioneira, de como ela ocorreu, ocorre e por que ocorre? Através de entrevistas com pessoas direcionadas a partir do método “bola de neve”, foi possível responder as questões com mais exatidão, até o momento em que se obteve o ponto de saturação nas questões-chaves da pesquisa.

Os entrevistados formaram uma cadeia de informantes. Primeiramente exigiu-se a escolha de um informante-chave, escolhido por possuir relativo conhecimento da área de pesquisa, onde o mesmo pode indicar os primeiros entrevistados, os quais deram continuidade na formação da cadeia, indicando novos nomes. Portanto, o primeiro grupo de entrevistados foi direcionado, com certa intencionalidade. As entrevistas construídas nesse momento foram semiestruturadas, com o intuito de estabelecer um roteiro de perguntas. Tais entrevistas tiveram propositalmente caráter aberto, para que durante o andamento da conversa, em caso de novas interrogações, por parte do autor ou dos entrevistados, as mesmas pudessem ser respondidas.

Logo, tivemos um primeiro grupo de entrevistados, todos estes direcionados, mesmo que por indicação. Em um segundo momento, ocorreu nos municípios da pesquisa observação direta de como as representações sociais e simbólicas induziam ao contexto missioneiro, levando em conta a percepção do autor a respeito de variáveis que se apresentavam no decorrer do estudo, via parte teórica ou prática, essas últimas oriundas de informações das entrevistas direcionadas.

Um segundo grupo de entrevistas foi formado, de maneira diferente do primeiro que fora estabelecido. No segundo grupo não houve direcionamento aos entrevistados. A segunda etapa se caracterizou pela abordagem aleatória de pessoas em espaços públicos, para que as mesmas respondessem apenas sobre seu pertencimento com relação às Missões, se sentiam missioneiras e se percebiam motivação para tal sentimento. Nesse contexto, foram escolhidos locais públicos de grande circulação de pessoas, para que um número razoável de entrevistados fosse obtido com maior facilidade.

A identidade foi analisada primordialmente com relação ao sentimento de pertencimento e apego dos sujeitos para com seu lugar de origem. Para a investigação da identidade verificada empiricamente na Região Missioneira do Rio Grande do Sul, se buscou subsídios bibliográficos que auxiliassem no entendimento e no discernimento no momento das entrevistas, devido à complexidade deste fenômeno subjetivo. Contou-se com o apoio de uma base teórica e dos estudos sobre identidade e pertencimento aliando-os às informações históricas da Região Missioneira e de suas peculiaridades.

Os sujeitos tiveram grande participação no estudo, visto que o resultado de suas falas foi explorado a partir da técnica conhecida como “análise de conteúdo”, sobretudo a partir da proposta de Bardin (1977) acerca da interpretação dos diálogos com os sujeitos. Nesse sentido segue-se a lógica de Henry e Moscovici apud Bardin (1977) que revelam que “tudo que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo”.

Seguindo as linhas de pensamento, assim mesmo, foi necessário aprofundar as leituras pertinentes ao assunto em investigação para melhor alcançar a profundidade pretendida na pesquisa, ou seja, atingir o entendimento destes fenômenos a partir de uma abordagem conceitual sobre fenomenologia, espaço vivido e identidade vinculada ao pertencimento. Tal preocupação adveio do reconhecimento de que a pesquisa de campo deveria percorrer caminhos do pertencimento por meio da presença dos símbolos que não só marcam como identificam o lugar, isto é, o espaço regional distinto pela história missioneira, o mundo-vivido no passado e de vivência no presente o que exigiu a busca de material referente à simbologia, bem como de pessoas que apontassem os símbolos selecionados.

Considerando tais relevâncias a respeito dos fenômenos da simbologia, identidade e pertencimento no mundo-vivido, bem como o alcance desejado no trabalho de campo, valorizou-se em primeiro momento a seleção dos símbolos missioneiros e, em um segundo momento da pesquisa, ocorreram entrevistas com indivíduos qualificados, dando-se a preferência a pessoas selecionadas, portadoras de conhecimento sobre a Região Missioneira, por trabalharem com o tema Missões e possuírem algum envolvimento com este contexto, sobretudo no aspecto histórico, tratando-se de historiadores, museólogos, guias turísticos, escritores e músicos. A técnica utilizada foi a amostral “Bola de neve”.

Tal grupo constituiu-se em parte importante da pesquisa, tendo voz ativa, devido aos conhecimentos teóricos e empíricos, capazes de elucidar, com suas respostas, as diferentes frentes de investigação relacionadas aos aportes fenomenológicos, de valorização do lugar e de identidade, bem como de pertencimento do mundo-vivido carregados de simbologias. Estes sujeitos locais, ao que se denominou de Grupo 01, foram os mais valorizados no decorrer da pesquisa por atenderem a todas as questões propostas nas entrevistas semiestruturadas e pertinentes ao esclarecimento desejado na investigação. Destaca-se que estes indivíduos foram exaustivamente entrevistados, até a obtenção do total entendimento a respeito das questões formuladas e, assim, garantindo o sucesso das análises no processo de interpretações *a posteriore*.

Por fim, realizou-se uma indagação aleatória junto à população comum dos municípios, visando averiguar o sentimento pessoal da identidade missioneira, sobretudo no campo do pertencimento. A técnica utilizada foi tipo indagação aleatória composta de até duas perguntas, dirigidas às pessoas que eram abordadas nas ruas, avenidas, praças ou em pontos de maior fluxo de pessoas de cada localidade.

As entrevistas permitiram entender o pertencimento através da simbologia e consentir que se percorressem os meandros da identidade subjetiva que determina o apego a tudo aquilo que se determina como modo de vida no mundo subjetivo de seus habitantes. Tarefa difícil de ser transmitida pelos entrevistados e, igualmente, difícil de ser interpretada pelo entrevistador ainda que apoiado em indagações formuladas (ver APÊNDICES).

Devido ao fato de o estudo partir de uma abordagem essencialmente relacionada à geografia cultural, seguiu-se inicialmente a proposta de Bonnemaïson (2002) que ressalta que a tarefa do geógrafo é “compreender a concepção de mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que esteja estudando”. O fato de estudar uma identidade intimamente ligada com um contexto histórico possibilitou o uso de uma abordagem cultural que, para o autor, é importante, pois tem a capacidade de determinar tanto a dimensão territorial quanto a dimensão histórica.

A respeito da técnica amostral “Bola de Neve” utilizada nas entrevistas com indivíduos qualificados deve-se ressaltar, antes de tudo, que estes indivíduos são, de certo modo, produtores da identidade missioneira, devido ao seu

profissionalismo, assim como o conjunto da população local pode ser classificado como consumidora de tal identidade. A técnica utilizada privilegia um informante-chave que irá informar alguns nomes e estes, quando entrevistados, deverão sugerir outros nomes que poderão contribuir na investigação. Assim que o primeiro informante deverá, acima de tudo, ser de confiança do pesquisador e exercer tal papel sobre uma justificativa plausível.

Tal técnica de amostragem se caracteriza principalmente por seu caráter de conveniência, sendo muito usada para se chegar a populações sensíveis, porém também é usada para grupos que não são previamente definidos ou fechados, como é o caso do grupo em questão. A escolha dos indivíduos tidos como informantes da pesquisa ocorreu devido às características pessoais dos mesmos, as quais são inerentes aos interesses presentes no estudo. O direcionamento para alguns sujeitos obedeceu à metodologia *Snowball Sampling*, com a montagem de uma amostragem oriunda de um círculo de referências, conforme Biernacki e Waldorf (1981). A técnica amostral utilizada, traduzida para o português como Bola de Neve, é acima de tudo não-probabilística, sendo finalizada quando se atinge determinado grau de semelhança nas respostas. O ponto de saturação nada mais é do que a repetição de respostas quanto a determinado assunto na opinião de diferentes sujeitos, podendo se expressar também quando o modo de entender o fenômeno se torne recorrente na visão de diferentes indivíduos (Figura 3).

O Uso da técnica amostral Bola de Neve permite que se identifiquem pessoas com características específicas para serem entrevistadas. A especificidade é a de que as pessoas estão inseridas, de alguma maneira, no contexto da temática missionária. Observou-se que, independente da área de atuação, os entrevistados constituíram um primeiro grupo de informantes cabendo ressaltar que significativo número de guias-informantes cooperou permitindo que se adicionassem novas fontes informativas.

Para a formação de uma rede de informantes, os elementos iniciais que deram origem a toda a rede possibilitando a obtenção das informações, deveriam possuir certo conhecimento do lugar e de sua história, pois eles permitiriam a sustentação da rede e das informações. Era importante que os informantes fossem diversificados e apresentassem diferentes formações, a fim de se respeitar certa heterogeneidade nas indagações propostas. O informante-chave, o número um, da pesquisa, foi escolhido por ser nativo da área estudada, ter bom conhecimento sobre

o tema e acesso facilitado a todos os locais simbólicos. Neste sentido, ocorreu uma conversa preliminar entre pesquisador e o informante-chave para que o mesmo fosse informado sobre o conteúdo da pesquisa.

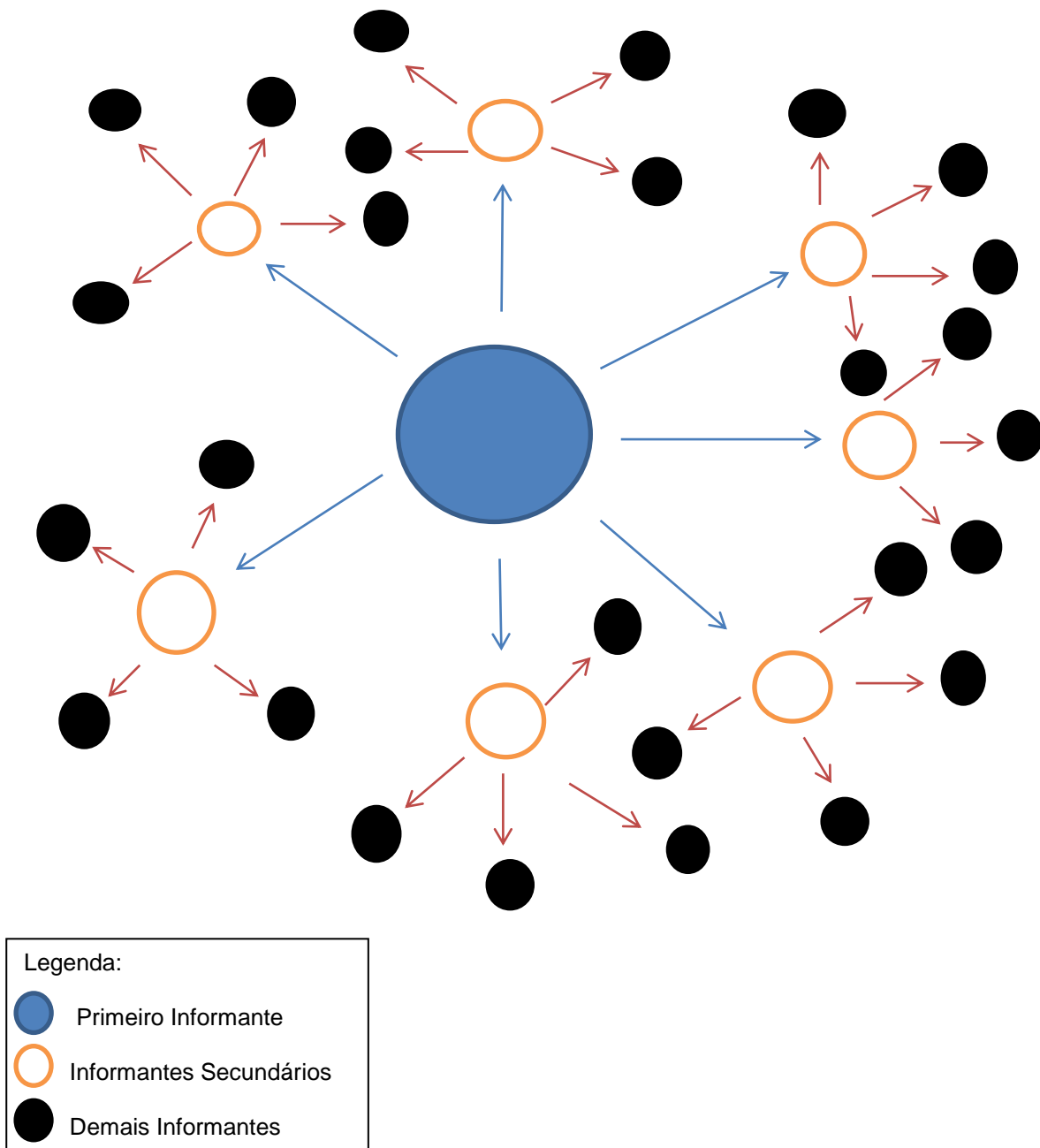
No caso das entrevistas direcionadas, os discursos alimentaram os resultados da pesquisa, após as análises e respeitando-se as visões dos sujeitos, com extrema valorização de suas opiniões. Algumas questões previstas nas entrevistas foram possíveis de serem quantificadas, porém o foco principal foi dado à análise do discurso a qual empresta ênfase qualitativa aos resultados obtidos.

As entrevistas construídas foram do tipo semiestruturadas, sendo as mesmas elaboradas em caráter aberto com o intuito de se manter um diálogo com os informantes, dando abertura à possibilidade de novas questões que viriam a surgir, tanto por parte do pesquisador quanto dos entrevistados. As mesmas, contaram com a permissão das pessoas entrevistadas e foram gravadas. Após a etapa das entrevistas, elas, imediatamente, foram transcritas e procurou-se respeitar a identidade dos atores sociais, suas identidades não são reveladas. A técnica de entendimento utilizada foi a Análise do Conteúdo, na qual os diferentes relatos foram analisados, interpretados e verificados profundamente acerca de suas similaridades e discordâncias segundo as questões elaboradas.

A técnica de Análise do Conteúdo, pautada na etapa posterior as entrevistas, se caracteriza por seu caráter totalmente qualitativo, mesmo que algumas questões pudessem ser quantificadas. Questões envolvendo subjetividade, caráter emocional, entre outras, também podem ser levadas em conta em tal etapa, sobretudo pelo aporte fenomenológico inserido na pesquisa, dando ênfase ao lugar e aos sujeitos do mesmo.

A indagação aleatória voltada à população em geral sobre sua identidade missioneira, sobretudo no campo do pertencimento, valorizou a aplicação da entrevista curta, procurando estabelecer uma amostragem com relação à identificação local nos municípios componentes da pesquisa.

Figura 3 – Técnica “Bola de Neve”: cadeia de informantes



Fonte: Freitas (2015).

Os indivíduos locais são classificados como aqueles que fazem uso da identidade local e sendo, de certo modo, consumidores desta identidade. Esta etapa procurou mensurar o pertencimento missioneiro na área de estudo, além de analisar o que é marcante no discurso coletivo dos habitantes. Para o êxito desta fase da pesquisa, as entrevistas foram realizadas em espaços públicos, normalmente aqueles de aglomeração, como as praças municipais, para que, de certo modo, abrangesse um significativo número de entrevistados como amostra. Igualmente se

cuidou de respeitar o critério referente aos lugares escolhidos para executar as indagações nos diferentes municípios.

Nas análises e interpretações das respostas se privilegiou o entendimento do tema pertencimento local e identidade, sendo respondido com questões simples e curtas que permitiram mensurar as respostas e obter resultados quantitativos expressados pela amostra da população local.

Portanto, há de se destacar, que existem dois grupos de análise para a pesquisa. O primeiro, composto pelos informantes direcionados, classificados por nós como produtores da identidade que se analisa, e o segundo composto pela população comum, tida como consumidora ou usuária da identidade, aqueles escolhidos aleatoriamente para dar suas opiniões sobre o pertencimento missioneiro. Para o primeiro grupo, buscou-se fazer a análise de conteúdo de acordo com a proposta de Bardin (1977), interpretando as falas dos entrevistados e verificando o grau de semelhança. Para o segundo grupo, pretendeu-se captar além do sentimento, o discurso existente com relação às Missões nos diferentes municípios, fazendo a análise juntamente com os resultados obtidos da observação direta de como o contexto missioneiro é utilizado nos diferentes municípios componentes da pesquisa.

Os dois grupos de análise, entrevistas direcionadas e com a população, somados à observação direta do uso do passado missioneiros nos municípios componentes da pesquisa, visaram explorar a questão atrelando enfoques culturais e humanísticos. Nesse sentido, Bonnemaïson (2002) revela que o sentido último da abordagem cultural, sobretudo em geografia, ocorre na intenção de reencontrar no âmago a profundidade das relações que unem os homens aos lugares. No contexto de análise perceptiva sobre os lugares e suas representações missionieras, partiu-se da ideia explorada pelo autor, de que todo espaço cultural é de certo modo, um espaço geossimbólico, repleto de significados para as pessoas que habitam o lugar.

3 CAPITULO – IDENTIDADE DA REGIÃO MISSIONEIRA E SUAS PRINCIPAIS REPRESENTAÇÕES SIMBOLOGICAS

Apresenta-se a identidade da Região Missioneira cultuada através de suas principais representações simbólicas presentes na espacialidade e que se tornam referenciais dos espaços de vida ao assinalarem sentimentos e apegos de indivíduos aos seus lugares de vida.

Os sistemas de representações são marcadamente verificados na Região Missioneira e se revestem de um simbolismo significativo, fazendo com que a Região se diferencie de áreas circundantes por perpetrar reverência ao passado histórico. Como símbolos mais específicos desta Região destacam-se: a Cruz de Caravaca ou Cruz Missioneira, as Ruínas de São Miguel e a figura do herói missioneiro, Sepé Tiaraju.

A Cruz de Caravaca, popularmente conhecida como Cruz Missioneira é um símbolo histórico do período e está intensamente inserida no contexto regional atualmente. Ela é marca constante na paisagem local, estando presente nas mais diversas representações. A Cruz, além de possuir uma conotação histórica e religiosa, atua como elemento diferenciador, sendo usada constantemente por municípios missioneiros para se diferenciarem dos demais municípios situados em áreas limítrofes. Tal símbolo, inserido no imaginário local, é usado como forma de demonstrar o apego à região histórica e de ser a ligação com a terra e com a história missioneira. Também é carregada no peito com orgulho, principalmente por aqueles que possuem ou desejam externar o pertencimento missioneiro.

A famosa Cruz Missioneira se faz presente nas rodovias da Região, especialmente nos trevos de acesso aos municípios locais e muitos destes municípios tem estampado o símbolo em seus brasões municipais (Figura 4).

Figura 4 – Cruz Missioneira, Trevo de acesso a Entre-Ijuís, RS



Fonte: Fotografia de Freitas (2014).

De acordo com Simon (2013) a famosa cruz de quatro braços começou a entrar para a história das Missões a partir de uma referência feita por Hemetério Veloso da Silveira, que em seus estudos afirmou ter visto a Cruz no ano de 1855 no cemitério da Redução de São Lourenço Mártir. Também no cemitério da Vila de Santo Ângelo a mesma cruz teria sido encontrada em 1886, permanecendo no local até 1939, quando foi transportada para São Miguel, que a preserva até hoje. O próprio Simon (2013) contraria a referência de origem da cruz trazida por Silveira, afirmando que a mesma sempre pertenceu a Santo Ângelo, tendo sido esculpida na metade do século XVIII, ocupando um dos cantos da praça da então Redução de Santo Ângelo Custódio.

Segundo Simon (2013) a cruz foi inicialmente chamada de “Cruz de Cemitério”, devido aos locais onde se encontrou a mesma. A partir de 1939 a cruz também passou a ser conhecida como “Cruz de Lorena” ou “Cruz de Caravaca”, devido às origens históricas da mesma. Mais tarde constatou-se semelhança com a “Cruz de Lorena”, que já estava popularizada. Para escapar da dúvida, incentivou-se a nomear a famosa cruz como “missioneira”. A procedência mais aceitável é a de Caravaca de la Cruz, província espanhola de Murcia. Os significados da cruz ainda demandam de respostas, porém o valor simbólico de tal elemento é destacável principalmente nos dias atuais.

Os municípios oriundos dos povoados missioneiros fazem uso do simbolismo Cruz Missioneira como sendo um logotipo de diversas instituições presentes nas localidades e identificando as mais diversas atividades.

A imagem das Ruínas de São Miguel, também é caracterizada por forte domínio simbólico, pois a mesma permite o reconhecimento turístico regional que graças à sua conservação é ressaltada em propagandas de turismo e calendários. Trata-se de uma imagem que imediatamente se direciona às Missões Jesuíticas. O Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, tombado como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade no ano de 1983, valoriza imensamente a história regional, pelo fato de apresentar os remanescentes arquitetônicos em melhor estado de conservação do período histórico, dando vida aos acontecimentos do passado e oferecendo detalhes aos historiadores e guias turísticos, relatores e informantes do local, bem como aos visitantes que procuram informações a respeito do passado jesuítico-guarani nas Missões. Esta imagem é intensamente explorada, principalmente a partir do frontispício da igreja. Para os turistas ou para as pessoas

que não vivem no contexto local, as Missões são representadas pela imagem da igreja e pelos seus símbolos no sentido de informação, de localização às pessoas sobre o lugar (Figura 5).

O elemento simbólico advindo da igreja da antiga redução de São Miguel Arcanjo está totalmente atrelado à inserção do turismo pós-tombamento, sendo um elemento difusor da identidade que se verifica nas Missões. O simbolismo entorno das ruínas de São Miguel ocorre principalmente a partir do tombamento do Sítio Arqueológico local como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1983, período em que o passado colonial ganha novo significado, como afirma Pommer (2008). Sobre a relação do turismo, atuando na formação identitária, Alves (2012) destaca que no plano turístico, ocorre a articulação entre o ir, sentir e assimilar, que interagem, onde identidades e subjetividades são estabelecidas no paradoxo de “ser diferente” e do mesmo modo de “tornar igual”.

O que se verifica na relação da população com a Cruz Missioneira se repete com a imagem proporcionada pela Igreja de São Miguel, estes símbolos testemunham as heranças ainda hoje presentes e materializadas na Região. Aos visitantes é permitido agirem como usuários e, de certa maneira, ligados às engrenagens espaciais, como imagens, símbolos e signos.

O símbolo representado nas ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo é significativo e explorado, também, pelo comércio local. É possível perceber este direcionamento simbólico em algumas construções cujos projetos arquitetônicos se inspiram na construção, fazendo alusão clara à Igreja Missioneira de São Miguel. Um exemplo marcante é o hotel que vem sendo construído próximo ao trevo da cidade de São Luiz Gonzaga, pelo cantor e compositor missioneiro Pedro Ortaça (Figura 6).

Figura 5 – Sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, RS



Fonte: Fotografia de Freitas (2014).

Figura 6 – Hotel em construção nas margens da BR 285



Fonte: Fotografia de Freitas (2014).

A Cruz Missioneira atua simbolicamente junto ao imaginário popular, em dimensão até maior que a imagem de São Miguel, porém em caráter externo nada se compara com a imagem das ruínas, usada não somente pelo turismo, mas de diversas formas destacando a região histórica. Um exemplo do uso da imagem como representativa do contexto missioneiro ocorre através da coleção “Reino Grande do Sul”, de produção da Edibook, na qual clássicos infantis são adaptados à cultura gaúcha. Branca de Neve vira Prenda de Neve, assim como Gato de Botas se transforma em Gato de Bombachas, bem como suas histórias são vividas no Rio Grande do Sul, sendo o Estado gaúcho dividido em oito províncias, cada uma delas representada de acordo com suas peculiaridades. A Província das Missões é representada pelo desenho referente ao frontispício da igreja reducional de São Miguel (Figura 7).

Figura 7 – Coleção infantil reino Grande do Sul, Mapa do Reino Imaginário



O herói Missioneiro Sepé Tiaraju, um nativo Guarani, nascido e criado nas reduções jesuíticas como afirma Nedel (2004), ocupou lugar central nas disputas historiográficas travadas a cerca da origem e formação do Rio Grande do Sul. Sepé Tiaraju é visto como grande mártir das Missões, por ter origem nativa guarani e ter envolvimento em embates entre lusos e nativos que viviam em reduções jesuíticas de origem espanhola. Autores, como Quevedo (1991) e Nedel (2004) examinam as tendências que marcaram a historiografia gaúcha, principalmente a história missioneira, sendo uma delas conhecida como escamoteadora, tratando-se da exclusão das Missões dos discursos históricos, relatados a partir da chegada lusitana no território em 1737.

No município de São Gabriel, onde Sepé Tiaraju foi morto, por ocasião do bicentenário de sua morte houve a solicitação ao Governo gaúcho que fosse construído um monumento em homenagem ao herói. O que era para ser apenas mais um dos tantos pedidos encomendados ao Governo Estadual transformou-se em uma verdadeira disputa de opinião, cuja justificativa da homenagem era a de condecorar o “herói desaparecido” e representante do “povo gaúcho” pelo seu passado de lutas, glórias e sacrifícios. As alegações usadas davam conta de que Sepé Tiaraju possuía valor pessoal brasileiro, na medida em que sempre se opôs à sanha incontrolável dos rivais (Portugal e Espanha) e era enaltecido como um protomártir das Missões.

O culto à figura lendária é perceptível nos municípios missioneiros, principalmente naqueles que foram berço das antigas reduções. O enaltecimento sobre a maior figura da história missioneira tem gerado até mesmo disputa entre alguns municípios a respeito de sua origem. A figura de Sepé Tiaraju atua junto ao imaginário local, principalmente por ter sido o personagem central da história que é cultuada, assumindo ares de lenda estando atrelado à marca da resistência nativa em contraposição aos avanços ibéricos.

De acordo com Jesus (2015), a figura do mártir missioneiro atua como símbolo da ancestralidade Guarani. A autora ressalta que Sepé é exceção à regra, visto que a historiografia e as diversas narrativas atribuem o papel de protagonismo aos Jesuítas sendo a figura de Sepé Tiaraju concebida de maneira europeizada, dando a entender que teria sido um nativo que aprendeu tudo com os europeus.

Os municípios da Região Missioneira expressam certa monumentalidade endereçada ao herói Sepé Tiaraju, cuja figura se faz presente nas mais diversas

representações sociais. Em todos os municípios é possível encontrar uso do topônimo Sepé ou Tiaraju, nomeando lugares e principalmente estabelecimentos comerciais, além de instituições de ensino, meios de comunicação, clubes de esporte e lazer e entidades tradicionalistas.

A história e a bravura do mártir missioneiro atua constantemente no imaginário local, forjando o mito maior da Região Missioneira e, através de sua figura na forma como é reconhecido nas narrativas: homem de caráter, líder e herói. Contudo ainda há muito a ser desvendado sobre sua história bem como o lugar de seu nascimento que é disputado pelos municípios de São Luiz Gonzaga e São Miguel das Missões. Em São Miguel das Missões, Sepé Tiaraju é homenageado no pórtico de entrada do município que traz em seu centro a famosa frase atribuída ao líder Guarani: “Está terra tem dono” no idioma Guarani (Figura 8).

Figura 8 – Pórtico de acesso ao Município de São Miguel das Missões, RS



Fonte: Fotografia pertencente a Pousada Missões (2015).

Recorrendo-se à literatura missioneira destacam-se alguns autores cujos trabalhos analisam a figura do Herói Guarani, como Simon (2013) que descreve os adjetivos direcionados a Sepé oriundos dos inimigos ibéricos. Segundo o autor, ao nativo missioneiro couberam as seguintes distinções: destemido, mais valoroso

nativo que se tem notícia, o maior general que os missioneiros tinham, grande valor e astúcia, além de outros. Talvez por isso a partir de sua morte Sepé Tiaraju passou a ter sua imagem mistificada, sendo cultuado principalmente na Região em que, no passado, se estabeleceram as reduções Jesuíticas Guarani. Este líder Guarani também é reconhecido como herói estadual e nacional. Sobre esta liderança e reconhecimento destacam-se as palavras de Simon (2013, p. 77): “Herói Guarani Missioneiro Sul-rio-grandense ele já é por Lei 12.032/2009 e Herói da Pátria por Lei 63/2009”. Santo? Há quem espera.

Desse modo deve-se entender que o culto ao herói vai além da Região das Missões, estando presente também em municípios distantes, como é o caso do município de São Sepé, que carrega o nome do líder Guarani, bem como no município de São Gabriel onde Sepé Tiaraju foi morto em combate contra as forças ibéricas. O que Simon (2013) comenta não está em desacordo com a realidade, a iniciar-se pelo fato de Sepé ser venerado não somente na Região Missioneira, mas também em outros municípios gaúchos, sendo considerado para muitos, um santo popular.

Entretanto o caráter de santo popular não fica só na retórica, pois de acordo com Oliveira (2011) quando da passagem dos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju, teve início uma corrida para a canonização do mártir missioneiro. Neste sentido, aconteceu, recentemente, a entrega de um pedido de canonização junto à Diocese de Santo Ângelo, para ser analisada e enviada ao Vaticano.

Oliveira em 2011 escreveu a respeito do nativo Guarani e missioneiro:

A memória de Sepé Tiaraju está viva ainda hoje na região. A tradição há concentrado em sua figura o sentimento de independência e de pátria, que os rio-grandenses mantêm muito viva, com aspirações de autonomia que parece nunca se vão extinguir (OLIVEIRA, 2011, p. 133).

A inserção das Missões e de outras regiões no contexto turístico cultural do Rio Grande do Sul passou a ser reconhecida quando da aceitação, por parte do Governo Estadual, de que o território gaúcho possuía caráter multicultural, enfatizando origens e histórias diversas. Porém a história missioneira foi evidenciada no período de comemoração dos trezentos anos das reduções locais, na década de 1980. Segundo Pommer (2008) e Pinto (2011) na Região Missioneira ocorreu um processo de ressignificação do passado colonial e este processo foi alavancado por

diversos fatores, como o tombamento do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

A Região acabou se inserindo no contexto de diferenciação proposto pela lógica capitalista da globalização, o que começava a se evidenciar localmente, com a valorização de elementos de uma história particular, que diferenciava a Região Missioneira fazendo com que seus municípios começassem a direcionar suas ações, para o passado missioneiro.

O tombamento do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade foi causa e efeito da valorização regional missioneira, a qual passou pela ressignificação de seu passado colonial como enfatiza Pommer (2008) alavancando seus diversos valores adormecidos e transformando todo um território histórico e inserindo-o no contexto da lógica do turismo e da globalização. Esta lógica permitiu evidenciar a valorização dos elementos de uma história particular, fazendo com que seus municípios direcionassem suas ações, para o passado missioneiro, além de enaltecer seus valores, como a figura de Sepé Tiaraju, inserindo-os no contexto histórico que é intensamente cultuado pelos habitantes da Região Missioneira.

Questões como a reverência à Sepé, presentes em espaços públicos e o uso simbólico da Cruz Missioneira, são enfaticamente estudados na Geografia e exemplo disto são os estudos de Carlos (2007) ao ressaltar que o espaço possui uma monumentalidade que traz consigo a história do lugar. Percebe-se, então, um endereçamento evidente ao contexto missioneiro nos municípios que compõem a Região. Em São Borja, Pommer (2008) destaca o direcionamento a diversas peculiaridades, inclusive a missioneira, o que dificulta a exploração da mesma por estar em confronto com outros contextos exaltados, como a alcunha “Terra dos Presidentes”. Por outro lado, Pinto (2011) destaca São Borja através de suas “múltiplas identidades” onde o aporte missioneiro, base histórica do município, é ressaltado simbolicamente e estando inserido no discurso local. Segundo Pinto (2011) São Borja estaria inserido em uma tipologia identitária que orienta para uma identidade missioneira Pampeana, com exaltação da figura do gaúcho missioneiro, além de identidades advindas da localização fronteira e costeira ao Rio Uruguai.

Em São Luiz Gonzaga, o simbolismo explorado através de monumentos, faz menção quase que total ao contexto missioneiro. Neste sentido Pommer (2008) ressalta a presença de elementos que aludem ao período colonial no espaço público

são-luizense. Na praça local também se faz referência a Pinheiro Machado, senador brasileiro que possuía relação aproximada com o município. De acordo com a autora, por ocasião das comemorações do tricentenário das reduções jesuíticas, teve início um movimento para reviver o período missioneiro, antes valorizado apenas por artistas locais. Considera-se que é neste município que ganha força a identidade missioneira, onde a população é induzida a cultuar a base histórica local.

Em São Nicolau, Brum (2007) ressalta o uso de referências ligadas ao primeiro ciclo missioneiro, iniciado em 1626, sobretudo com a valorização da alcunha “Primeira Querência do Rio Grande”. As ruínas do Sítio Arqueológico de São Nicolau remetem a um segundo momento, o de fixação dos “Sete Povos das Missões” no território. Os municípios missioneiros, cada um a sua maneira, fazem uso da simbologia e dos elementos difusores abordados neste capítulo. Peculiaridades são verificadas nos diferentes municípios, ora um valoriza mais a Cruz Missioneira, outro a figura de Sepé Tiaraju.

4 CAPÍTULO – REGIÃO MISSIONEIRA E SUA IDENTIDADE: RESULTADOS

Nesta etapa do trabalho são analisadas as entrevistas qualificadas e aleatórias realizadas em municípios da Região Missioneira que tratam da identidade missioneira, de acordo com os procedimentos metodológicos descritos no capítulo 2, Metodologia, especialmente atendendo ao subtítulo 2.1 que trata da abordagem metodológica processual do conhecimento subjetivo.

Algumas categorias foram, de certo modo, criadas para facilitar o entendimento do termo e de sua complexidade, aliando também o uso da palavra no contexto de uma possível identidade missioneira em seis municípios que, no passado, Jesuítico Guarani tiveram em seus territórios, as reduções jesuíticas situadas na margem oriental do rio Uruguai, são eles os seguintes: São Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões, Entre-Ijuís e Santo Ângelo.

4.1 ENTREVISTAS COM INDIVÍDUOS QUALIFICADOS: TÉCNICA “BOLA DE NEVE”

As respostas dos entrevistados trazem um direcionamento mais evidente aos municípios de São Miguel das Missões e Santo Ângelo, devido ao maior número de entrevistados serem residentes ou terem suas atividades nestes locais, porém não se exclui os demais municípios, visto que as pessoas entrevistadas atuam em significativa parcela da Região Missioneira.

Quando indagados sobre as suas percepções a respeito de uma possível identidade missioneira em seus municípios, os entrevistados foram unânimes sobre a existência de tal identidade conforme suas visões particulares. Entende-se que a variação ocorreu na forma de olhar dos entrevistados ao caracterizarem as identidades locais. De acordo com as respostas, algumas categorias podem ser criadas nesta primeira questão. A música regional é um argumento constante nas respostas, assim como o fato de o orgulho missioneiro ser ressaltado quando se sai do lugar. Outras respostas repetidas foram a de uma identidade em construção e a

de um missioneiro mais de palavra do que de ação, uma espécie de crítica ao comportamento dos locais.

O fato de as pessoas exacerbarem o pertencimento quando não estão no local, principalmente quando saem das Missões para morar em outra área que não seja missioneira, é uma característica que chama atenção no contexto da identidade missioneira. Alguns autores, como Silva (2014), caracterizam este comportamento como a identidade pautada pela diferença. Logo, a questão de se ressaltar o pertencimento às Missões, é mais fácil de ser percebida quando os locais estão em contato com os *não-missioneiros*, visto que em um grande grupo composto apenas por missioneiros tal exaltação não faria sentido.

A ideia de que o lugar foi, no passado, palco de uma experiência grandiosa, a qual é ressaltada localmente, induz seus sujeitos a externarem isso quando do contato com o outro. A diferenciação por si só já existe pelo contexto histórico, facilitando o pertencimento ao se ressaltar um viés único no contexto estadual. É como se a população que se diz missioneira tivesse que expressar para o outro, que ela vem daquele lugar histórico, que é oriunda daquela terra que até hoje deixou ruínas do período Jesuítico Guarani para contar a história.

Desse modo, as respostas não negam um pertencimento da população, até percebe-se um sutil orgulho nas pessoas que continuam habitando o lugar, porém este sentimento é exacerbado quando se sai do lugar. Uma pesquisadora de atuação na docência superior de uma universidade local, principalmente em áreas como cultura e patrimônio, relatou seu ponto de vista sobre a identidade local da seguinte forma:

“Aqui em Santo Ângelo eu percebo uma grande vontade, as pessoas dizem com muito orgulho que são missioneiros. Agora quando as pessoas estão fora, como é o caso de conhecidos que estão em Porto Alegre, muitas vezes até carregam o apelido de missioneiro. Então as pessoas que saem daqui e estão em outros lugares que a gente encontra, eles tem orgulho de dizer que são missioneiros principalmente quando sai do local e dá aquela saudade, aquela nostalgia, então se busca no seu local aquela compensação, a pessoa parece que se identifica mais ainda com a questão missioneira” (Entrevista 2).

Percebe-se, também, nas palavras da pesquisadora um apego à terra natal, o que é bem caracterizado por Tuan (1983) definindo a cidade natal como lugar íntimo, aquele lugar cheio de significados. Desta forma uma coisa está vinculada à

outra, o se sentir santo-angelense está inserido no se sentir missioneiro. Da mesma forma se percebe nas palavras da pesquisadora, certo enraizamento, este perceptível quando se deixa o lugar, enraizamento explorado por Frémont (1980) quando o autor fala que os homens pertencem aos lugares e os lugares pertencem aos homens. Neste sentido, principalmente pelo caráter nostálgico que a docente se refere, permite-se pensar que em princípio, para se externar tal pertencimento, é necessário gostar do lugar de origem, ter o mesmo como cheio de significados. Após isso, externam-se suas peculiaridades, principalmente aquelas boas e que marcam a diferença, sendo um modo de expressar a relação com o lugar e marcar a identidade fora de seu meio.

Também se verificou diante das respostas obtidas, um entendimento geral de que os indivíduos locais não tenham uma noção muito clara sobre ser ou não ser missioneiros. Dessa forma, inicialmente considera-se o fato de as pessoas estarem em um lugar que se denomina de Missões, trazendo introdutoriamente a ideia simples, de que quem nasce nas Missões, é missioneiro. Assim, o apego inicial também se daria seguindo tal direção.

Mesmo que a população não tenha conhecimentos relevantes da história, ela está fixada em um lugar cuja base histórica remete às Missões, a qual ainda que distante de um entendimento por parte dos habitantes atuais acaba sendo cultuada localmente, inferindo relações de pertencimento do habitante para com o lugar, induzido através do sempre ressaltado, contexto histórico. O contato diário dos indivíduos com um simbolismo significativo, que normalmente faz menção à história local, também é uma forma que faz com que os habitantes se sintam pertencentes ao lugar.

Em uma das entrevistas, um historiador local, caracterizou a questão, com as seguintes palavras: *“Talvez não tenha um entendimento da história, mas percebe-se facilmente um culto às Missões, novamente nesse sentido de quase que adoração a determinados símbolos como a cruz missioneira, as reduções, essas imagens são marcantes, a maioria da população talvez nunca tenha visitado as reduções, mas sabe que existe. Todo mundo fala dos sete povos, da existência, todo mundo fala da catedral de São Miguel ou no caso das ruínas de São Miguel. A maioria garante que não sabe quem foi e nem que período existiu, mas Sepé Tiaraju é sempre exaltado, e isso é reproduzido, por exemplo em Santo Ângelo. Em Entre-Ijuís tem um CTG chamado de O Grito de Sepé. Em Santo Ângelo até uma rodovia que corta o*

município se denominada Sepé Tiaraju, tem a Farmácia Tiaraju, Viação Tiaraju, enfim a figura dele está sempre muito presente. O Próprio município de Santo Ângelo então com essa autodenominação de Capital das Missões. Então existe um monte de mitos e de desinformação por parte da população que acredita que só existiam esses sete povos. A cruz missioneira é muito comum aqui, principalmente pelo pessoal que está mais envolvido com o tradicionalismo” (Entrevista 11).

A música local foi um elemento fortemente citado nos argumentos de uma possível identidade missioneira, onde segundo resposta obtida em uma entrevista com um músico local percebe-se esse direcionamento (Entrevista 8). Na verdade o músico missioneiro em sua resposta não cita a música como o fator preponderante do sentimento missioneiro da população local, mas responde à questão baseada em sua vida profissional que lhe permitiu perceber o orgulho missioneiro dos locais quando as letras cantadas ressaltam as Missões. Na entrevista 8, o músico se referiu ao assunto com as seguintes palavras: *“Na nossa área, principalmente, a gente percebe que quando o canto fala das Missões, o público responde imediatamente. Então tem toda questão de cantar a terra, quando saímos cantar em outras regiões ou estados brasileiros, carregamos essa questão de ser das Missões. Aí temos essa música que canta a terra, primeiramente através de Jayme, Cenair, Ortaça e Noel, depois Jorge Guedes, temos agora uma grande continuidade com Ângelo Franco, Miguel Marques e Érlon Péricles”.*

A música missioneira é pertinente de ser tratada inclusive com maior profundidade, visto que a mesma é um forte elemento difusor da identidade missioneira.

Da mesma forma que o ocorrido com as entrevistas aleatórias indagaram-se os entrevistados qualificados acerca de seus possíveis sentimentos de identificação com relação às Missões, se os mesmos se sentiam missioneiros e o que os levava a se sentirem como tal. Todos entrevistados têm suas atuações profissionais ligadas ao contexto missioneiro, na maioria dos casos a atuação é regional, não se restringindo a um único município. Um fato chama a atenção, principalmente para este questionamento, o de que cinco entrevistados não são nascidos na atual Região Missioneira, contudo, pelo tempo de atuação e vivência no lugar, decidiu-se incluir nos resultados seus pontos de vista, onde se antecipa que dois deles, mesmo que nutrindo admiração e respeito às Missões e sua história, não se sentem missioneiros.

De todos os entrevistados, apenas duas pessoas responderam não se sentirem missioneiras, no caso, as já citadas, que não nasceram na Região. Os outros entrevistados foram unânimes, confirmando certo orgulho de serem missioneiros, argumentando a questão das mais distintas maneiras. Percebe-se, nos argumentos pessoais com relação ao sentimento missioneiro, direcionamentos visíveis para a história do lugar, um respeito e culto ao passado local, além de identificações com a população missioneira, suas características e seus costumes, o que faz com que essas pessoas se sintam identificadas, sentimento induzido pela música regional e o fato de nascer no local e carregar certas heranças do passado, também foram motivos relatados.

Quando a justificativa faz menção à história missioneira, a mesma, de acordo com as falas dos entrevistados, pode ser interpretada de duas formas: a primeira cultua a história como sendo um diferencial regional; e a segunda atribuiu à relação aproximada com o tema, depois de anos de estudos. Tais relações induzem essas pessoas a se sentirem pertencentes a esse contexto. A segunda hipótese é claramente perceptível na resposta da entrevista 2, que diz o seguinte: *“Eu me sinto missioneira, porque com o estudar essa história eu fui cada vez gostando mais, me envolvendo cada vez mais. Com isso também, começamos a entrar em contato com pesquisadores, onde fortalecemos os laços, os estudos, gerando trocas de ideias”*, (Entrevista 2).

A relação aproximada das pessoas com o tema e seu envolvimento por muitos anos denota, aos mesmos, uma ligação de aproximação óbvia com o contexto missioneiro, no qual os mesmos atuam como porta-vozes e tem suas ações ligadas ao contexto por um período de tempo que acaba gerando significativa aproximação com o passado local, caracterizando um pertencimento para com o lugar. A música local, definida como missioneira, fez questão de se distinguir de outras correntes regionais e, para alguns, é motivo evidente do se sentirem missioneiros, induzindo as pessoas a tal sentimento. Na quarta entrevista isto ficou claro nas palavras de um tradicionalista atuante na Terceira Região Tradicionalista (3ªR.T.): *“Sim, sim, mas isso me despertou já com certa idade. Isso me despertou muito quando comecei a ouvir as canções do Cenair, na década de 70, do Noel Guarany, do Jayme, depois o Ortaça, então tu começa a refletir [...] Eu estava no local e não sabia o que que eu era e isso aí me fez ir atrás [...] “Bom estão falando tanto nisso, afinal eu faço parte disso e por quê que eu faço parte?” [...] A música foi*

um incentivo, pois conhecíamos as Missões pelas Ruínas de São Miguel, porque onde nós moramos, em linha reta, não sei se dá 12 Km das Ruínas, e nós enxergamos todas as manhãs a parte do frontispício da igreja [...] Então o que vai me despertar é esse cutucão da música, da poesia, da arte, que dá um empurrão que fez com que a partir daí eu fosse pesquisar e passasse a ter orgulho de ser missioneiro. Me senti orgulhoso de fazer parte desse contexto” (Entrevista 4).

Evidencia-se nas palavras do tradicionalista local, que a música missioneira, entoada por artistas reconhecidos nas Missões, atua como forma indutora de um pertencimento missioneiro, passando a mensagem aos ouvintes, principalmente, pelo fato de sempre estar cantando a história do lugar.

As características da população local, obviamente tidas com caráter positivo, também são ressaltadas como forma de sentir um orgulho missioneiro, fazendo com que as pessoas se sintam inseridas nesta coletividade. A questão de sentir identificação com determinado lugar se dá também pelo fato de gostar do lugar, e isso está totalmente relacionado com possuir boas relações com o grande grupo, onde a população tem hábitos, costumes e gostos parecidos com o seu, gerando relações de apego.

Quando as pessoas não se sentem confortáveis no grande grupo, podem até cultivar a mesma história, mas de certo modo isso age como barreira ao enraizamento no local e a desenvolver um sentimento mais intenso para com o lugar. *A primeira entrevista* mostra claramente o se sentir pertencente atrelado ao estar bem nas relações com os demais missioneiros, nas palavras que seguem: *“Eu brinco comigo que em outras gerações eu devo ter sido indígena. Eu me identifiquei muito com a região. Tenho meus familiares todos na minha terra natal, mas eu não tenho essa identificação com a população de lá como eu tenho com a população daqui”*.

A partir de tal argumento volta-se a Tuan (1983) onde o autor fala que a construção de um referencial afetivo com o lugar, ocorre ao longo das vivências, a partir da convivência.

Do mesmo modo, o fato de nascer no lugar delega uma relação de proximidade e ter a vivência no lugar permite uma posição especial que pode levar ao enraizamento. Tal ocorrência tende a atrelar ao bom convívio coletivo e às heranças culturais, que muitas vezes são herdadas dos antepassados. Este fator é esclarecido pela *entrevista 8*, onde um músico local, argumenta a questão com as

seguintes palavras: *“Sempre, porque é o apego por onde a gente nasce, trazendo toda questão dos costumes locais, aumentando ainda mais pelo fato de cantar nossa terra. Todas essas questões e também a maneira que fui criado, vem de casa, questão de raízes, as características de o povo missioneiro ser muito hospitaleiro, uma herança que vem dos índios”*

A herança indígena relatada nas palavras do oitavo entrevistado, também é uma forma argumentativa usada para justificar o se sentir missioneiro, aonde muitos vão além, ressaltando uma possível descendência indígena. Ao destacarem um possível parentesco com os grupos nativos, as pessoas estão falando serem missioneiros por excelência, destacando uma espécie de orgulho atrelado ao povo original das Missões, que construiu toda história que é enfatizada na atualidade. Tal argumento pode ser percebido nas palavras da *Entrevista 3*: *“Eu me sinto missioneira e costumo dizer que pelo meu sobrenome, (...) como se pode ver, vem da França, mas tem uma grande ligação com o alemão e com o Guarani. Tem na minha família, na parte genética, uma ligação de alemão com indígena, então isso para mim e para meus filhos, faz com que falamos que temos um pé na tribo, carregando um pouco desse sangue também, embora já tenha havido muitos cruzamentos até chegar até nós, mas temos um orgulho muito grande em dizer que somos de Santo Ângelo, o último dos Sete Povos que foi fundado naquele período lá que a história nos conta”*.

Também na fala do terceiro entrevistado percebe-se o orgulho atrelado ao município, no caso Santo Ângelo. As raízes missionárias do lugar levam automaticamente o santo-angelense a ter um sentimento missioneiro atrelado ao município. Na entrevista 9, um micro historiador local, quando perguntado se é de Santo Ângelo ou das Missões, responde que é de Santo Ângelo das Missões, mesmo o nome do município não carregando o termo Missões em seu final, diferentemente de São Miguel das Missões. Logo, percebe-se o intuito da diferenciação, de valorizar as raízes do lugar, quando se destaca a palavra juntamente com o nome do município.

O motivo que leva os missionários a se identificarem de tal forma é entendido das mais variadas maneiras pelos entrevistados, indo desde a busca por referências, fato comum no ser humano, até a questão do modo de ser, que diferencia um grupo humano do outro. Da mesma forma a exaltação verificada com o tombamento do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, com a forte inserção do

turismo na Região sobre a marcante valorização da história vem permitindo que os indivíduos tenham orgulho e o expressem em seus discursos de valorização das características que diferenciam a história local. Tais conjuntos de exaltações servem de motivação para que a população local se sinta pertencente ao lugar.

Percebe-se, diante das falas e da interpretação das mesmas por parte do autor, que existe uma questão atrelada às raízes missioneiras da população local. O missioneiro nato seja aquele descendente direto dos nativos que habitavam as reduções, ou os grupos que, de certo modo, (re) povoaram o local, trazem consigo uma espécie de modo de ser missioneiro. Isso acontece devido aos costumes herdados do período histórico, em que o grupo que se estabeleceu localmente no período pós-Missões, acaba se apropriando, de tal modo a se diferenciar do habitante de outras áreas, que herda outros costumes devido ao contato com outros grupos.

Também se verifica no caso missioneiro, que as pessoas vivem em eterna busca por referências, por algo que possa servir de exemplo e onde possam se ancorar. Quando a história do lugar é enaltecida no cotidiano e seus fatos positivos são ressaltados, ocorre uma significativa tendência de as pessoas usarem estes fatos contextuais com orgulho. Percebe-se nas palavras da *entrevista 2*, o entendimento de um sentimento missioneiro atrelado a essa questão e aos valores passados pela história local: *“Eu acho que as pessoas sempre buscam uma referência, logo quando as referências são de bravura, de luta, de garra, de heroísmo, isso ajuda também, eu acho que é nesse sentido, pelas referências que as pessoas buscam. Assim fica fácil de se identificar, pois quando se fala: eu sou missioneiro, se fala, eu sou valente e todos esses adereços gloriosos também, tipo, eu sou bravo, tenho caráter [...] Então é interessante isso, pois sempre procuramos uma referência que possa nos enaltecer e que nos dê força, que sirva de exemplo. [...]”*.

O pertencimento pode se dar por essa via, e pode ser aflorado, quando existem no espaço, referências materiais do passado que é valorizado no local. São os casos das ruínas dos antigos povoados de São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São Nicolau e São João Batista, elementos que ainda contam a história do passado e estão inseridas no dia-dia das populações locais. No caso do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, sobretudo, a partir de seu tombamento como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1983, percebeu-

se uma corrida regional para valorizar o contexto em toda área missioneira. Para as pessoas entrevistadas, a partir de tal momento o turismo passou a atuar com força na Região, fazendo com que a mesma fosse divulgada externamente. Os aspectos valorizados, como já referidos anteriormente são de uma história épica e grandiosa, o turismo regional faz uso disso para atrair visitantes e a população local acaba fazendo uso no sentido de se sentir pertencente a todo este contexto que se evidenciou, cada vez mais, no período pós-tombamento da área.

A *entrevista 3*, de certo modo, esclarece a questão, com as seguintes palavras: *“As pessoas gostam de se identificar pela explosão que houve nos últimos anos, pela divulgação desse sentimento, voltado principalmente para o turismo, para o acolhimento de visitantes, que hoje está muito bem desenvolvido e encaminhado aqui na nossa região [...] em que procuramos divulgar esse fato histórico como comprovantes da época existentes aqui, então isso ajuda com que as pessoas tenham essa percepção, de que existiu e ainda tem alguma coisa diferente aqui, essa região possui um sentimento de acolhimento e de vivência muito especial, embora não seja uma região que esteja deixando de lado o que a modernidade apresenta [...] Temos também São Miguel como Patrimônio da Humanidade, que faz com que as pessoas pensem e repensem melhor a sua posição dentro do espaço geográfico e histórico que eu acho que a região nos ajuda bastante e nos possibilita um pensar diferenciado.”*

Percebe-se a partir da fala do entrevistado que a Região passou a exprimir o contexto histórico como uma peculiaridade local no período pós-tombamento. Tal fato acaba sendo usado como valorização da diferença, exemplo típico de vínculo identitário, o que faz com que as pessoas tenham orgulho e ressaltem localmente, mas muito mais, para visitantes, carregando um enraizamento pela terra onde aconteceu a história que os livros contam e expressam certa grandiosidade.

Com referência à atuação dos entrevistados no processo marcante que induz a uma identidade missioneira na Região, os mesmos acreditam que de uma forma ou de outra acabam exercendo um papel particular neste sentido. Segundo as pessoas entrevistadas, suas atividades profissionais fazem com que os mesmos atuem principalmente no ensino, na divulgação e na propaganda da história regional e de suas peculiaridades. Percebe-se nas palavras dos entrevistados, que eles admitem que acabem induzindo um significativo número de pessoas a se

identificarem com o lugar, por meio de ações que valorizam cada vez mais o contexto missioneiro.

A indução ocorre nas mais variadas atividades. No ensino, a história é obviamente ressaltada, onde nas instituições de ensino superior, percebe-se nos últimos anos, uma atenção cada vez mais evidente para história local. Para o tradicionalista entrevistado, o que é ressaltado perante outras regiões tradicionalistas são as heranças herdadas do período missioneiro, que o gaúcho faz uso atualmente, onde se resalta claramente as Missões como marco fundador do Rio Grande do Sul através do discurso.

Ao valorizar a história missioneira, ocorre muitas vezes, uma tentativa de resgate de práticas do passado, para de certo modo, manter vivas certas tradições que podem se perder. A entrevista 6 deixa claro tal intenção nas seguintes palavras: *“Acredito que eu atue no processo. Vou te dar um exemplo, enquanto eu atuava mais na área de pesquisa [...] desenvolvemos um projeto [...], que buscava recuperar alguns traços da identidade do lugar através de alguns hábitos de alimentação, onde conseguimos identificar algumas receitas que de certa forma, fazem parte dessa identidade missioneira. Um exemplo é o ‘doce de pau’ ou ‘doce de jaracatiá’, feito de um mamoeiro selvagem, sendo aqui conhecido como ‘doce dos casamentos’, então acabamos influenciando nesse sentido, de registrar isso, valorizando um costume, uma tradição, que acaba com o passar do tempo, correndo o risco de se perder”..*

A tentativa de resgate de práticas e costumes do passado, referida nas palavras da *entrevista 2*, vai de encontro ao que propõem Silva (2014), que resalta que tal fato é muito comum em meio a certo hibridismo cultural, onde a tentativa de se manter alguns costumes do passado por outro grupo, faz com que não exista um identidade original, porém a tentativa de manter hábitos identitários do povo original do local acaba formando uma nova identidade, no caso analisado, o missioneiro atual.

Pesquisadores locais, que possuem praticamente uma vida inteira destinada à pesquisa sobre as Missões, falam que são elementos divulgadores do lugar quando palestram sobre a temática em diversos municípios gaúchos e, até mesmo, em municípios de outros estados brasileiros. Como exemplo, tem-se a *entrevista 9*, realizada com um micro historiador local que entende contribuir para o enraizamento da questão missioneira junto a população local.

Na *entrevista 10*, o pesquisador entrevistado atribui sua contribuição à quantidade de palestras ministradas que fazem referência à Região e ressalta a importância das Missões como experiência única para a humanidade, resgatando os motivos escritos no documento oficial da UNESCO acerca do tombamento do patrimônio histórico local, defendendo que não se deve contar a história das pedras, mas sim resgatar seus avanços sociais. Nas palavras transcritas de sua entrevista, percebe-se o enaltecimento da história regional, nas seguintes palavras: “[...] *eu falo propriamente da história [...] mas uma história não do ponto de vista das pedras [...] a história das Missões não é uma história de pedras, porque quando a UNESCO torna as Missões Patrimônio Mundial, está escrito no documento oficial da UNESCO, é porque aqui aconteceu uma história, uma experiência única na humanidade, que experiência é essa? É uma experiência comunal, onde não havia ricos nem pobres, onde todo mundo vivia num mundo de igualdade, onde entre o mais rico e o mais pobre não havia diferença, porque não havia essas expressões, as pessoas viviam num mundo onde todos eram iguais.*”.

Como já salientado, o missioneiro atual carrega o orgulho da história local e de suas peculiaridades. O discurso acentua, principalmente, o sentido dos bons aspectos do passado regional, sobretudo as heranças culturais que acabam por distinguir o povo local e o gaúcho atual. Tais peculiaridades, tidas como heranças, que são evidenciadas no presente, são originárias dos povos nativos, provenientes do contato de grupos nativos, entre os quais o grupo Guarani, com os padres da Companhia de Jesus, os quais também deixaram uma série de legados que foram e continuam sendo usados pelas populações atuais.

Observa-se um nítido orgulho por parte dos moradores atuais, da grande história, dos padrões desenvolvidos, de ali ter nascido o Rio Grande do Sul, da difusão do chimarrão, de como preparar a carne e como assar o que se denomina de churrasco, além de toda uma gama de legados oriundos do contato entre Jesuítas e o grupo Guarani. Por outro lado ocorre a apropriação, destes hábitos e da história no momento em que a população atual detém e revela o orgulho missioneiro. Esta população, em sua grande maioria, é descendente de quem ocupou as Missões após a expulsão dos Jesuítas e assistiu ao declínio missioneiro. Alguns grupos nativos habitam a Região atual, localizados principalmente nos municípios de São Miguel das Missões e Santo Ângelo, os quais possuem aldeamentos Guarani em seus territórios.

Nesse sentido, um questionamento importante a ser feito, é o papel do elemento nativo, no caso o Guarani, em todo processo, cada vez mais evidente, de identidade missioneira. O grupo Guarani se faz presente principalmente no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, procedentes da Aldeia Tekoa Ko'enju, onde vendem seus artesanatos e na área urbana de Santo Ângelo, procedentes da Aldeia Tekoa Pyau, onde também tentam ganhar a vida vendendo produtos por eles confeccionados. Devido à presença, cada vez mais perceptível, dos nativos no lugar, o que se quer saber, até que ponto o Guarani é inserido nesse contexto de orgulho missioneiro, e como o mesmo é visto perante a sociedade.

Há certo desamparo do nativo o que ajuda a estigmatizar certos estereótipos em torno de suas figuras, bem como são atribuídos, a eles, termos pejorativos por parte da sociedade. Contudo esta população é a que carrega forte orgulho do nativo Sepé Tiaraju e da história, que liga diretamente a estes povos. A *entrevista 5*, oriunda do diálogo com uma pessoa que possui fortes vínculos com o turismo regional, de certo modo, ajuda a elucidar a dualidade entre o orgulho missioneiro e a questão nativa, nas seguintes palavras: *“Tem duas coisas, quem não está muito aprofundado e tem pouco conhecimento da história das Missões [...] ele tem orgulho de ser missioneiro, ele demonstra isso por ser nativo, mas o mesmo muitas vezes desconhece o contexto histórico [...] O orgulho acontece da seguinte maneira, eu sou missioneiro, mas não sei o que sou e isso acaba refletindo muito no Guarani, porque ao mesmo tempo que ele tem o orgulho de ser missioneiro, ele olha o Guarani como um “bugre”, como um estorvo, como se o Guarani fosse o intruso na história.”*

Percebe-se na fala do entrevistado, clara dualidade, pois o Guarani é visto com maus olhos, principalmente por quem desconhece a história local. Na *entrevista 8*, tida com um músico local, o mesmo vê o nativo Guarani atual do local, sofrendo certo abandono e por isso usa os versos de uma canção local, de Cenair Maicá, para caracterizar a questão, nas seguintes palavras: *vão os índios pela estrada como os aguapés pelos rios, cantam ventos tristes nos seus balaios vazios. O que tu me diz disso? O que ele estava pedindo para as gerações futuras? Então pra não deixar o índio assim, a mercê das estradas, e é o que acontece.*

Outra questão que coloca um conflito entre o nativo e a população atual, que faz uso do passado Guarani, são as possíveis disputas por terras, fato que se verifica em diversas regiões onde os nativos tentam recuperar áreas de matas, que

no passado eram ocupadas por seus descendentes e hoje são ocupadas por produtores rurais. Tal fato fica claro na *entrevista 10*, em que o pesquisador entrevistado, traz este direcionamento para a questão, com as seguintes palavras: *“Tem um problema fundamental que o mundo rico das Missões, principalmente dos italianos e dos alemães, donos da terra vermelha, eles execram essa figura no sentido de que algum dia poderão querer as suas terras. Por exemplo, nós tivemos alguns antropólogos agora fazendo laudos arqueológicos onde os Guaranis obviamente eram donos de todo esse território, então há medo sobre isso, terríveis medos, por exemplo, os Guaranis querem a Floresta Missioneira de São Lourenço, já há laudo arqueológico disso, o que acontece é que não se movimentou nada ainda disso até hoje, há um conjunto de matas que eles querem na beira do Piratini e do Inhacapetum e que são matas milenares da presença Guarani, inclusive com marcos importantes do período Jesuítico Guarani.”*

Nos relatos é perceptível a preferência dos nativos indígenas por estarem em seus locais, nas aldeias, até pelo modo que são vistos e taxados no contexto urbano. Dessa forma se percebe suas reivindicações, sobretudo nas músicas, onde os mesmos reclamam de não terem suas terras e tudo a sua volta estar poluído. A dualidade entre orgulho missioneiro e a questão dos nativos locais parece longe de estar superada, até por esses conflitos e pelos estereótipos criados pela sociedade, que deveria estar mais integrada com a população nativa do lugar, em todas suas ações do dia-dia.

Sobre a identidade missioneira, aventa-se a hipótese de existirem elementos difusores, que de certo modo, dão voz a tal identidade, impulsionando-os a se inserirem no imaginário da população. Tal resposta se faz presente nas falas dos entrevistados, antes mesmo de a pergunta ser direcionada a esta questão, visto que de antemão a música local foi lembrada em questões anteriores, assim como o turismo, no período pós-tombamento e também o tradicionalismo local, que tem dado atenção relevante a tudo que diz respeito ao contexto histórico missioneiro.

Na verdade, tais elementos, tidos na pesquisa como difusores, atuam cada um a sua maneira, mas todos eles se ancoram na história local. A música praticamente narra os acontecimentos importantes à população, enfatizando forte tom de protesto pelo fim de uma grande história. Nas canções, o grupo Guarani é reverenciado e Sepé Tiaraju é homenageado constantemente. A terra vermelha das Missões é tida como sagrada, induzindo as pessoas a gostarem do seu lugar e das

histórias que ali ocorreram e o turismo ressalta a história para atrair visitantes, usando o patrimônio histórico como forma de propaganda cuja atuação assume protuberância após o tombamento dos sítios arqueológicos missioneiros.

A atuação do turismo na difusão de uma identidade missioneira se dá pelo fato de o mesmo propagandear os sítios locais, em especial o de São Miguel Arcanjo, tornando a região reconhecida externamente. Os locais usufruem dessa externalidade, usando o contexto como uma peculiaridade local, tornando fácil a divulgação dos diferenciais do seu lugar. Por sua vez, entidades tradicionalistas tem feito uso do contexto missioneiro, sobretudo em eventos artísticos do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Na *entrevista 4*, percebe-se a atuação tradicionalista local com relação às Missões e o caráter diferenciador que os nativos da região recebem dos vizinhos de outras regiões, nas seguintes palavras: “*No tradicionalismo nós tratamos muito disso, nos congressos, seminários e encontros, pois nós somos identificados pelo restante do Rio Grande do Sul, como missioneiros. Os outros também incentivam a nos sentirmos mais missioneiros, de ter mais orgulho. Quando anunciam um resultado, para nós eles não evidenciam a região tradicionalista, no nosso caso a terceira região tradicionalista, para nós é ‘das Missões’, isso é diferenciado*”.

Os referenciais simbólicos que fazem alusão ao período histórico são marcas presentes nas paisagens locais. Como personagem símbolo, Sepé Tiaraju está por toda parte, não existindo outro personagem missioneiro que seja tão evidenciado. O padre Jesuíta Antônio Sepp, fundador da redução de São João Batista aparece em um segundo plano nesse contexto. No simbolismo gerado sobre a história missioneira, ressaltada na Região, destacam-se a Cruz Missioneira e a imagem da Redução de São Miguel Arcanjo como símbolos que estão inseridos no imaginário das pessoas. Porém, o uso dos elementos simbólicos varia de um município para o outro, onde em um local se faz uso da cruz, em outro se faz da imagem das ruínas como principal forma de expressar a origem missioneira.

Duas entrevistas chamaram a atenção quando indagados sobre o simbolismo ocorrido na Região Missioneira. A *entrevista 6*, chamou a atenção, onde o entrevistado destacou que os símbolos até competem, porém a imagem das ruínas de São Miguel é mais enfaticamente usada por quem é de fora, enquanto a Cruz Missioneira é um símbolo disseminado localmente. O historiador destaca neste sentido, que a foto que dificilmente falta quando se visita o Sítio Arqueológico é a

que confronta a Cruz missioneira com as Ruínas ao fundo. A *entrevista 10* também chamou a atenção sobre o contexto simbólico, onde o pesquisador resumiu a questão com as seguintes palavras: *A Cruz Missioneira que é a Cruz de Caravaca [...] Em todas as cidades, em todos os trevos está cheio, nas empresas, então hoje é o principal de todos os símbolos que nós temos, eu vejo assim, a imagem do índio ainda é muito controversa, muito eurocêntrico missioneiro. Então mundialmente é claro que é as ruínas, mas localmente, até porque os outros tem ciúmes de São Miguel, isso é muito claro em várias reuniões que participamos sempre falam “ah porque São Miguel tem as ruínas” [...] Então a cruz une ninguém fala nada mal, as ruínas já é alvo de disputa e ciúmes.*

Chama a atenção a abordagem do entrevistado, ao ressaltar a Cruz como elemento de união entre os municípios, agindo de maneira exitosa no contexto local. Na questão do turismo, nenhum município local possui um atrativo tão significativo quanto São Miguel das Missões e o Sítio Arqueológico local, fazendo com que os demais municípios reclamem por uma atenção igualitária. Mesmo que as municipalidades improvisem uso da imagem da redução miguelina no dia-dia, também tentando atrair visitantes, termina ocorrendo uma disputa. Tal fato desfavorece o turismo regional, na medida em que falta integração, muitas vezes até no uso do contexto Missioneiro. Logo, devido a possíveis privilégios da questão patrimonial dada a São Miguel das Missões, fato um tanto quanto natural, devido ao seu grau de conservação, outros municípios elegem a Cruz Missioneira como símbolo maior, que entorno dela se insere o imaginário missioneiro distante de disputas e interesses municipais.

4.2 ENTREVISTAS ALEATÓRIAS NA REGIÃO MISSIONEIRA

O procedimento das entrevistas aleatórias foi efetuado em zona urbana dos municípios da Região Missioneira, visando apreender o discurso acerca de um possível pertencimento missioneiro nos diferentes locais.

O entrevistador se posicionou em um ponto central da cidade sede do município, como: praça, esquina de ruas mais movimentadas e proximidade de estabelecimentos de grande fluxo comercial e ao se aproximar de uma pessoa a convidava para opinar sobre duas perguntas: (1) Você se sente missioneiro? Sim ou

Não e anotava a resposta na planilha; (2) a pergunta indagava por que motivo se sentia missioneiro e fazia a anotação da resposta na planilha.

4.2.1 Município de São Borja

A valorização do contexto missioneiro é claramente perceptível nas áreas onde, no passado, se fixaram os chamados “Sete Povos das Missões”. O mais antigo destes povoados foi São Francisco de Borja, fundado em 1682, onde hoje é o município de São Borja. No local, constatam-se diversas formas identitárias, principalmente a partir da análise de Pinto (2011). Verificam-se localmente além da identidade missioneira, foco da pesquisa, algumas outras, atreladas, entre outras razões, à localização geográfica de São Borja e a seus acontecimentos históricos e peculiaridades, que possam ser ressaltados e que diferenciam o município no cenário regional e estadual.

São Borja se localiza na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, tendo o Rio Uruguai como limite natural às terras argentinas. O município está deslocado geograficamente dos demais de origem missioneira, visto que as distâncias geográficas entre Santo Ângelo, Entre-Ijuís, São Miguel das Missões e São Luiz Gonzaga são relativamente menores. Pode-se dizer que São Borja está em uma área de transição entre a histórica Região Missioneira e o Pampa Gaúcho, possuindo características das duas regiões em suas mais diversas atividades e representações. Somado a estas nuances, a localização fronteiriça do município também distingue os habitantes do lugar. No meio das representações e do simbolismo local, destaca-se o culto à história missioneira e o fato de ser terra natal de dois ex-presidentes brasileiros, Getúlio Vargas e João Goulart, que faz com que o município utilize-se da alcunha de “Terra dos Presidentes”.

A Identidade Missioneira em São Borja visa aludir às origens locais, de certo modo “resgatando” a essência do lugar, através do intenso uso da expressão “primeiro dos Sete Povos das Missões”, o que denota ao município uma diferenciação com relação aos demais, visto que, só um pode ser o primeiro, o inaugural, caracterizando a identidade pela diferenciação.

A materialização simbólica aludindo à origem missioneira é bem perceptível em São Borja e divide o mesmo espaço com os monumentos simbólicos de outros períodos históricos e de acontecimentos importantes. Claramente se destacam na

paisagem, o culto à Cruz Missioneira, (ver APÊNDICE C, Figuras 9, 10 e 11) em espaços de homenagens, além da reverência aos presidentes nascidos no lugar. A população tende a se sentir pertencente a contextos que são expressos positivamente e que completam a paisagem do lugar de maneira diferente.

No dia seis de novembro de 2015, muitos indivíduos são-borjenses foram aleatoriamente abordados e convidados a responder se sentiam-se missioneiros e, em caso de resposta positiva, se percebiam algum motivo especial para tal sentimento. As pessoas abordadas se surpreendiam com tal indagação, muitas ficavam assustadas ou desconfiadas das intenções da pergunta, mas a grande maioria optava por responder. Mais de 90% das pessoas abordadas responderam positivamente, ou seja, se sentem missioneiros. Havendo apenas variação da argumentação sobre tal sentimento, evidenciando-se três categorias de motivação que remetem ao pertencimento missioneiro dos munícipes, como: nascer/morar/viver no lugar, culto a história local e o apego missioneiro atrelado ao tradicionalismo local.

O principal motivo que os indivíduos alegaram para se sentirem missioneiros foi o fato de terem nascido ou vivido no lugar, o que leva as pessoas a se sentirem pertencentes à base histórica do lugar, ou seja, estar ali e ter uma vivência no lugar missioneiro por excelência já é motivo para se sentirem missioneiros. Deste modo, uma resposta simples como “*porque vivo aqui*” não pode ser excluída do contexto, até mesmo pela frequência com que se repete. Neste sentido, percebe-se que o são-borjense é induzido por sua ligação diária com a questão missioneira ressaltada localmente através de um simbolismo significativo presente na paisagem urbana e que acaba sendo absorvido como uma relação de pertencimento local. Por outro lado, o fato de estarem fixados onde se ergueu o primeiro dos Sete Povos das Missões estimula o sentimento de orgulho missioneiro.

Segundo fator preponderante nas justificativas da população são-borjense foi o respeito à história do lugar. Por mais que as categorias se cruzem, visto que quem afirma que sente tal sentimento por morar no lugar, também está de certo modo fazendo menção às origens históricas do local, nessa segunda categoria é dada ênfase àqueles que direcionaram as respostas para a base histórica de São Borja. De certo modo existe um culto à história missioneira, o que não quer dizer que a mesma seja conhecida em sua plenitude pela população, porém, mesmo assim é motivo de orgulho, por ter ocorrido ali, no lugar de origem dos entrevistados. Neste

sentido, as respostas trazem um discurso que repetidamente retoma a questão de o local ter sido o “Primeiro dos Sete Povos”, justificativa suficiente para os moradores, que usam essa peculiaridade como argumento ao sentimento missioneiro. Deste modo, percebe-se que a população recebe a mensagem que é passada nas representações sociais são-borjenses. A alcunha “Primeiro dos Sete Povos das Missões” é constantemente evidenciada, estando presente, por exemplo, nos pórticos de entrada do município, (ver Figura 11 do APÊNDICE C).

O terceiro fator marcante nas respostas são-borjenses foi a forte vinculação com atividades ligadas ao tradicionalismo gaúcho. Percebeu-se o apelo às tradições e as pessoas justificando o sentimento com relação às origens, costumes e tradições, as quais, para muitos, foram transmitidas de pai para filho. Porém, as formas como tais características eram cultuadas e de certo modo, continuadas ocorre, principalmente, nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) locais, onde o gauchismo se constitui em uma forma de manter os vínculos com o lugar e com suas origens históricas, no caso, missioneiras.

Além das análises das categorias de respostas mais frequentes que ocorreram, cabe destacar que outras também chamaram a atenção. Gostar do lugar foi ressaltado por algumas pessoas, sentimento gerado através da música também, assim como alguns que não souberam justificar o motivo para se sentirem missioneiros. O sentimento foi justificado com a seguinte frase por um entrevistado: *“Porque isso foi implantado em mim desde que nasci”*. A frase mostra que tal sentimento alude às origens, sendo em muitos casos uma construção passada de geração após geração.

Em São Borja verificou-se algumas peculiaridades distintas dos demais municípios componentes da pesquisa. Orgulho de ser brasileiro foi ressaltado apenas neste município, incidindo aí, provavelmente, a localização fronteiriça que delega aos locais uma ênfase nacionalista, principalmente lembrada com relação aos vizinhos argentinos. Outras tipologias marcam o contexto são-borjense. Mesmo que as perguntas induzissem ao sentimento missioneiro, surgiram respostas marcantes como: *“me sinto gaúcho missioneiro”*, *“missioneiro e fronteiriço”*, *“missioneiro pampeano”*, além daqueles que mostraram forte apego ao município, justificando um orgulho das raízes missioneiras do local.

Quando se evidenciam diversos contextos históricos e identitários, o discurso pode se manifestar de maneira não uniforme, de modo que parte da população

ressalte um fato e outra parte da população ressalte outro, de acordo com sua identificação com o marco identitário. As peculiaridades que se encontram em São Borja, tendem a reforçar o processo de “descentração” proposto por Hall (ver Capítulo 1) que infere que o indivíduo moderno possui várias identidades e não uma com grande rigidez.

Sobre as múltiplas identidades são-borgenses, como bem analisa Pinto (2011) são perceptíveis pela já referida localização e pelas atividades que ali se desenvolvem. A Identidade Missioneira está atrelada à origem do local, com a fundação da Redução de São Francisco de Borja onde hoje é o atual município. Assim, a identidade está ligada a todo um contexto de heranças culturais dos povos nativos que foram os primeiros habitantes do lugar, tais heranças denotam uma identidade missioneira por excelência. Porém, no período pós Missões, outros grupos passaram a habitar o local, se apropriando de muitos costumes e práticas que foram estabelecidos no período histórico.

O caráter fronteiriço induz a mais uma peculiaridade são-borjense, seja no cenário regional ou estadual, se fazendo presente no imaginário das pessoas. A alcunha “*Fronteiriça e Missioneira*” é marcante no lugar, induzindo a relações de pertença por parte dos habitantes. A questão fronteiriça ocupa o mesmo espaço da Missioneira e da Pampeana, uma não excluindo a outra, porém existindo a possibilidade de disputa entre elas.

Direcionamentos identitários como o fronteiriço e o Pampeano, se dão pelas características de localização geográfica e pelo perfil das atividades ligadas aos dois contextos. A figura do fronteiriço está atrelada às questões envolvendo atividades relacionáveis à zona de fronteira e à figura do Pampeano, caracterizada pelo exercício das lides campeiras na Região do Pampa Gaúcho. Porém, a identidade é de certo modo orientada por quem tem o poder de representar, (ver Capítulo 1, item 1.5). A orientação clara expressada em São Borja é referente ao período missioneiro, como base histórica do município, e ao período pós Missões, referente ao período Republicano da história do Brasil por ser terra natal de ex-presidentes da República cujos governos foram responsáveis por boa parte da evolução democrática do País.

4.2.2 Município de São Luiz Gonzaga

O povoamento da área da antiga redução após o período das Missões foi iniciado por portugueses, povoando as áreas de campo e dedicando-se à criação de gado. No período Imperial, com o início da colonização do sul brasileiro, vieram os imigrantes, alemães, italianos, poloneses e outros, que se estabeleceram na região. Os imigrantes que se fixaram em solo Missioneiro, de certo modo se apropriaram da herança cultural missioneira e assumiram o que se poderia chamar de pré-história local. Isto talvez explique o porquê São Luiz Gonzaga faz uso do passado missioneiro, de forma praticamente única, como sendo apenas este fato, o diferencial do município. Embora o aporte simbólico são-luisense valorize personagens como o Senador Pinheiro Machado, o qual residiu no município e foi uma importante figura do cenário político nacional, não recebe referências, por parte da população, comparável às referências missioneiras.

Há referências à figura de Sepé Tiaraju, personagem mítico da história Missioneira, e a Jayme Caetano Braun, artista local falecido em 1999, que de certo modo foi um dos propulsores na construção de uma Identidade Missioneira no local. Acredita-se que tais referências somam-se às considerações de ser o município o mais genuíno berço missioneirismo porque, no passado, em seu solo, prosperaram duas reduções, uma com o mesmo nome do município atual e a outra denominada de São Lourenço Mártir, que guarda ruínas do passado colonial e se localiza no interior do município. A primeira teve suas construções praticamente apagadas pelo adensamento urbano, a segunda guarda remanescente do período histórico cujo Sítio Arqueológico recebeu o título de Patrimônio Histórico Nacional devido ao seu grau de conservação e se encontra sob a proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN (APÊNDICE C, Figura 12).

A presença da Redução de São Lourenço Mártir, em seus domínios territoriais, promove uma referência viva do período que tanto se cultua localmente, tornando-se de fato um diferencial, em relação aos demais municípios, cujos resquícios de alguma ruína lembrando o passado não existem mais. O município pode e faz uso do local como elemento vivo que marca o contexto missioneiro. Contudo, deve-se destacar que o Sítio Arqueológico se localiza na área rural do município, a cerca de 30 quilômetros da cidade e pela pouca difusão e localização muitos habitantes sequer conhecem o local, apenas sabem de sua existência pelas

narrativas locais e pela valorização ocorrida depois do tombamento, o qual promoveu aumento das atividades turísticas que exploram tais resquícios missioneiros.

As ações públicas mostram clara reverência ao contexto missioneiro, induzindo os munícipes a cultuarem a mesma história deste modo, estimulando a população a reverenciar a história missioneira como sua, quer no turismo ao Sítio de São Lourenço Mártir, ou na figura de Sepé Tiaraju, presente constantemente nas mais diversas representações sociais, como na música. Símbolos como a Cruz Missioneira também marcam o local, de modo a manter viva sua representação histórica no imaginário local.

Para exacerbar estas representações o Brasão municipal de São Luiz Gonzaga por si só é autoexplicativo ao entendimento de todo contexto identitário, onde os símbolos destacam claramente as características municipais. Além da cruz missioneira, estão presentes no brasão, animais como o gado, cavalo e a ovelha, ressaltando as origens estancieiras do lugar e a lida com estes animais, herança do período missioneiro. Da mesma forma, percebem-se no brasão as sementes que potencializaram a agricultura local, caracterizada pela forte inserção agrícola que ocorreu em todo cenário regional, onde o advento de sementes como o trigo e principalmente a soja, acabaram marcando as relações, não somente de produção, mas também, sociais no município. O brasão municipal é apresentado junto às demais imagens municipais (APÊNDICE C, Figura 13).

Sepé Tiaraju é representado localmente como são-luisense e missioneiro. Nesse sentido, existe um monumento erguido em celebração à Lei Estadual nº12.366 de novembro de 2005, que reconhece Sepé como herói Guarani Missioneiro Rio-Grandense, onde tal personagem é visto como um herói gaúcho, diferentemente de períodos anteriores em que o Governo estadual não aceitava o caráter multicultural de formação do Rio Grande do Sul, excluindo qualquer possibilidade de reverenciar um Guarani que por muito tempo lutou ao lado da Coroa espanhola.

O uso do contexto missioneiro buscando um diferencial para ser só seu, elevou o uso da figura de Sepé Tiaraju. Alguns historiadores divergem sobre o local do nascimento de Sepé, que teria sido alferes do povo de São Miguel. Contudo, São Luiz Gonzaga sempre buscou argumentos para fazer de Sepé, um filho da terra. Soma-se a isto o fato de São Miguel das Missões, explorar em menor grau a figura

mítica do líder Guarani, visto que o município traz o Patrimônio Histórico como seu grande diferencial (APÊNDICE C, Figuras 14 e 15).

A música missioneira, que pretendia se diferenciar de outras correntes regionalistas, foi impulsionada por Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, além de Cenair Maicá e Pedro Ortaça, artistas que passaram a ser reconhecidos como “Quatro Troncos Missioneiros”, espécie de esteios da música local. Destes artistas, que promoveram a música regional, três nasceram em São Luiz Gonzaga: Jayme Caetano Braun, Pedro Ortaça e Noel Guarany, este último nascido no antigo distrito de Bossoroca, que tornou-se município em 1965. A ligação de tais artistas com o município e com a vontade de cantar a história missioneira proporcionou ao local, uma espécie de identidade missioneira atrelada entre outros fatores, à música que nascia no município e se espalhava pelo Estado (APÊNDICE C, Figura 16).

A representatividade artística regional, sobretudo no contexto de produção de uma música caracterizada como missioneira, levou o município a ser reconhecido pela Lei Estadual nº172/2012 como “Capital Estadual da Música Missioneira”. Na descrição de um trecho da lei, percebe-se a importância de tais artistas na construção de uma identidade missioneira através da música: *“(...) Autodidatas, os quatro missioneiros, Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, Pedro Ortaça (nascidos em solo São-luizense) e Cenair Maicá, contaram as suas histórias de luta, garra e superação (...) Tiveram eles ciência da sua grandiosidade, falavam desta cultura em versos, payadas e músicas, possibilitando o surgimento de uma nova identidade musical no RS e no Brasil, arregimentada por um inestimável legado cultural e social, registrando a cultura de um povo de mais de trezentos anos de história. Guerras, a República Guarani, a atividade pastoril, cantos denunciando as injustiças sociais e culturais, os ofícios que fizeram homens e mulheres acreditar nesta terra, a semente lançada ao solo fértil, à utopia dos guaranis, valores como a palavra e a amizade, a força de amor ao pago, funcionaram como combustível para que eles pudessem ter, ao alcance da mão e do coração, o perfeito motivo para cantar o cenário de suas origens. Transcendendo aquele tempo esses valores, que caracterizam uma nova identidade da cultura musical gaúcha, continuam marcadamente presentes, como um legado aos compositores e cantadores da verdadeira música missioneira. Ante o exposto se faz meritório, por parte do Parlamento gaúcho, o reconhecimento do município de São Luiz Gonzaga como a*

Capital Estadual da Música Missioneira, contando com a colaboração dos nobres pares para a aprovação deste Projeto de Lei" (Trecho da Lei Estadual nº172/2012).

O culto à Cruz Missioneira, elemento simbólico e ligado ao período histórico, faz parte da paisagem urbana de São Luiz Gonzaga. Nos trevos de acesso ao município, lá está ela fazendo menção às origens do município e de seus habitantes, mostrando uma peculiaridade que diferencia o lugar. Tal elemento pode ser observado nas mais diversas representações e ocupa lugar até mesmo em objetos simples do dia-dia da comunidade local, como é o caso de lixeiras públicas (APÊNDICE C, Figuras 17 e 18).

As entrevistas aleatórias desenvolvidas em São Luiz Gonzaga ocorreram no dia cinco de novembro de 2015, tendo a Praça da Matriz como referência e áreas adjacentes. As pessoas, ao serem abordadas, se surpreendiam com a pergunta atingindo nosso objetivo, o qual era o de receber uma resposta espontânea frente a uma pergunta repentina sobre o que lhe era inquirido sobre as Missões e sobre a motivação do sentimento. No município percebeu-se claramente um orgulho missioneiro, visto que assim como em São Borja, mais de 90% dos entrevistados confirmaram o pertencimento. As categorias obtidas dos argumentos são-luizenses foram as seguintes: culto a história local, nascer/morar/viver no lugar, sentimento atrelado à arte local e sentimento oriundo da tradição do lugar.

Parcela significativa da população respondeu que seus vínculos se dão por possuírem relações aproximadas com o lugar desde que nasceram, ou por toda uma vivência em um lugar de origem missioneira. Eles entendem que os símbolos e a área em si ter sido local de redutos missioneiros torna-os missioneiros e que este sentimento é inerente às pessoas, pois entendem que devido ao fato de estarem fixados no palco da grande história, serem criados ouvindo narrativas que fazem alusão a história, não importando que a mesma tenha sido (re) significada a partir de certo período, dá a eles a condição de se identificarem com o lugar. O fato de gostar de ali estar, também é ressaltado como uma forma de se sentir pertencente àquele contexto. O orgulho das pessoas por ser missioneiro também é perceptível em suas falas e em suas expressões.

A História das Missões, normalmente narrada por seu caráter grandioso, é, para a maioria das pessoas, o motivo principal que as induz a se sentirem missioneiros, permitindo constatar um grande tributo aos fatos do passado. Um respeito pela história e por seus personagens é perceptível ao menos no discurso.

Percebe-se, através das falas dos entrevistados aleatoriamente, que a figura de Sepé é muito cultuada, uns justificaram o apego devido à questão histórica, direcionando seu argumento para a figura do mártir Guarani e Missioneiro, mostrando a força daquela figura localmente.

A arte missioneira, principalmente a música regionalista é, para muitos a motivação principal para que se sintam missioneiros. Artistas locais foram citados, com destaque para ícones como Jayme Caetano Braun e Noel Guarany permitindo captar os argumentos de que a música local sempre foi uma forma indutora do sentimento missioneiro. Ela sempre fez propaganda das Missões e valorizou a história, fazendo com que as pessoas desenvolvessem suas identificações através do tempo. Além dos artistas referidos, Pedro Ortaça e Jorge Guedes, também foram citados, artistas que dão continuidade ao modo de cantar missioneiro, com estilo próprio e letras que rotineiramente falam sobre a história e o lugar missioneiro.

As tradições também foram argumentos utilizados com frequência nas respostas. Tal motivo além de transmitir um sentimento ligado às origens, passado de pai para filho, também teve outros direcionamentos no caso local, como a questão dos costumes locais. Para muitas pessoas, o se sentir missioneiro também está relacionado com os costumes herdados do período missioneiro, o qual de certo modo delinea o missioneiro atual, que faz uso de heranças culturais para, de certo modo, para se diferenciar de populações limítrofes.

4.2.3 Município de Santo Ângelo

O município de Santo Ângelo, como os anteriores, se estabeleceu na área onde se fixaram as reduções jesuítas do passado. O crescimento urbano, verificado nos três municípios, influenciou para que partes dos vestígios do passado histórico fossem apagados. Nos domínios territoriais de São Luiz Gonzaga o que sobrou em melhor estado de conservação foram às ruínas de São Lourenço Mártir, localizadas no interior do município, com relativa distância do centro urbano local. Porém, no caso de Santo Ângelo, até 1988 a situação era semelhante, pois ao município pertenciam as ruínas de São Miguel Arcanjo e a de São João Batista. Quando os municípios de São Miguel das Missões e Entre-Ijuís conseguiram emancipação política, excluíram-se os sítios dos domínios territoriais do município. Ao perder suas

grandes referências do passado missioneiro, Santo Ângelo continuou a fazer uso do contexto missioneiro de outras formas.

Por ser uma espécie de município polo, o mais populoso da Região, possuindo 78.908 habitantes, conforme estimativas do IBGE, (2014), disponibiliza da maior quantidade de bens e serviços e há muito tempo usa a alcunha de “Capital das Missões”, referindo-se ao contexto missioneiro e exaltando, aos demais, sua importância como município mais equipado da Região.

O município faz uso de sua origem missioneira a qual é presente nos topônimos locais, muitos direcionados ao contexto histórico, fazendo uso frequente de expressões como Missões ou Missioneiro, além do tributo à figura mítica local, com o uso das palavras Sepé ou Tiaraju. O personagem parece estar vivo localmente, visto que por toda parte se faz presente seu nome, o qual denomina os mais diversos estabelecimentos comerciais, eventos ou logradouros públicos.

O culto às Missões e à figura mítica de Sepé Tiaraju são perceptíveis, por exemplo, no hino municipal de Santo Ângelo, com letra do santo-angelense Dinarte Beck. Em uma das estrofes, encontra-se: *“Ela vem das Missões e se escutam/Essas cargas que a história bendiz/E Sepé numa bárbara luta/Manter viva sua raça ele quis”*. Nas estrofes se percebe o ideal de amor à terra, defendida na figura do personagem maior. A célebre frase: *“Esta terra tem dono”*, atribuída localmente a Sepé Tiaraju, traz mais uma menção da ligação aproximada para com o lugar desde os primórdios missioneiros. O monumento à Família Guarani (Apêndice 3, figura 19), junto às imagens santo-angelenses retrata a questão, atuando simbolicamente no imaginário santo-angelense.

Igualmente a figura de Antônio Sepp, padre Jesuíta fundador da Redução de São João Baptista, nomeia o Teatro Municipal demonstrando a acentuada valorização da história missioneira não apenas na cultura como em ações político-administrativas do município, como é o caso da denominação da rodovia estadual RS-344, que atravessa os municípios missioneiros de Entre-Ijuís e Santo Ângelo, ligando-os até Porto Mauá, na fronteira com a Argentina, a qual recebeu a denominação de Rodovia Sepé Tiaraju, a partir da Lei N°12.504 de 2006, publicada pela Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul.

Mesmo que o uso da alcunha “Capital das Missões” e do perceptível tributo ao seu herói seja verificado em Santo Ângelo, algumas ações que dão vida ao passado missioneiro têm sido observadas localmente em atendimento ao turismo

desde o último quartel do século passado e início deste século através de projetos de revitalização, na Praça Pinheiro Machado, localizada no centro urbano remodelada para fazer alusão às Missões e acompanhar a arquitetura da Catedral Angelopolitana, erguida anteriormente no mesmo local da Catedral Missioneira (APÊNDICE C, Figura 20), espécie de réplica da antiga igreja da Redução de Santo Ângelo Custódio. Constitui-se em um monumento turístico que faz referência ao período missioneiro. Ao fazer alusão às Missões, a praça se insere simbolicamente em uma lógica que induz a população local a se relacionar com signos que constantemente induzem ao pensar no passado local.

O simbolismo está por todos os lados e, a Catedral Angelopolitana é o elemento central, mas outros agem em conjunto, onde nesse sentido, cabe destaque a Cruz Missioneira, presente em cada canto da praça, fazendo alusão ao período histórico. Em uma das entradas da praça, existe uma espécie de túnel, formado por trinta arcos e em cada arco, está o nome de uma redução, das trinta que prosperaram em territórios brasileiro, argentino e paraguaio (APÊNDICE C, Figura 21 e 22). O mesmo túnel traz a ordem cronológica de fundação das Missões Jesuíticas que ocuparam o espaço platino, sendo o último arco, preenchido com o nome da Redução de Santo Ângelo Custódio, o último dos povoados missioneiros. Passando pelo último e mais simbólico arco para os santo-angelenses, chega-se a uma passarela, no centro da praça, que dá passagem à catedral que se encontra alguns metros à frente.

A total alusão ao passado missioneiro não se restringe aos elementos citados visto que no interior da praça existe um espaço destinado ao público infantil, a popular pracinha das crianças, que faz total referência histórica à presença do Guarani, como personagem central da história local. Logo no portão de entrada da pracinha, se destacam os dizeres “Yvyraty Karaiveve” (APÊNDICE C, Figura 23), palavras de origem Guarani, que traduzidas para o português significam “Parque dos Anjos”. O pequeno espaço destinado às crianças ainda traz pequenos monumentos temáticos que fazem alusão a crianças Guarani.

Em Santo Ângelo o orgulho missioneiro é nítido no dia-dia, sendo claramente evidenciado pela população, visto que no local, chamou a atenção o significativo uso de adesivos, principalmente em veículos, com os dizeres “Orgulho de ser missioneiro”, (APÊNDICE C, Figura 24) ou “Eu amo as Missões”. Depois se descobriu que tais adesivos foram criados pelo Departamento de Turismo da

Fundação dos Municípios das Missões (DETUR/FUNMISSÕES) em conjunto com a Associação dos Municípios das Missões (AMM) com o intuito de incentivar o turismo regional nas Missões.

A música também é um elemento marcante no contexto santo-angelense. Se São Luiz Gonzaga orgulha-se das raízes de Jayme Caetano Braun, Noel Guarany e Pedro Ortaça, Santo Ângelo é terra natal de Tio Bilia e onde Cenair Maicá viveu maior parte de sua vida, possuindo assim relações aproximadas. Dando continuidade à musicalidade, como um potencial local, o município tem realizado nos últimos anos o “Canto Missioneiro”, que em 2015 completou sua oitava edição. O banner de propaganda do “Oitavo Canto Missioneiro” presta tributo à cultura local, tida como identidade, além do marcante uso do termo “missioneiro” e do simbolismo sempre presente com a cruz missioneira (APÊNDICE C, Figura 25).

O contato mais aproximado com a população santo-angelense ocorreu no dia 29 de julho de 2015, para captar as peculiaridades do discurso de cada um sobre a ocorrência do sentimento missioneiro e a motivação especial para justificar tal sentimento. No município, vale destacar que mais de 85% dos entrevistados manifestaram certo orgulho missioneiro em suas respostas. De acordo com as respostas obtidas, algumas categorias foram criadas, sendo algumas delas semelhantes às respostas de outros municípios missioneiros, a saber: (1) nascer/morar/viver no lugar, (2) hospitalidade do lugar, (3) culto a história do lugar, (4) apego atrelado a tradição gaúcha.

A considerável maioria dos entrevistados alegou que o se sentir missioneiro deve-se ao fato de ter nascido nas Missões, ou de viver no lugar por um tempo considerável. O argumento repetido por alguns que deram este tipo de resposta foi o fato de se sentirem identificados com o lugar e que ao saírem dali foram tomados pela nostalgia. Tal resposta identificou as profundas relações de apego evidentes, obrigando as pessoas a voltarem para seu lugar de origem. As raízes ou origens foram respostas frequentemente utilizadas, podendo as mesmas fazerem parte do contexto de nascer e viver no lugar, de ter uma história de vida no local, assim como podendo estar atrelada à origem histórica do lugar que também gera sentimentos de orgulho.

Outra resposta marcante, embora menos frequente que a primeira (nascer no lugar), foi a de apreciar o lugar, ter uma relação próxima, gostar do mesmo. A justificativa mais evidente para quem deu esse tipo de resposta foi a hospitalidade

do povo local, o gostar atrelado ao bom convívio com os demais membros do grande grupo também introduz sentimento de pertencimento. Também foi perceptível, neste caso, o fato de que as pessoas não usufruem das melhores condições econômicas e sociais, reclamam da situação atual, porém justificam o não sair do lugar devido ao forte apego existente.

A terceira justificativa mais frequente atrelou o sentimento ao respeito pela história missioneira que aconteceu no local a mais de trezentos anos. Respostas que revelam forte direcionamento aos Sete Povos das Missões e à cultura Guarani. Sepé Tiaraju também foi ressaltado, indicando um respeito à figura do mártir missioneiro. A Cruz Missioneira é, relatada como símbolo de proteção e de pertencimento no imaginário dos locais. Como na primeira categoria (nascer/morar/viver no lugar), as pessoas remetem à origem como justificativa de tal sentimento, entretanto a origem tem caráter dúbio, podendo remeter-se à origem familiar das pessoas no local ou à origem histórica da Região no todo.

As tradições também serviram de argumento para justificar o sentimento missioneiro em Santo Ângelo. De acordo com as respostas, algumas peculiaridades podem ser ressaltadas. Tal sentimento, para alguns, é passado de pai para filho, estando sempre presente no dia-dia das pessoas. Para outros, a tradição também foi observada com relação aos costumes locais, que geram relações de apego com o lugar. Para outros, o tradicionalismo, através de suas entidades é entendido como meio indutor do sentimento missioneiro, principalmente através das manifestações folclóricas e culturais que cultuam significativamente o contexto missioneiro Guarani.

4.2.4 Município de São Nicolau

O município de São Nicolau também tem seus alicerces históricos oriundos do período missioneiro. Algumas peculiaridades se destacam no pequeno município, como a denominação de “A Primeira Querência do Rio Grande”, por ter sido o local de entrada pelo qual o Padre Roque Gonzáles entrou no território rio-grandense, em 1626, para iniciar aldeamentos indígenas as margens do rio Uruguai resultando na fundação da Redução de São Nicolau. Após esta Redução outras seguiram sendo criadas na margem esquerda do rio a exemplo do que existia na outra margem, na qual o processo de aldeamento dos nativos se encontrava mais adiantado.

Esses acontecimentos são defendidos, na Região Missioneira, como marco de fundação do Rio Grande do Sul, negando a versão historiográfica portuguesa que atribui à fundação do Rio Grande do Sul ao ano de 1737.

Deve-se ressaltar que as invasões bandeirantes arrasaram os aldeamentos nativos da Primeira Fase Missioneira no Rio Grande do Sul. As reduções só voltaram a se fixar na margem esquerda do Rio Uruguai em 1682, cerca de quarenta anos depois, em local próxima ao da primeira fundação, se estabelecendo em 1687 a Segunda Fase da Redução de São Nicolau. É do segundo período histórico, que o município carrega remanescentes materiais, as ruínas da redução, que ocupam no atual centro urbano de São Nicolau, e foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN.

As ruínas se constituem no principal ponto turístico do município e são exploradas localmente. Deste modo, percebe-se uma dualidade em São Nicolau, ao se ter um discurso voltado para a primeira fase missioneira e fazer uso de uma referência material herdada da segunda fase missioneira. Tais fatos confundem a população local como a população de toda área missioneira. No cotidiano da população missioneira, o município de São Nicolau é o primeiro dos “Sete Povos das Missões”, o que não é verdade, tal título cabe a São Borja, visto que a fixação dos denominados “Sete Povos das Missões” referem-se a segunda fase missioneira no estado do Rio Grande do Sul. O discurso de “Primeira Querência do Rio Grande” faz menção a fase anterior da formação de reduções, as quais tiveram um curto período de duração em território gaúcho.

A maioria dos lugares tidos como turísticos em São Nicolau fazem menção à importância histórica do lugar, sobretudo pelas referências herdadas do período missioneiro. A localização costeira ao rio Uruguai, delega caráter fronteiro a São Nicolau, porém não aferido da mesma maneira como ocorre em São Borja, visto que o centro urbano local está distante da linha fronteira, além do fato de não existir ponte ligando ao País vizinho. Deste modo, as relações de fronteira acabam sendo diminuídas, porém, na margem esquerda do Rio Uruguai existe um dos pontos turísticos, conhecido por “Passo do Padre”, que devido a sua origem histórica e cultuado pelos habitantes devido a hipótese de ter sido ali o local em que o padre Roque Gonzáles entrou no atual território gaúcho, se tornando um marco para denominação dada ao município: “Primeira Querência do Rio Grande” (APÊNDICE C, Figura 26).

O culto as Missões e o uso do passado também são perceptíveis no município, a Cruz Missioneira, elemento comum a todos os demais municípios, também é presente na paisagem, sobretudo no pórtico de acesso a cidade, ainda em construção, onde o elemento simbólico já se faz presente (APÊNDICE C, Figura 27).

O Sítio Arqueológico da Redução de São Nicolau se localiza no centro urbano do município, servindo inclusive de praça para os habitantes. A proximidade das ruínas missioneiras com a população urbana, praticamente só vem a ocorrer no município de São Nicolau, visto que nos outros as ruínas ou foram apagadas pelo adensamento urbano, casos de Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e São Borja, ou estão no interior dos municípios, como é o caso das ruínas de São Lourenço Mártir e São João Batista. No caso de São Miguel, o Sítio Arqueológico também se localiza em área central da cidade, porém é todo cercado, não sendo usado da mesma maneira que em São Nicolau, onde as pessoas estão em contato direto com o material histórico.

A proximidade com os resquícios históricos faz com que a população local tenha a referência viva do passado regional frente aos seus olhos, induzindo-as ao imaginário sobre o contexto de sua história. Acredita-se que desta maneira fica mais fácil para a população cultuar a história coletivamente, ver e tocar nos vestígios da antiga redução inserem os habitantes em seu passado (APÊNDICE C, Figura 28).

O Sítio Arqueológico é o elemento vivo do passado regional, o qual faz menção ao período de fixação dos “Sete Povos das Missões” na margem esquerda do Rio Uruguai. Tal fato é um elemento diferenciador, pois são pouquíssimos municípios com resquícios materiais da história missioneira, os que possuem ruínas dos antigos povoados em seus territórios, além de São Nicolau, têm-se os municípios de São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões e Entre-Ijuís.

O uso da alcunha “Primeira Querência do Rio Grande” é explorado de várias maneiras no município, como por exemplo, nomeando o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) local. Entende-se que o uso de tal peculiaridade visa influenciar o discurso e se fazer presente no cotidiano da comunidade e isto se evidencia na logomarca usada pela Prefeitura municipal, exaltando claramente o contexto junto às demais municípios (APÊNDICE C, Figura 29).

No município de São Nicolau, as entrevistas ocorreram no dia sete de novembro de 2015 e devido ao fato de se tratar de um município em que a

população é bem menor dos municípios de São Borja, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo, houve menor número de entrevistas no intuito de seguir certa proporcionalidade. Assim, devido ao menor fluxo de pessoas que transitam na cidade, a busca por entrevistados não se restringiu a um espaço público, mas ao centro urbano de maneira geral e todos os entrevistados afirmaram se sentirem missioneiros.

Chamou a atenção o tom enfático das respostas, que direcionam para um enraizamento considerável. Como nos outros municípios, nascer e viver no lugar já denota uma ligação inicial repetidamente argumentada. As respostas que justificam o sentimento através da história acabam se referindo a São Nicolau, com o frequente uso do atributo a “Primeira Querência do Rio Grande”. Permitindo perceber no contexto local, um forte apego ao município, visto que as respostas dadas se referem ao lugar como marco de fundação do Rio Grande do Sul, como eles dizem: “onde tudo começou”, fazendo menção direta a peculiaridade missioneira de São Nicolau.

Outro fato que chamou a atenção foi à unanimidade quanto ao se sentir missioneiro, fato que pode estar atrelado a um número menor de entrevistados. No caso de um município de população reduzida onde todos se conhecem, a presença de um estranho logo é percebida e frente as perguntas, percebeu-se certa intenção de se ressaltar o sentimento missioneiro, no sentido de manifestar certo orgulho e se referir a origem missioneira como uma virtude. As respostas foram marcadas por forte ênfase com relação às Missões. Uma delas chamou a atenção: “Porque isso me faz bem, falar que sou missioneiro”. Tal frase indica a busca por um referencial de apego ligado as origens do lugar, inserido num contexto de uma história sempre presente nas narrativas locais.

4.2.5 Município de Entre-Ijuís

O município de Entre-Ijuís se localiza no território onde se situa a área do Sítio Arqueológico de São João Batista, tombado pelo IPHAN como Patrimônio Nacional e devido a sua posição geográfica regional é considerado a porta de entrada ao que se conhece hoje por Região das Missões, carregando assim a denominação de “Portal das Missões”, indicando que a região histórica tem ali seu início para quem vem do norte gaúcho.

Entre-Ijuís se tornou município apenas em 1988, portanto suas manifestações culturais são recentes no que diz respeito ao contexto missioneiro, trazendo algumas peculiaridades semelhantes ao município-mãe, Santo Ângelo. A ênfase missioneira é enfocada no direcionamento dado à figura de Sepé Tiaraju no local, além do uso da Cruz Missioneira como símbolo alusivo ao período histórico.

Das mais diversas cruzeiras missioneiras presentes nos trevos de acesso aos municípios locais, a de Entre-Ijuís é considerada a mais marcante porque é o ponto de chegada ao que se pode considerar como “território missioneiro” e também pela sua imponência, visto que a Cruz local é consideravelmente maior que as demais encontradas nos outros municípios.

No município de Entre-Ijuís percebe-se forte apelo à questão missioneira, sobretudo nas entidades tradicionalistas, a presença de dois Centros de Tradições Gaúchas, CTGs, localizados no centro urbano do município que participam frequentemente de eventos como o ENART (Encontro de Arte e Tradição), promovido pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), e cotidianamente endereçam suas ações para o contexto missioneiro, com valorização de elementos como a Cruz Missioneira, em suas apresentações. Os CTGs em questão são:

- o primeiro denominado de “Passo do Ijuí”, que em sua nomenclatura faz referências ao ponto de passagem sobre o rio Ijuí, área de ligação com o município de Santo Ângelo, marcado por combates em uma das mais famosas revoluções gaúchas, a revolução de 1923;

- o segundo denominado de “O Grito de Sepé”, que homenageia Sepé Tiaraju, nome da entidade ligado ao herói missioneiro que teria proferido a famosa frase: “Esta Terra Tem Dono” (APÊNDICE C, Figuras 30).

No município as referências a Sepé Tiaraju vão além de CTG e da rodovia Sepé Tiaraju que corta a área urbana do município, pois além destas referências existem outras que homenageiam o líder Guarani. Tal fato é expresso em um clube de futebol amador do município, o Esporte Clube Sepé Tiaraju, fundado em 1961, mostrando que desde esta data, já se fazia menção ao contexto missioneiro na localidade, época em que era distrito de Santo Ângelo. A figura 31 apresenta o símbolo do clube local em questão (APÊNDICE C, Figura 31).

Entre-Ijuís faz uso de sua localização ao carregar consigo o codinome de “Portal das Missões”. No trevo da BR 285, que dá acesso ao município encontra-se a Cruz Missioneira alertando ao viajante que ali é uma terra missioneira. Vindo do

norte do Estado gaúcho, a direita irá em direção a Entre-Ijuís e Santo Ângelo, mas seguindo reto, chega-se a outros municípios missioneiros localizados nesta estrada a convidar o viajante a iniciar uma volta as origens regionais, cujo caminho é marcado pela significativa presença da Cruz Missioneira, e, sobretudo, das ruínas dos antigos povoados. O primeiro Sítio Arqueológico neste sentido é o de São João Batista, localizado no interior do município (APÊNDICE C, Figura 32).

O município, mesmo sendo relativamente novo em que pese a sua emancipação, faz uso do contexto missioneiro a um relativo tempo, aumentando suas ações endereçadas ao contexto em períodos recentes, advindo da valorização do patrimônio missioneiro local. Sem uma maior especificidade o município se distingue como “Porta de Entrada das Missões”, valorizando igualmente a Cruz Missioneira e a figura de Sepé Tiaraju.

Anterior a 1988, data da emancipação, Entre-Ijuís já manifestava enaltecimentos as raízes missioneiras, como os demais municípios locais que faziam clara menção a reviver o período histórico, induzindo a um imaginário coletivo. O Hino de Entre-Ijuís, de autoria de Valdemar Amaral, exhibe claramente o apreço missioneiro em um de seus versos, como pode se perceber na sequência: *“Essa Cruz Missioneira abre os braços / Recebendo os irmãos visitantes / Ao chegar na cidade Entre-Ijuís / Terá pouso e água vertente / Conhecendo um povo hospitaleiro / Quem partir voltará novamente / Pra rever o pago missioneiro / E folgar junto aos seus habitantes”*.

O município é mais um dos que apresentam considerável hibridismo cultural, visto que no local se estabeleceram os primeiramente portugueses e logo tiveram a companhia de imigrantes, principalmente alemães e italianos. As bases identitárias municipais fazem menção ao contexto missioneiro, porém no período pós-Missões, estando subjugada a administração do município de Santo Ângelo, novos marcos se estabeleceram no local como o de se caracterizar por ser ponto de encontro entre carreteiros. As raízes identitárias missioneiras, só voltaram a ser revividas com mais força, no conjunto do tombamento das ruínas das Reduções Missioneiras, que trouxe forte inserção do turismo na Região.

As entrevistas aleatórias no município de Entre-Ijuís ocorreram junto a população local em 18 de novembro de 2015, sendo que 90% dos entrevistados confirmaram se sentirem missioneiros. Tal estatística não pode ser comparada a de municípios mais populosos, em que o número de entrevistados foi maior.

As representações missioneiras de Entre-Ijuís fazem menção a Sepé Tiaraju e a Cruz Missioneira, talvez o símbolo mais evidente usado localmente. A Cruz se fez presente em um dos argumentos, onde o sujeito divagou sobre seus sentimentos, usando tom nostálgico ao se referir à região como um todo, principalmente a partir do momento que morou em outros lugares, onde passou a valorizar tudo o que o lugar significava para ele. Nessa fala, o sujeito fala da Cruz Missioneira de Entre-Ijuís como um símbolo de volta as origens e quando o mesmo retornava ao lugar, se enchia de alegria quando avistava o elementos simbólico. Outra resposta que chamou a atenção foi à menção de que: “É a terra que deu o sustento e onde construí uma família, então eu gosto”. Tal ligação induz ao se sentir pertencente. Tal sentimento é explorado por Tuan (1980), ao se referir ao lugar envolto de sentimentos pelas relações que ali se criaram.

4.2.6 Município de São Miguel das Missões

São Miguel das Missões é o município que possui os remanescentes do período histórico em melhor estado de conservação, fato que culminou com o tombamento do Sítio Arqueológico local, como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, em 1983. O município em questão tem sua emancipação política datada de 1988, quando se desmembrou de Santo Ângelo, deixando o município-mãe sem um dos maiores resquícios do período reducional.

A população, por possuir em seu território um dos maiores Patrimônios da Humanidade, usa significativamente o contexto missioneiro no cotidiano, porém tal uso ocorre de maneira diferenciada, quando comparado com os demais municípios que no passado sediaram as reduções Jesuíticas Guarani. Ícones simbólicos como a Cruz Missioneira e a figura de Sepé Tiaraju, também são usadas localmente, porém não com a mesma intensidade que se verifica nos municípios vizinhos, visto que, a relevância do patrimônio histórico de São Miguel, por si só já é simbólico. A imagem de suas ruínas traz um simbolismo que remete totalmente a história das Missões, fazendo com que o município de maior atenção a essa peculiaridade.

Toda a Região Missioneira é, de certo modo, conhecida a partir da imagem do frontispício da Antiga Igreja da Redução local. Tal fato se evidenciou no período pós-tombamento, quando o turismo passou a atuar fortemente no cenário local exibindo a imagem na divulgação da região histórica. Com isso, São Miguel das Missões, um

município relativamente pequeno no que se refere a população tem um largo reconhecimento externo, da mesma forma que os municípios mais populosos da Região Missioneira. Isto é possível devido ao fato de o Sítio Arqueológico possibilitar um intenso uso turístico que acaba valorizando o todo regional.

A população faz uso de suas referências, principalmente quando do contato com indivíduos de outros lugares, Entretanto, internamente percebem-se alguns atritos como: o fato que o Sítio Arqueológico é cercado, a população local tem livre acesso, porém parece que ela não se sente pertencente ao contexto patrimonial, talvez por existir barreiras. A população faz uso das referências missioneiras localmente, mas não no Sítio Arqueológico. Talvez, entre outras questões, devido a conflitos entre a população que se fixou no lugar e os interesses patrimoniais que se verificaram no local no decurso do processo de tombamento.

O passado missioneiro é reverenciado localmente de diversas maneiras, uma delas se refere a que valoriza significativamente o passado local e que se denomina de Ponto de Memória Missioneira, onde práticas que remontam ao período histórico buscam conservar antigos costumes e a divulgar a cultura local. Entre os rituais praticados no Ponto de Memória, tem-se o Ritual da Erva Mate, normalmente auxiliado por caciques Guarani que convidam os visitantes a participarem.

Além das mais diversas práticas que remontam a cultural Guarani e Miguelina, o local possui um acervo considerável da história regional. De certo modo, o Ponto de Memória Missioneira insere a comunidade local no contexto patrimonial e cultural, e as reminiscências dos habitantes locais são valorizadas, pois os mesmos ganham voz no sentido de participarem com mais proximidade se comparado às ações que envolvem o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo (APÊNDICE C, Figura 33).

Em São Miguel das Missões, como nos demais municípios da Região Missioneira ocorreram o estabelecimento de famílias de portugueses que povoaram a área após a Guerra Guaranítica, passando a ocupar grandes áreas de campo e mato, e a estabelecerem grandes propriedades rurais, forjando uma segunda identidade, atrelada ao contexto rural. Neste mesmo período também ocorreu a chegada e o estabelecimento de imigrantes alemães e italianos fundando suas colônias.

A pecuária, introduzida no espaço local no período missioneiro, teve sua continuidade no segundo momento e, mais tarde ganhando a companhia de uma

agricultura intensiva, com destaque para a inserção de sementes como soja, trigo e milho. O brasão municipal de São Miguel das Missões reflete bem as identidades do município, com raiz totalmente missioneira, representadas pela figura nativa, somada ao patrimônio representado pela Igreja da Antiga Redução e pelo simbolismo da Cruz, atrelados em um segundo momento ao campo, com destaque a criação de gado e o cultivo de sementes, bem como do diferencial do município, o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade (APÊNDICE C, Figura 34).

O elemento diferencial de São Miguel das Missões vem a ser o patrimônio, em bom estado de conservação se comparado aos que se verificam nos demais municípios missioneiros. Isto faz com que o município seja valorizado, pois historicamente atrair turistas ao intensificar o uso das ruínas locais, como elemento simbólico. Contudo, o uso de outros elementos simbólicos é menos significativo no lugar, mas eles estão presentes, principalmente pelo fato de o município ter um aporte turístico relevante no contexto regional, por exemplo, o pórtico municipal, é uma clara manifestação, visto que o mesmo traz um simbolismo que alude totalmente ao contexto, trazendo símbolos como a Cruz missioneira em seu centro, além da frase “Esta Terra tem Dono”, em Guarani, atribuída a Sepé Tiaraju (APÊNDICE C, Figura 35).

No interior de São Miguel das Missões, está localizada a Reserva Indígena Inhacapetum, Aldeia Tekoa Ko'enju, onde os nativos M'Bya Guarani vivem em área relativamente pequena, preservam costumes de um passado milenar e reclamam para si o direito a terra que outrora foi de seus ancestrais. O Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, conhecido como “Tava Miri” para os Guaranis é local considerado sagrado e recentemente recebeu, junto ao IPHAN, o título de Patrimônio Cultural Brasileiro.

Os Guaranis tem acesso livre ao Sítio, normalmente são vistos vendendo seus artesanatos. Entretanto, os nativos locais são vítimas de velhos preconceitos por parte da sociedade como um todo, e por isso existe certa dificuldade de os mesmos se inserirem, lembrando que suas práticas culturais também não são as mesmas, logo esta inserção social em um modo de vida que não tem nada a ver com as suas raízes, não é forçado por parte dos Guarani do local.

No interior do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo está fixado o Museu das Missões, projetado por Lúcio Costa, o museu conta com um acervo significativo, com destaque para imagens sacras que remontam ao Período Missioneiro. O

esplendor do sítio arqueológico e o grau de conservação incluem o patrimônio local dentro de roteiros turísticos internacionais, como é o caso do Roteiro Iguassu-Misiones e o Circuito Internacional das Missões Jesuíticas, com um roteiro de caráter histórico cultural e de grande proximidade com a natureza, sobretudo no primeiro caso. Tais roteiros ligam os Patrimônios da Humanidade argentino, paraguaio e brasileiro, no caso o de São Miguel. Em propagandas de divulgação do roteiro, normalmente a imagem do patrimônio Miguelino se faz presente (APÊNDICE C, Figura 36).

Em São Miguel das Missões, talvez pela presença mais significativa de turistas, ouve menos estranhamento dos munícipes com relação ao autor. Mesmo assim, percebia-se que não se tratava de um conterrâneo. Partindo deste contexto, assim como em São Nicolau, se percebeu nas falas locais, certo tom enfático e de um orgulho missioneiro que precisava ser externado, onde as perguntas propiciavam tal abordagem. No município as entrevistas ocorreram em três de março de 2015, e a maioria, quase que absoluta confirmou se sentir missioneira, diga-se de passagem, mais de 90% responderam positivamente.

Contudo foi possível perceber duas categorias de respostas em uma mesma fala. O apego oriundo do nascimento e vivência no lugar, atuando juntamente ao direcionamento histórico. Talvez, localmente se evidencie até mais o contexto histórico, visto que o mesmo foi expresso em praticamente todos os argumentos e quando se falava em gostar do lugar e das pessoas que habitam o mesmo, eles recorriam a história como argumento auxiliar.

Localmente foi também ressaltado o pertencimento relacionado com uma possível descendência indígena, mas, sobretudo o uso do patrimônio em algumas respostas. As demais respostas, praticamente abordaram a peculiaridade de: “Por ter nascido aqui, pela história, por tudo que temos aqui, a começar pelo Sítio Arqueológico”.

Os remanescentes materiais do Período Missioneiro também são citados, para explicar o pertencimento devido ao contato cotidiano no lugar e por estar sempre próximo do contexto histórico. Atrelado ao patrimônio histórico presente em São Miguel destaca-se a presença de turistas no município, inclusive constatou-se uma crítica, a de um sentimento missioneiro existente, porém de valorização maior proveniente da presença dos turistas a exigir um conhecimento do contexto histórico.

Buscando resumir o entendimento obtido nas entrevistas aleatórias conclui-se que existe o sentimento missioneiro em todos os municípios, onde percebeu-se um pertencimento missioneiro significativo, porém com variações. No contexto regional, referente a população, foram abordados os três municípios mais populosos da Região, assim como os outros três com número de habitantes relativamente menores. Nos municípios de população reduzida, percebeu-se um apelo maior as próprias municipalidades, como em São Nicolau e São Miguel das Missões podendo-se perceber nas respostas e argumentos, um apelo ao que diferencia estes municípios frente aos outros, o tom da voz são mais enfáticos e marcantes nos municípios menores, permitindo perceber-se certo enraizamento, como bem lembra algumas leituras referendadas, como Claval (2007) ao chamar a atenção de que os lugares pequenos possuem as referências em um horizonte próximo, sendo carregados de valor simbólico e aonde normalmente se encontra a presença de todo um núcleo familiar.

5 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A ideia de estudar a identidade e o pertencimento dos indivíduos ao seu mundo-vivido, conforme uma relação de pertencimento ao lugar, decorre da observação da existência de certa simbologia como a música, o canto e o vasto número de imagens, monumentos originais ou réplicas reproduzidas de origem missioneira e transformadas em monumentos, presentes na paisagem dos municípios como que a estimular os sentimentos de apego. Em continuidade, decorre, também, do estímulo recebido ao dialogar com os formadores de opinião e com os habitantes da Região Missioneira do estado do Rio Grande do Sul, para investir nesta direção e a buscar explicações sobre o chamado orgulho missioneiro, denotado nos habitantes da Região das Missões ao se referirem ao lugar de vida, à sua história e às suas peculiaridades presentes e simbolicamente representadas na paisagem de seus municípios.

Inúmeras leituras deram início à pesquisa indicando a presença de uma identidade missioneira valorizada a partir do período colonial missioneiro que "induziu" a população a viver a mesma história e estabelecer relações de pertencimento. Tais relações foram se revelando por meio de visitas, diálogos e leituras efetuadas sobre sentimentos de pertencimento e de identidade que na ciência Geográfica são estudados pela visão cultural ao exigir entendimentos advindos das relações subjetivas da sociedade com sua espacialidade determinada como espaço de vida. Identificar, analisar e dimensionar estas relações constituindo seu comportamento, não só despertou interesse como desafiou o exercício de uma metodologia dedicada à análise e interpretação das relações entre os indivíduos e seu espaço de vivência, fazendo uso da fenomenologia na ciência Geográfica.

A identidade missioneira, no âmbito do pertencimento, refere-se a uma história passada e identificada no ontem, mas que por meio de seus habitantes é revivida no hoje. O estudo de tal conjuntura foi possível através do uso de categorias geográficas como lugar, território e região, conforme a dimensão espacial em análise. Destaca-se que o uso de uma ou outra categoria atendeu à determinação da escala dimensional relacionada aos grupos de pessoas, constituintes da

sociedade, a qual, por não ser homogênea, interage com suas espacialidades segundo complexas relações de pertencimento e de identificação. Tratando-se, portanto, de relações de pessoas entre si e para com seus espaços de vida.

O direcionamento das análises sobre pertencimento e identidade com o lugar de vida partiu, sobretudo, do contexto fenomenológico trazido para a pesquisa prestando contribuições valiosas para a compreensão da dualidade espaço e lugar, inferindo que o espaço se transforma em lugar, na medida em que adquire significado de valor para os sujeitos. Por sua vez, a valorização se assenta no peso das relações pessoais. Deste modo, as opiniões pessoais dos habitantes, a respeito de seus espaços de vida, contêm uma análise perceptiva.

A identidade e o pertencimento assentados em uma região histórica, reveladora de uma formação identitária direcionada ao passado, onde ocorreu a história missioneira exigiu desafios como olhar o presente e através dele alcançar o passado para penetrar em seus mais significativos fatos históricos responsáveis, em grande parte, pela identidade, pertencimento e até mesmo o orgulho de ser missionário. Deve-se ter em mente que, nesta espacialidade, havia a presença de povos nativos que se identificavam com uma área reconhecida com seu território de vida. A chegada e o contato com os padres da Companhia de Jesus não foi fácil e nem rápida tanto na primeira como na segunda fase das missões jesuíticas e somente houve aceitação, por parte dos nativos, quando eles entenderam como propícias as intenções dos jesuítas. Os aldeamentos jesuítico-guarani ocorreram em período de intensas disputas territoriais entre as coroas de Portugal e Espanha que se refletia nos povos aldeados de difícil relação com os portugueses, invasores de seus territórios que os atacavam para escravizá-los, pois se precisava de mão de obra nos centros econômicos, como foi o caso da primeira fixação de reduções no atual território do Rio Grande do Sul.

Com os padres da Companhia de Jesus nos territórios de Espanha e Portugal, os povos tiveram proteção e melhor organização possibilitando prosperarem por longo período até a formulação de tratados além-mar que impuseram transmigração dos povos para a outra margem do rio Uruguai. Como desfecho ocorreu a fatídica guerra guaraníca e o desmantelamento dos povoados após a expulsão dos jesuítas. Deste passado conturbado restou, às ruínas dos povoados, os monumentos e um imenso legado histórico de sua gente com fatos heróicos e mártires. O progresso alcançado foi sendo relatado de geração em

geração, enaltecido e se tornando uma epopeia que induz a todos a celebrar relações de pertença para com a história regional.

De acordo com os objetivos propostos que tratam de temas da Geografia cultural, explorando especificamente os fenômenos identitários e de pertencimentos na Região Missioneira, adotou-se o aporte metodológico advindo da fenomenologia no processo de identificação dos sentimentos de identidade e de pertencimento que traduzem o apego ao lugar, por parte da população que vive na Região Missioneira. Deste modo, houve a necessidade de se efetuar exaustiva pesquisa junto às populações dos municípios que compõem os antigos Sete Povos. Os resultados permitiram constatar a presença da identidade e do pertencimento e, também, indicou elementos alimentadores de tais sentimentos e, ainda, indicou a presença de símbolos missioneiros na paisagem dos municípios servindo para alimentar e formar os sentimentos, identitários e pertença, nos habitantes.

As categorias geográficas fundamentais que receberam atenção foram as de lugar, território e região. A paisagem, por sua vez, é valorizada a partir do contexto simbólico local, lugar e também como apropriação do território. Os sentidos de identidade se referem e, ao mesmo tempo, se confundem com o de espaços de vida dos sujeitos, muitas vezes induzidos pelas relações de poder. Ao explorar o sentido de identidade, as suas relações com o passado e suas manifestações, foi possível entender uma ou mais identificações que buscam manter vínculos com a história herdada, possibilitando entender o contexto local.

A leitura bibliográfica ofereceu significativo apoio no sentido de elucidar as várias manifestações da identidade, sendo a mais comum a que remete a um passado histórico na qual seus membros parecem manter vínculo, propiciando a análise comparativa com o que se verifica localmente. Da mesma forma a contribuição dos autores, segundo as referências, trouxeram significativas elucidações no sentido de melhor reconhecer e apontar o tipo de sentimento maior observado junto aos entrevistados e, principalmente, para reconhecer a presença do processo de “descentração” dos sujeitos modernos, diante das características do mundo atual, a não existência de uma única identidade, mas várias e até mesmo contraditórias.

Destaca-se que o desenvolvimento metodológico se apoiou em análises e interpretações subjetivas advindas de diálogos junto a informantes qualificados, pessoas direcionadas, indicadas para falar sobre o tema que foi inquirido em forma

de entrevistas, exigindo contatos diretos com os entrevistados para sentir a ênfase nos laços que unem as pessoas aos lugares (municípios) da Região Missioneira. Evidentemente que, para desenvolver as entrevistas, foi necessário estar presente nos locais, uma vez que não era suficiente saber a opinião, mas, além disso, era preciso apreender o sentido das palavras e, também, a maneira como externavam sua opinião, sentimentos que o ser humano não consegue esconder totalmente. Para tanto, eles tiveram suas falas gravadas e, logo em seguida, transcritas e comentadas à luz do esboço teórico.

Na análise da identidade pautada pela valorização das representações que são cultuadas pela sociedade é possível reconhecer a presença de uma união que as fortalecem. Neste contexto, percebe-se a importância das relações de poder na questão identitária e representacional. Todo o poder tende a se representar de acordo com os objetivos próprios da classe dominante ou forjar uma formação identitária junto à população local e explorá-la social e economicamente através da divulgação por meio do turismo.

Para obter melhor compreensão a respeito dos sentimentos e do apego ao lugar foi necessário viajar pelos seis municípios que representam a Região Missioneira em um segundo momento de entrevistas e, com base no contato direto com as populações locais, buscaram-se opiniões a respeito de seus sentimentos em relação ao seu lugar missioneiro. As entrevistas aleatórias realizadas com os moradores dos municípios que formaram o segundo procedimento investigativo, teve suas informações transcritas de imediato, visto que não se estabeleceu um longo diálogo.

Em continuidade, foi desenvolvida uma análise exploratória sobre a dimensão do espaço de vida, como território e lugar daqueles que o habitam. Como resultado foi possível relacionar o contexto identitário e o pertencimento, sobretudo verificado nas relações de apego da população com o todo: a história, os personagens, os locais, as ruínas, os símbolos, enfim as heranças do passado, consentindo a constatação de que deste conjunto de elementos as pessoas assumem a condição de herdeiros do passado. Este resultado oriundo da investigação permite definir que há uma fenomenologia da Região Missioneira em concordância com o entendimento extraído das leituras em autores referenciados.

Com os resultados elaborados a partir da aplicação dos procedimentos metodológicos, no caso das entrevistas com informantes qualificados, bem como

dos aleatórios, além da presença de símbolos observados em todos os municípios da Região como que lembrando aos habitantes e viajantes a real identidade de seus habitantes, pode-se determinar que o fenômeno identitário e o sentimento de pertença tem alto grau de intensidade e é próprio de cada pessoa. Além disso, há casos em que este sentimento sucede a interação social e, em outros, se aproxima de uma identidade nacional, formada principalmente a partir de um mito fundador.

As boas convivências pessoais e a identificação com o modo de ser das pessoas locais faz com que elas sintam falta destas realidades quando saem de seus lugares, mesmo que a passeio. Fora de sua área eles assumem um tom nostálgico ao falar das Missões, acomodando nos sujeitos um complexo histórico constituído por símbolos e personagens que diferenciam o seu lugar perante os outros lugares, ressaltando a ligação com a terra e expondo uma identidade única e pautada pela diferença com relação a outras regiões.

Na comparação com as narrativas missioneiras, observaram-se os elementos positivos existentes na paisagem em união com as comunidades fixadas em seus lugares, ou seja, nos locais onde os feitos históricos ocorreram e por isso são enaltecidos por se encaixarem no contexto da história do lugar e de seus habitantes. Deste modo, se estabelecem os laços de união com tais feitos como se deles fossem e sempre fizessem parte. Assim, considera-se que os povos que se fixaram na Região Missioneira, ainda que possuíssem origens distintas e não fossem personagens da história missioneira, a assumem como sua própria história.

Em um segundo momento da análise a respeito do sentimento identitário e suas relações com as tradições herdadas e heranças do passado, destaca-se que a rica e variada dimensão histórica se apresenta encrustada em todo o território e presente por meio de subsídios que se traduzem nas heranças assumidas, apropriadas e utilizadas, no presente, por grupos humanos que na maioria dos casos analisados não são descendentes dos antigos habitantes. Deste modo revela-se o hibridismo identitário e de pertença existente nas populações dos municípios.

Por outro lado, as análises permitiram entender a importância e a função desempenhada pela música local na construção dos sentimentos de identidade e do pertencimento missioneiro. A música, sem dúvida, é o elemento mais significativo na função agregadora da sociedade em torno de uma mesma história e cujo passado de glórias, herdado, se funde com a espacialidade regional.

Nesse contexto fenomenológico e procurando alinhar a identidade e o pertencimento destaca-se que a identidade conectada ao território de vida aproxima as relações no e com o lugar e, assim, gerando o pertencimento, ainda que envolto de significados devido ao acúmulo de relações que ali se estabelecem. Logo, antecipa-se que as boas relações e as vivências dos indivíduos significam pertencimento. Soma-se a isto, o fato de estar em um lugar histórico que por si estimula a manifestação do orgulho que passa a fazer parte do discurso de vida dos indivíduos e torna-se enaltecido da entidade “morada”, embora não seja o motivo mais relevante para manifestar o sentimento de pertença.

O pertencimento e a identidade missioneira, assumidos com certo orgulho pelas pessoas, advêm da história de fatos heróicos como, por exemplo, a história local, normalmente narrada e descrita valorizando os acontecimentos grandiosos que são narrados pelos habitantes como forma de externar seu apego ao lugar e de enfatizar um contexto diferenciado e entendido como marco fundador do Rio Grande do Sul.

Retornando à conjuntura atual do processo de globalização, a análise do contexto identitário assume relevância investigativa, sobretudo em confronto com a proposta do processo de globalização que visa a unificação das regiões na conjuntura mundial das economias. Uma plêiade de estudiosos ligados aos estudos culturais e humanísticos assumiram posições contrárias valorizando os estudos a respeito das categorias de análise em Geografia, como espaço, território e lugar. Destacando-se a atenção dada aos estudos sobre os espaços de vida, os lugares e as identificações entre os indivíduos em seu espaço, fluindo os sentimento de apego do sujeito ao seu espaço de vida no papel de modificador, ou não, ao melhor viver em sua morada.

Deste modo, à ciência Geográfica coube prestar atenção aos estudos sobre o comportamento humano nos espaços de vida, vivências e de produção e reprodução dedicando maior atenção às questões culturais. Assim, enfatizaram-se os clássicos da Geografia francesa, alemã e inglesa e, neste olhar para dentro, a ciência Geográfica, mais uma vez, avança seus estudos e passa a analisar a subjetividade inerente aos grupos humanos em seus territórios, como lugar de vida e, enfaticamente, destacar os sentimentos peculiares das pessoas com seus lugares. Dessa maneira, forjando identidades pautadas pela diferença, como é o caso da Região Missioneira, inserida neste contexto de estudo cultural em Geografia e, indo

além, fazendo uso da história e se adentrando no campo da historiografia e da psicologia para alcançar as relações emocionais estudadas pela fenomenologia, como uma abordagem cuja proposta parece desafiar a ciência Geográfica a propor seguidores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, K. S. Notas Sobre a Relação Espaço-Identidade no Turismo. In: COSTA, E. B.; BUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Org.). **Valor Patrimonial e Turismo: Limiar entre História, Território e Poder**. 2012. p. 231-244.
- BARBOSA, I. D. Os Troncos Missioneiros e a construção da identidade missioneira a partir da música. **Revista Para Onde!?** v. 6, n. 2, p. 171-177, jul./dez. 2012. Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: RETO, L. A. PINHEIRO, A. Lisboa: Edições 70. 1977. 225p.
- BELLOTO, H. L. **Anais do V Simpósio de Estudos Missioneiros**. O Espaço Missioneiro e a Geopolítica Missioneira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco. Santa Rosa. 1983. p. 59-76.
- BIERNARCKY, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**. v. 2, p. 141-163, november, 1981.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: Corrêa, R.L. Rosendahl, Z. (Org.) **Geografia Cultural: Uma Antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 279-303, 2012.
- BRASIL, P. A. **Batalha de Caiboaté**: episódio culminante da guerra das missões. Senado Federal. Conselho Editorial. Brasília. 2005. 134p.
- BRUM, C. K. Turismo, Arqueologia e Literatura: Análise antropológica da construção da memória coletiva em São Nicolau/RS. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 1, n. 1, p. 54-83, set. 2007.
- BRUM, C. K. **“Essa terra tem dono”**. Representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul. Santa Maria, Ed. UFSM, 2006. 280p.
- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Christofletti, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo DIFEL. 1982. p. 165-193.
- CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: **A questão social no novo milênio** (p. 224). 2004.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições. 2007. 85p.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1999. 530p.
- CASTRO, B. Patrimônio Cultural Plural e Singular: A Dupla Face da Mesma Moeda. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. 1. ed. São Paulo. Outras Expressões. 2012. p. 37-45.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. 3. ed. Editora da UFSC, 2007. 453p.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Introdução a Geografia Cultural**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2007. p. 167-186.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: Uma Antologia**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2012. 344p.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: Uma Antologia**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2012. 344p.

ESPÍRITO SANTO, M. F. Fundamentos da Incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao Espaço Português. In: **História Geral do Rio Grande do Sul**. Volume 1: Colônia. Méritos Editora. Passo Fundo. 2006. p. 65-83.

FLORES, M. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. Nova Dimensão. Porto Alegre. 1986. p. 60.

FRÉMONT, A. **Região, espaço vivido**. Coimbra. Almedina. 1980. 275p.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 3. ed. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

GOLIN, T. **A Guerra Guaranítica: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha**. Terceiro Nome. São Paulo. 2014. p. 200.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 2006. 104p.

_____. Quem precisa da Identidade. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2014. p. 103-130.

HEIDRICH, Á. L. Território e Cultura: Argumento para a Produção de um Sentido. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre. Imprensa Livre. Compasso Lugar Cultura. 2013. p. 52-61.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro, 1992. Tese de Doutorado. UFRJ – Instituto de Geociências.

IBGE. **Estimativas Demográficas dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, IBGE, 2014.

JESUS, S. C. **Pessoas na medida: processos de circulação e saberes sobre o nhande reko guarani na região das missões**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, SC. 2015. 241p.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Ed.) **Les Représentations Sociales**. Paris: 1989, p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. UFRJ. Faculdade de Educação. 2001.

LEFEBVRE, H. **A produção do Espaço**. Trad. Doralice Barros de Oliveira, Sérgio Martins. Primeira Versão. 2006.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. Projeto História. **Revista do Programa de Pós-Graduandos de História**. São Paulo. 1998.

_____. Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo DIFEL. 1985. p. 103-141.

MARANDOLA JR, E. Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: Alternâncias e Projeções do Fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2. Inverno de 2013. Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP. Limeira, São Paulo. p. 49-64.

MENEZES, J. N. C. A Patrimonialização da Vida: Vivências, Memória Social e Interpretação do Patrimônio Cultural. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. 1. ed. São Paulo. Outras Expressões. 2012. 264p.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971. p. 662.

NEDEL, L. B. **Regionalismo, historiografia e memória: Sepé Tiaraju em dois tempos**. Anos 90. Porto Alegre. v. 11, n. 19-20, p. -347-389, 2004.

NETO, M. **A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1797, e seu suporte econômico-ecológico**. Brasília: FUNAG. 2012. p. 237.

OLIVEIRA, J. R. **Pedido de Perdão ao triunfo da humanidade: a importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2011. p. 234.

PESAVENTO, S. J. Ruínas Falantes, Fontes de Imaginação. In: BAPTISTA, J.; SANTOS, M. C. **As ruínas [livro eletrônico]: a crise entre o temporal e o eterno**. Brasília: IBRAM, 2015. p. 252.

PINTO, M. **A Construção da Identidade Missioneira no Rio Grande do Sul e as Políticas Culturais no Sul do Brasil**. Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul. 2011.

POMMER, R. M. G. **Missioneirismo: A Produção de uma Identidade Regional**. Tese de Doutorado. 325 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2008.

PORTO, A. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Edição da Livraria Selbach. v. 4, p. 462, 1954.

QUEVEDO, J. **Rio Grande do Sul: Aspectos das Missões (em tempo de Despotismo Esclarecido)**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1991.

RODRIGUES, J. C. Memória, Identidade e Lugar na Produção Simbólica do Estado de Tocantins. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de Ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre. Imprensa Livre. Compasso Lugar Cultura. p. 116-123, 2013.

SANTOS, B. S. Modernidade, Identidade e Cultura de Fronteira. In: **Tempo Social**. USP. São Paulo. v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e Identidade: Um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SASAKI, K. A Contribuição da Geografia Humanística para a Compreensão do Conceito de Identidade e Lugar. **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, Bahia. Ano VIII, n. 22, Dezembro de 2010.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. p. 73-102, 2014.

SIMON, M. **As Missões dos Sete Povos**. 3. ed. Santo Ângelo: FuRI. 2013. p. 100.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo. DIFEL. 1983. 250p.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo DIFEL. 1985. p. 143-164.

_____. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. p. 7-68. 2014.

Consulta a Sites da Internet

www.cantomissioneiro.blogspot.com.br em 08/09/2015.

http://www.nacaoturismo.com.br/uf/RS/cidade_localizacao.aspx?id=4200 em 05/12/2015.

<http://cacellain.com.br/blog/?p=77457> em 05/12/2015.

<http://adagada.blogspot.com.br/2013/09/nas-raizes-missioneiras.html> em 03/12/2015.

<http://portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1174/fotos-aereas-de-sao-nicolau-primeira-querencia-do-.html> em 14/12/2015

<http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1161/ponto-de-memoria-missioneira-.html> em 08/12/2015.

<http://www.saomiguel-rs.com.br/> em 08/12/2015.

<http://www.entreijuis.rs.gov.br/simbolos-do-municipio> em 06/12/2015.

<http://www.saonicolau.rs.gov.br/> em 05/12/2015

<http://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/> em 03/12/2015

<http://www.santoangelo.rs.gov.br/municipio.htm> em 03/12/2015.

<http://pousadamissoes.blogspot.com.br/> em 07/12/2015.

<http://www.reinograndedosul.com.br/o-reino.html> 07/12/2015 em 07/12/2015

<https://letras.mus.br/os-farrapos/259348/> em 12/12/2015

<https://letras.mus.br/pedro-ortaca/1519307/> em 12/12/2015.

<http://www.letras.com.br/#!cenair-maica/gana-missioneira> em 18/12/2015

<https://letras.mus.br/noel-guarany/262170/> em 11/11/2015.

<https://letras.mus.br/jayme-caetano-braun/1557319/> em 18/12/2015

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM INFORMANTES QUALIFICADOS

Nome:

Município:

Profissão (Área de Atuação):

Idade:

- 1. Você percebe alguma possível identidade missioneira no seu município?**
- 2. Você se sente missioneiro (a)? Por quê?**
- 3. O que faz com que a população local se identifique como missioneira?**
- 4. Na sua função, como você atua neste processo?**
- 5. De que modo você percebe esse “missioneirismo”?**
- 6. O guarani ocupou um espaço central na história das Missões. Como você analisa os nativos locais neste processo de identidade missioneira que se verifica na Região?**
- 7. Em sua opinião, qual o principal agente incentivador de tal identidade?**
- 8. De que forma a população local reverencia as Missões no dia-dia?**
- 9. Quais histórias, símbolos ou imagens, lhe vêm à mente quando se fala em Missões?**
- 10. Quando fala das Missões, o que você informa às pessoas, principalmente aquelas que vêm de fora, sobre a região histórica?**

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS ALEATÓRIAS COM A
POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS**

Município: _____

1. Você se sente missionário (a)?

2. Por quê?

APÊNDICE C – ALBUM FOTOGRÁFICO DOS SÍMBOLOS MISSIONEIRO POR MUNICÍPIOS

Município de São Borja

Figura 9 – Cruz Missioneira na Catedral, São Borja, RS



Figura 10 – Cruz Missioneira no Cais do Porto, São Borja, RS



Fonte: Fotografias de Freitas (2015).

Figura 11 – Pórtico de acesso a cidade de São Borja, RS



Fonte: Fotografia de Freitas (2015).

Município de São Luiz Gonzaga

Figura 12 – Ruínas do Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir



Fonte: Fotografia de Freitas (2015).

Figura 13 – Brasão Municipal de São Luiz Gonzaga



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga.

Figura 14 – Placa em homenagem a Sepé Tiaraju



Figura 15 – Monumento em homenagem a Sepé Tiaraju



Fonte: Fotografias de Freitas (2015).

Figura 16 – Banner alusivo a Capital Estadual da Musica Missioneira



Fonte: Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga, RS.

Figura 17 – Cruz Missioneira, Trevo de Acesso a São Luiz Gonzaga



Figura 18 – Lixeira Pública na Praça da Matriz, São Luiz Gonzaga



Fonte: Fotografias de Freitas (2015).

Município de Santo Ângelo

Figura 19 – Monumento à Família Guarani, Santo Ângelo, RS



Fonte: Fotografia de Freitas (2015).

Figura 20 – Catedral Angelopolitana de Santo Ângelo, RS



Fonte: Clic RBS.

Figura 21 – Cruz Missioneira da Praça Pinheiro Machado



Figura 22 – Túnel dos 30 Povos da Praça Pinheiro Machado, Santo Ângelo, RS



Fonte: Fotografias de Freitas (2015).

Figura 23 – Espaço Infantil da Praça Pinheiro Machado, Santo Ângelo, RS



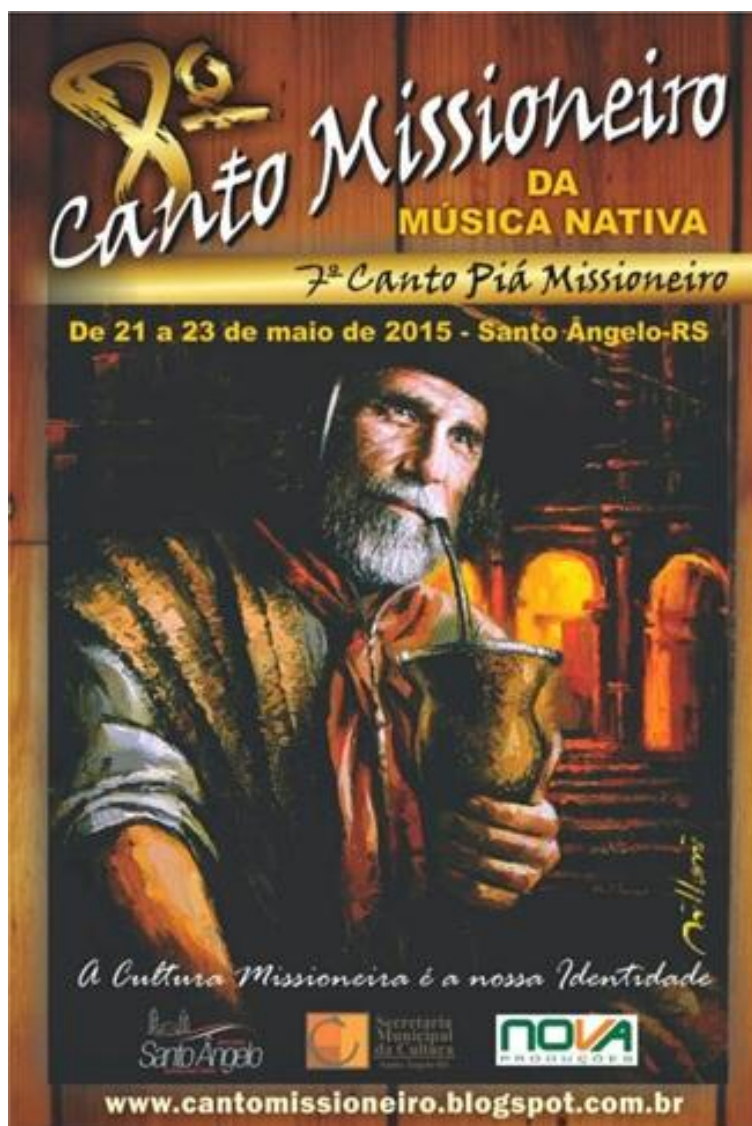
Fonte: Freitas, L. F. S. 2015.

Figura 24 – Cartaz promocional do turismo regional da FUNMISSÕES e AMM



Fonte: Portal das Missões.

Figura 25 – Banner do Oitavo Canto Missioneiro



Fonte: www.cantomissioneiro.blogspot.com.br.

Município de São Nicolau

Figura 26 – Passo do Padre, município de São Nicolau, RS



Fonte: http://www.nacaoturismo.com.br/uf/RS/cidade_localizacao.aspx?id=4200.

Figura 27 – Pórtico em construção, São Nicolau, RS



Fonte: Portal das Missões.

Figura 28 – Sítio Arqueológico da Redução de São Nicolau, RS



Fonte: Portal das Missões.

Figura 29 – Logomarca do Município de São Nicolau, RS



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São Nicolau, RS.

Município de Entre-Ijuís

Figura 30 – Brasão do CTG O Grito de Sepé, Entre-Ijuís, RS



Figura 31 – Escudo do Esporte Clube Sepé Tiaraju, Entre-Ijuís, RS



Fonte: Fotografias de Freitas (2015) e <http://cacellain.com.br/blog/?p=77457>.

Figura 32 – Sítio Arqueológico de São João Batista, Entre-Ijuís, RS



Fonte: Portal das Missões.

Município de São Miguel das Missões

Figura 33 – Interior do Ponto de Memória Missioneira, São Miguel das Missões, RS



Fonte: Portal das Missões.

Figura 34 – Brasão do Município de São Miguel das Missões, RS



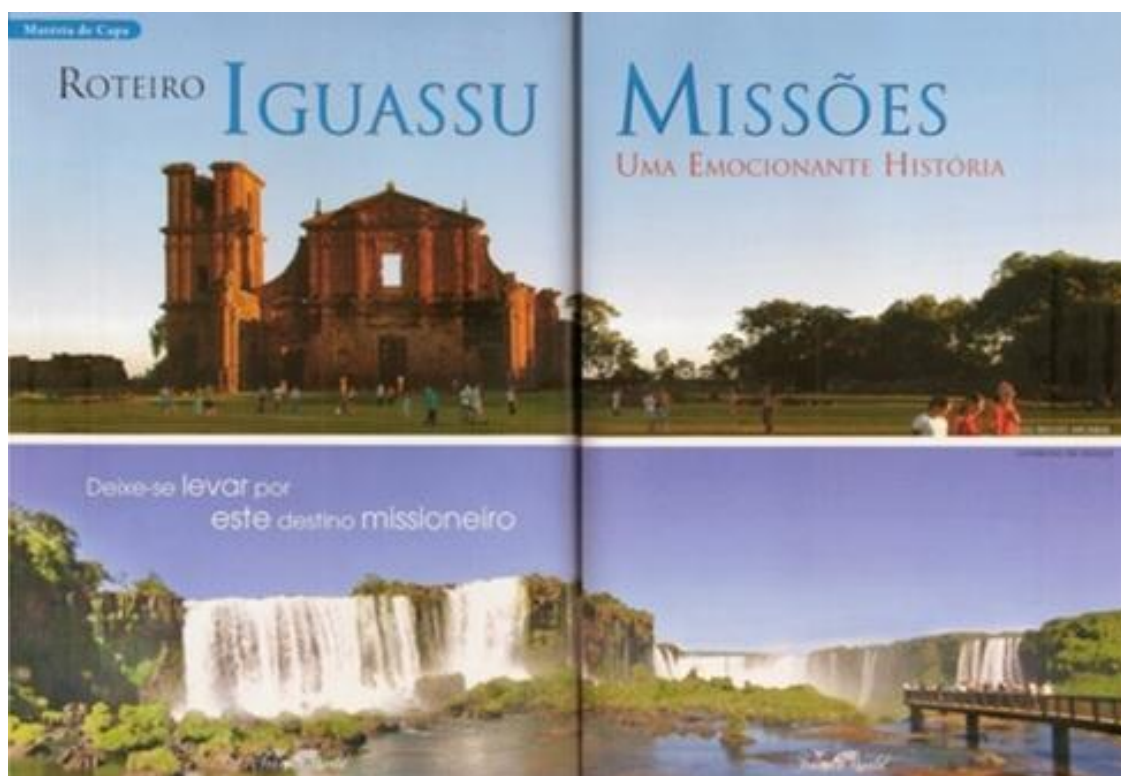
Fonte: Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões.

Figura 35 – Pórtico de acesso a São Miguel das Missões, RS



Fonte: Pousada das Missões.

Figura 36 – Folder alusivo ao roteiro Iguassu-Missões, RS



Fonte: Pousada Missões.